

UNICAMP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Cláudia Rodrigues

**O uso de blogs como estratégia motivadora para o
ensino de escrita na escola**

CAMPINAS

2008

Cláudia Rodrigues

**O uso de blogs como estratégia motivadora para o
ensino de escrita na escola**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Linguagens e Tecnologias

Denise Bértoli Braga
Orientadora

CAMPINAS

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

R618u

Rodrigues, Cláudia.

O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola / Cláudia Rodrigues. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Denise Bértoli Braga.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Blog. 2. Produção de textos. 3. Língua materna – Estudos e ensino. 4. Letramento digital. I. Braga, Denise Bértoli. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The use of blogs as a motivating strategy for the teaching of writing in schools..

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Blog; Text production; Mother tongue – Study and teaching; Digital literacy.

Área de concentração: Linguagem e Tecnologia.

Titulação: Mestre em Lingüística Aplicada.

Banca examinadora: Profa. Dra. Denise Bértoli Braga (orientadora), Profa. Dra. Angelita Gouveia Quevedo, Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes, Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras (suplente), Profa. Dra. Cláudia Lemos Vóvio (suplente).

Data da defesa: 28/11/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA:

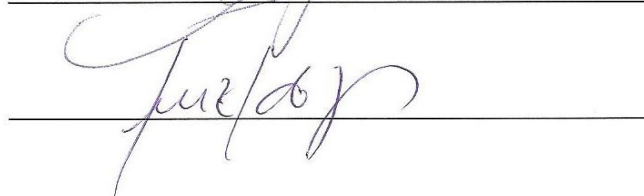
Denise Bértoli Braga



Angelita Gouveia Quevedo



Luiz Fernando Gomes



Maria Viviane do Amaral Veras



Cláudia Lemos Vóvio



IEL/UNICAMP

2008

Para Gustavo,
quem me ensinou a amar.

Agradecimentos

À Nossa Senhora Aparecida, por muitas vezes que segurou em minhas mãos e me levou a ter esperanças. Sem a sua presença, nada seria possível.

À minha mãe, Ilda, embora não entenda muito as razões de minhas escolhas, sempre me apoiou incondicionalmente.

À pessoa que faz da minha rotina encanto. Flávio César, quem sempre está por perto com olhar em vigília, atento para que eu esteja bem.

À minha irmã, Cristina, pela paciência, atenção e curiosidade dedicada em me ouvir e aplaudir, embora não seja merecedora de seus aplausos.

Ao Luiz Fernando e Tâmara que guardarei em meu coração a amizade.

À banca examinadora de qualificação, cujas pertinentes observações foram de grande importância para que eu mantivesse o foco.

Aos meus alunos por permitirem muitas experiências de aprendizagem.

À minha orientadora, pelos conselhos e compreensão das minhas limitações.

O NOVO

O anseio...
A vontade de aprender,
O excesso de perguntas
E, às vezes, de silêncio.
O medo do novo assustador.
A resistência
O conflito
As decepções diante do inexplicável
A desorganização dos antigos conceitos.
O surgimento de novas perguntas...
A insistência
O cansaço
A reclamação
As RESPOSTAS...
Organizam-se as idéias,
Entende-se a proposta.
Agora sim!
Podemos partir para um novo mundo
Recheado de conhecimentos diferentes.

Telma Eliane Medeiros de Souza

RESUMO

A presente pesquisa se insere na área de Linguagem e Tecnologia e, tendo como foco central a produção de blogs, busca investigar as possibilidades que os novos gêneros digitais oferecem para o ensino de produção de texto na escola. O estudo parte do pressuposto que é desejável trazer para sala de aula as experiências de linguagem que os alunos já vivenciam em seu cotidiano. A dissertação relata os resultados de dois estudos realizados a partir de atividades propostas para alunos do ensino médio em uma escola particular, cujas salas de aula são todas equipadas para uso de tecnologia. A pesquisa foi motivada pela constatação de que esses recursos não estavam sendo adequadamente explorados nas práticas pedagógicas.

O componente teórico da pesquisa discute inicialmente a importância da tecnologia no contexto educacional e a pertinência em rever a natureza da linguagem, considerando as transformações que a tecnologia promove. Em seguida, apresenta-se uma discussão geral sobre o blog, ambiente explorado na tarefa proposta nos dois estudos empíricos. O componente empírico relata inicialmente uma experiência que não foi bem sucedida, tentando entender os fatores que explicam o seu fracasso. O segundo estudo empírico buscou contornar as falhas do primeiro, modificando a natureza da tarefa proposta e oferecendo mais liberdade de ação para os alunos. Os resultados apontam que é pertinente utilizar o blog como uma ferramenta pedagógica, e que o uso desse recurso é motivador para os alunos e pode gerar produções complexas e criativas.

PALAVRAS-CHAVE: *blog*, produção de texto, ensino de língua materna, letramento digital.

ABSTRACT

The present research is inserted in the area of Language and Technology, and, as its central focus is the making of blogs, it seeks to investigate the possibilities the new digital genres offer to text production teaching in schools. The study presupposes that it is desirable to bring into the classroom the language experiences of which the students already live everyday. This essay reports the results of two studies which were carried out upon proposed activities to some high school students in a private school, whose classrooms are fully equipped for the use of technology. This research was motivated after establishing that those resources had not been properly explored in pedagogical practices.

The theoretical component for this research initially discusses the importance of technology in educational contexts and the relevance in revising the language nature, considering the transformations that technology promote. Next, a general discussion about *blog*, which is the explored space in the task, proposed in two empirical studies. First, the empirical component reports an unsuccessful experience, trying to understand the factors that explain its failure. The second empirical study tries to get around the flaws identified on the first, modifying the nature of the proposed task, so that offering the students more action freedom. The results point out that it is pertinent to use *blog* as a pedagogical tool and that the use of this resource is encouraging to the students and it may bring about complex and creative productions.

KEY WORDS: blog, text production, mother tongue teaching, digital literacy.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	19
LISTA DE TABELAS	20
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 – Considerações gerais sobre linguagem no meio digital	31
1.1 Letramento digital e práticas letradas cotidianas.....	33
1.2 As vantagens do uso do hipertexto na escola.....	35
CAPÍTULO 2 – <i>Blog</i>: um ambiente dinâmico para interação à distância	39
2.1 <i>Blog</i> : origem, características, conceito e funcionalidade.....	39
2.1.1 O surgimento, a expansão.....	39
2.1.2 Definições.....	41
2.1.3 Características principais.....	43
2.1.4 Como é usado e quais as vantagens do uso do <i>blog</i> para as diferentes funções.....	47
2.2 Blogsfera.....	52
2.3 O <i>blog</i> como gênero discursivo.....	53
2.4 A utilização pedagógica do <i>blog</i>	55
CAPÍTULO 3 – A produção escrita na escola e na web	57
3.1 O que é visto como legítimo no ensino de língua materna.....	57
3.1.1 A atual proposta de ensino de Língua Portuguesa.....	58
3.1.2 Refletindo sobre minha prática pedagógica.....	63
3.1.3 Como os alunos avaliam a produção escrita em aulas de língua materna.....	66
3.2 A produção escrita na <i>Web</i>	76
3.2.3 A escrita da <i>Internet</i> em tarefas escolares.....	78
CAPÍTULO 4 – Metodologia da pesquisa	81
4.1 Pesquisa, ação e reflexão.....	81
4.2 O contexto da pesquisa.....	84

4.3 Objetivos e perguntas da pesquisa.....	86
4.4 Participantes da pesquisa.....	87
4.5 Instrumentos de coleta de dados.....	88
CAPÍTULO 5 – Análise dos dados	91
5.1 Primeiro estudo.....	91
5.1.1 Uma experiência fracassada do uso de <i>blogs</i> como ferramenta pedagógica.....	91
5.1.1.1 Avaliação da professora.....	95
5.1.1.2 Os alunos avaliam a proposta aplicada em sala de aula.....	99
5.2 Segundo Estudo.....	107
5.2.1 Do fracasso surge o sucesso – o <i>blog</i> e sua eficiência enquanto recurso pedagógico.....	107
5.2.2 Primeira fase: elaboração e discussão dos temas.....	108
5.2.3 Segunda fase: produção coletiva do <i>blog</i>	115
5.2.3.1 Critérios que avaliam a tarefa.....	116
5.2.3.2 Avaliação.....	118
5.2.3.2.1 Resultado das turmas de 3ºcolegial.....	118
5.2.3.2.2 Resultado das turmas de 2ºcolegial.....	119
5.2.4 Análise dos blogs produzidos pelos alunos.....	121
5.2.4.1 Simples e Objetivo.....	121
5.2.4.2 O Palavra Polêmica.....	134
5.2.4.3 Violência na juventude.....	140
5.2.4.4 Redação Naça.....	144
CAPÍTULO 6 – Considerações Finais	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
Anexos	165

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página inicial do site Dois Neurônios – primeira tela.....	44
Figura 2: Página Inicial do site O Biscoito Fino e a Massa – primeira tela	46
Figura 3: Slide Aula de Redação – proposta de texto	67
Figura 4A: Página Inicial do site Redação em Debate – primeira tela	92
Figura 4B: Página Inicial do site Redação em Debate – segunda tela	93
Figura 5: Esquema de blog educacional.....	106
Figura 6: Página Inicial do blog Simples e Objetivo – primeira tela	122
Figura 7: Enquete do blog Simples e Objetivo.....	123
Figura 8: Mural de recados do blog Simples e Objetivo.....	124
Figura 9: Trecho do texto do aluno Lucas publicado no blog Simples e Objetivo.....	125
Figura 10: Trecho do texto do aluno Felipe publicado no blog Simples e Objetivo.....	125
Figura 11: Trecho do texto do aluno Luiz Fernando publicado no blog Simples e Objetivo	125
Figura 12: Trecho do texto do aluno Vasco publicado no blog Simples e Objetivo.....	126
Figura 13: Trecho do texto do aluno Lazlo publicado no blog Simples e Objetivo.....	126
Figura 14: Trecho do texto do aluno Leonardo publicado no blog Simples e Objetivo.....	126
Figura 15: Links gerados pelo Google para otimização do blog.....	128
Figura 16: Seção de links – publicação do Simples e Objetivo.....	128
Figura 17: Links- sugestão de visita – blog Simples e Objetivo.....	129
Figura 18: Post 1- Simples e Objetivo.....	130
Figura 19: Publicação do blog Simples e Objetivo.....	130
Figura 20: Post 2 – Simples e Objetivo.....	131
Figura 21: Post 3 - Simples e Objetivo.....	132
Figura 22: Post 4 e 5 - Simples e Objetivo.....	132
Figura 23: Página inicial do blog Palavra Polêmica.....	134
Figura 24: Post 1 – Palavra Polêmica.....	136
Figura 25: Post 2 – Palavra Polêmica.....	137
Figura 26: Publicação do blog Palavra Polêmica.....	138
Figura 27: Post 3 e 4 do blog Palavra Polêmica.....	139
Figura 28: Post 5 do blog Palavra Polêmica.....	139
Figura 29: Página inicial do blog Violência na Juventude.....	140
Figura 30: Post 1 do blog Violência na juventude.....	141
Figura 31: Post 2 do blog Violência na juventude.....	142

Figura 32: Post 3 do blog Violência na juventude.....	142
Figura 33: Post 4 do blog Violência na juventude.....	142
Figura 34: Links do blog Violência na juventude.....	143
Figura 35A: Página inicial do Blog Redação Naça – Primeira tela.....	144
Figura 35B: Página inicial do Blog Redação Naça – Segunda tela.....	145
Figura 35C: Página inicial do Blog Redação Naça – Terceira tela.....	146
Figura 35D: Página inicial do Blog Redação Naça – Quarta tela.....	147
Figura 35E: Página inicial do Blog Redação Naça – Quinta tela.....	148
Figura 36: Links - Arquivos blog Redação Naça.....	149
Figura 37: Links – Sugestões de leitura blog Redação Naça.....	149
Figura 38: Enquete blog Redação Naça.....	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 2ºRO.....	110
Tabela 2: Definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 2ºSIGMA.....	110
Tabela 3: Definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 3ºGAMA.....	111
Tabela 4A: Definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 3ºOMEGA.....	111
Tabela 4B: Definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 3ºOMEGA.....	112
Tabela 5: Distribuição geral dos alunos de acordo com o tema.....	112
Tabela 6: Endereços dos blogs alunos 3ºcolegial.....	116
Tabela 7: Endereços dos blogs alunos 2ºcolegial.....	116
Tabela 8: Gráfico – respostas tabuladas questionário 1.....	117
Tabela 9: Critérios de avaliação dos blogs.....	118
Tabela 10: Avaliação dos blogs do 3ºcolegial.....	119
Tabela 11: Avaliação dos blogs do 2ºcolegial.....	119

Introdução

Dos objetivos

Este trabalho é resultado de pesquisas e reflexões sobre o *Weblog*¹ com o propósito de estudar a viabilidade de sua utilização no ambiente escolar nas aulas de língua materna.

A influência de autores como Komesu (2005), Marcuschi e Xavier (2005), Braga (2004) é inegável na construção das reflexões aqui expressas. A partir desses autores, destacam-se os pontos fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação como a importância da tecnologia no contexto educacional, a emergência de novos gêneros discursivos e a pertinência em rever a natureza da linguagem considerando as transformações que hoje a tecnologia promove. Todos esses pontos levam à revisão do ensino do letramento no contexto da globalização, que hoje não pode excluir a linguagem e a comunicação que ocorrem na *Internet*. A partir desta concepção, o objetivo central é estudar **como o *blog* poderia ser utilizado enquanto estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola.**

O trabalho encontra-se no campo de estudo da Lingüística Aplicada, na área de concentração de Linguagens e Tecnologias. A partir dos pressupostos teóricos dessa área, analisei a incorporação do *blog* em tarefas escolares. O ponto de partida do estudo é o letramento digital, e foi motivado pelo fato de as chamadas páginas virtuais de diários pessoais terem sido pouco estudadas, principalmente no que diz respeito a seus aspectos lingüísticos.

O objetivo geral, relativo ao uso de *blogs* em sala de aula, desdobra-se em um estudo mais detalhado sobre esse ambiente. Nesta reflexão, a pesquisa buscou:

- a) Identificar conceitos e significados que a literatura atribui ao *blog*;
- b) Categorizar os diversos tipos de *blog* que hoje são disponibilizados na *web*;
- c) Testar o *blog* como uma ferramenta pedagógica no Ensino Médio, analisando a validade ou não da ferramenta para o ensino e a aprendizagem.

¹ Os *weblogs* comumente são conhecidos como *blogs*.

Das intenções e propostas da pesquisa

Minha preocupação com o ensino vem desde minha experiência prévia com pesquisa durante minha formação. Durante a graduação, desenvolvi um estudo que analisava a argumentação dos alunos do Ensino Médio a partir de textos debatidos em sala de aula. A escolha desse tema surgiu da necessidade de compreender como é construído o processo argumentativo e discursivo do aluno. O estudo da língua materna, naquele momento, atraiu meu interesse e, com o incentivo de professores pesquisadores, tive contato com teorias que embasavam a formação crítica de professores de línguas. Desde então, percebi a importância do olhar do professor para os caminhos que seguem a aprendizagem, uma vez que o exercício da prática didática fornece pistas para avaliar a qualidade do trabalho docente, para mostrar ao professor que é hora de mudanças, que é preciso que ele se atualize, reveja currículos e, enfim, mude seus posicionamentos.

A pesquisa sobre ensino mostrou que a sala de aula não deveria ser um lugar onde o professor assumisse o papel de ‘detentor do saber’, limitando-se a apresentar temas polêmicos e solicitar a leitura e produção de texto pelos alunos, mas um lugar onde o professor pudesse proporcionar momentos de reflexão conjunta, com foco em aspectos políticos e sociais. Ou seja, a sala de aula deveria ser um ambiente convidativo para a interação e a informação, e isso não se restringe apenas à leitura e à produção de textos. Notei também que, embora a teoria explicita a pluralidade de modos de construção da linguagem, entre recursos e ferramentas comunicativas, essas questões teóricas não são incorporadas às práticas pedagógicas, permanecendo no plano da constatação. Em decorrência disso, passei a incorporar o perfil de professora pesquisadora, participante de pesquisa, assumi a metodologia da pesquisa-ação por acreditar que é um processo em que os pesquisadores e participantes da pesquisa, conjuntamente, investigam sistematicamente os dados e fazem perguntas com o intuito de solucionar um problema imediato vivido pelos participantes. Em outras palavras, busquei, na pesquisa-ação a compreensão da situação-problema dado o meu interesse de avaliar, a partir de minha prática docente, a necessidade de atualização, revisão de planos.

Segundo Celani (1999), podemos explorar o contexto educacional de forma autoconsciente, ou seja, observar a natureza social e histórica de nossas relações como

agentes no processo educacional, bem como investigar a relação pensamento e ação. Somente o envolvimento na educação contínua, ao adotar uma atitude de pesquisa em relação à própria prática, pode gerar a reflexão crítica. Essas questões sugerem que o professor olhe para si mesmo, questione-se, explique-se e, eventualmente, reveja sua própria prática. Esse processo, de acordo com Cavalcanti (1999), visa à formação continuada e a autoformação do professor, sua autonomia crítica.

Na condição de professora, observo que, a despeito de a linguagem e as práticas comunicativas terem mudado muito com as novas tecnologias – uma característica da sociedade na era da globalização –, a escola² tende a discriminar e a desqualificar essas práticas. Na realidade, é notório o fato de a escola, em geral conservadora, discriminar usos de linguagens não tradicionais e escolares. Para a escola, o ensino de língua ainda se restringe às reflexões sobre normas gramaticais, privilegiando a gramática normativa e prescritiva. Isso talvez explique por que os gêneros digitais, em geral, são excluídos da escola, apesar de os alunos escreverem e lerem cada vez mais no ambiente digital e de estarem amplamente familiarizados com esses novos gêneros que fazem parte de seu cotidiano comunicativo.

Essa situação é agravada pelo fato de que, frente a essa realidade, a escola impõe ao professor uma matriz curricular que deixa pouco espaço para refletir sobre os usos da linguagem cotidiana, principalmente sobre os gêneros digitais. A exploração de tais gêneros é ainda mais dificultada, quando o professor, por não dominá-los, adota uma posição preconceituosa, para ele o “internetês” só acentua ainda mais o problema dos que “não sabem escrever e não lêem”. Na realidade, trata-se de um perfil de professor tem em geral pouco interesse nas mudanças lingüísticas, já que, na sua visão, a linguagem nos ambientes digitais é considerada fragmentada, não formal, centrada em ícones. Talvez essa avaliação preconceituosa do professor se explique por ele estar fora do meio acadêmico em que essas novas linguagens são estudadas e analisadas. No entanto, minha experiência prática indica que o aperfeiçoamento profissional por si só, parece não ser suficiente. Há

² Minhas críticas a respeito da escola, além do que comumente observo de outros colegas, envolvem também minha prática docente. Mas quanto a prática de outros professores, são observações de *diário de bordo* dos quais não desenvolvi estudo sobre tais práticas alheias, por isso a reflexão aqui expressa é tangencial apenas à minha atuação em sala de aula.

professores engajados em mestrados e doutorados que ainda avaliam o computador como sendo nocivo ao desenvolvimento intelectual e expressivo dos alunos.

Indo contra essa posição, Braga e Ricarte (2005) entendem que a Internet é necessária para a socialização dos alunos no contexto atual. Ao constituir um espaço de sociabilidade, o ciberespaço gera formas de relações sociais com códigos e estruturas próprios, não necessariamente inéditos, mas que foram adaptados às condições impostas pelo tempo e espaço virtuais. A forma como os usuários percebem o espaço, participam da interação e apropriam-se dos recursos e possibilidades de interação na Internet cria a cibercultura – termo utilizado para definir agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual. Entendo que isso não pode ser ignorado na formação do aprendiz. Minha proposta é defender que a escola não pode ignorar a Internet como fonte de pesquisa e como ambiente que propicia novos modos para a construção de cultura e comunidades.

Em síntese, tendo em vista o número crescente de atividades letradas no meio virtual, é incoerente excluir o ambiente digital do ambiente escolar. Entretanto, isso nos leva a deixar a resistência de lado e buscar entender as possibilidades positivas dos novos meios de comunicação e fontes de informação. Um possível caminho seria entender o sentido social da tecnologia que Ricarte e Braga (2005:49) defendem:

A Internet oferece atualmente um conjunto enorme de comunidades virtuais que agregam pessoas de cidades, regiões e mesmo de países diferentes, mas que têm interesses e preocupações em comum. Nesse sentido, saber – ou não saber – usar o computador e a Internet pode ser fundamental para as oportunidades de acesso que são oferecidas aos indivíduos na sociedade atual e esse conhecimento deve ser também entendido como parte da formação necessária para o exercício da cidadania.

Ao contrário das metas escolares, que tendem a ter como parâmetros os exames de processos seletivos, caberia, então, à escola preparar o aluno para a vida moderna, para a sociedade, para ser cidadão crítico, habilitado a ampliar seu domínio nos diferentes discursos propagados pela sociedade, seja no meio impresso ou digital.

Minha trajetória como professora pesquisadora somada às observações tácitas registradas em um *diário de bordo* definem minhas experiências no cotidiano escolar e

naturalmente me induzem a escolher a pesquisa-ação como metodologia de pesquisa. A escolha por essa metodologia também decorre da minha relação com a situação/problema. Embora reconheça a importância da tecnologia para a educação, minha inexperience com a prática de ensino mediada por tecnologia não me permite chegar a um denominador comum sobre ‘como fazer’. Mesmo reconhecendo e acreditando que a tecnologia é uma fonte que pode contribuir para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, senti e sinto a necessidade de explorar e analisar criticamente seu potencial em práticas pedagógicas concretas.

Desta forma, minha intenção de pesquisa é buscar conhecimento sobre como a inclusão digital, por parte de professores, pode otimizar a prática de ensino. Assim, proponho desenvolver uma tarefa nas turmas de Ensino Médio, cuja ferramenta é o *blog*, no sentido de conhecer e estudar como a tecnologia pode favorecer o ensino e a aprendizagem enquanto estratégia motivadora para o desenvolvimento de escrita na escola.

Essa intenção de pesquisa surge de uma inquietação profissional específica. Sou professora de língua portuguesa do ensino médio regular, trabalho com alunos da rede particular de ensino, em um ambiente escolar que disponibiliza acesso a tecnologia e a material multimídia como apoio para o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, paradoxalmente, essa escola que incorporou a tecnologia computacional – todas as salas de aula são equipadas com computador, *data-show*, lousa digital, ponto de *Internet* e tela de 180 polegadas –, ainda discrimina os efeitos dessa mediação tecnológica nos alunos. Ou seja, essa escola ainda banaliza o fato de os alunos trazerem para a sala de aula a linguagem que utilizam em outros meios como o virtual, tão acessado por eles e disponibilizado pela própria escola. Ignora-se o fato que a tecnologia oferece outros caminhos para construção e expressão de conhecimentos e que tais caminhos podem ser incorporados àqueles tradicionalmente já explorados pela escola.

Essa inquietação é agravada quando constatamos que, ao invés do que dita o senso comum, a ausência de recursos não é a causa dos problemas dessa instituição, mas sim o contrário: o excesso de recursos não tem contribuído tanto para o desenvolvimento docente e discente, uma vez que os sujeitos envolvidos nesse processo não procuram adaptar-se às mudanças e não sabem o que fazer com a tecnologia disponível. Em outras

palavras, não é que o ensino seja pior com a tecnologia do que com o uso de recursos tradicionais, mas, na circunstância aqui descrita, a tecnologia não tem contribuído para quase nada. Cheguei a essa conclusão ao perceber que as aulas se resumem a apresentações de textos no *power-point* ou disponibilização de vídeos. Embora não questione a utilização de tais recursos, considero pouco produtivo reduzir tecnologia a mera forma de apresentação de textos lineares e sequenciais. O meio digital é mais amplo do que isso, oferece mais recursos, pode ser explorado de outras formas, disponibiliza diversos gêneros novos e abre também a possibilidade de maior participação do aluno através de suas possibilidades de interação e interatividade.

Embora movida pelas inquietações aqui reveladas, minha proposta não é discutir “formação crítica docente”, mas sim buscar entender, a partir de um estudo empírico e análise de dados, a possibilidade de utilizar o blog como uma estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola.

Em decorrência das minhas crenças e preocupações, centrei o presente estudo em duas questões³ mais amplas, das quais classifico por questão de ordem teórica e prática, a iniciar pela primeira:

Quais são os critérios de utilização pedagógica do blog? A fim de poder responder a esta questão, busquei a partir da compreensão dos conceitos gerais de blogs utilizados para diversos fins, como empresarial ou jornalístico, caracterizar um perfil de blog cujo formato fosse adequado para o desenvolvimento da pesquisa escolar. A segunda questão foca mais no interesse dos alunos:

Como o blog poderia ser uma estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola? Essa questão será analisada a partir de tarefas escolares elaboradas juntamente com os alunos, cujo objetivo central é investigar como os alunos exploram o *blog* em atividades de produção escrita. Escolhi o *blog* por entender que esse ambiente favorece o uso da escrita e já é explorado por adolescentes que cursam o Ensino Médio. Pesquisas como as realizadas por Lingüistas e Lingüistas aplicados como Braga, Araujo, Marcuschi, Xavier, Komesu, me levaram a crer que esse é um caminho interessante para trabalhar linguagem e tecnologia no ambiente escolar.

³ Estas perguntas serviram como pano-de-fundo para definição das perguntas da pesquisa.

Partindo dos conceitos destacados pelos pesquisadores acima, busco entender a importância de olhar / investigar o contexto escolar durante o processo de formação profissional e durante a atuação profissional, até mesmo porque não sabemos ainda, de fato, como a tecnologia pode contribuir mais para o ensino, embora o número cada vez maior de discussões focalizam esse assunto.

Assim, o estudo empírico foi construído para responder as seguintes perguntas específicas de pesquisa:

1. O uso do blog como tarefa de sala de aula favorece a prática de produção textual?

2. Quais são os entraves e as alternativas que o professor de língua portuguesa precisa confrontar quando inclui o blog em sala de aula?

Meu interesse, portanto, é a partir de uma experiência prática entender como o processo de inclusão digital, por parte de professores e alunos, pode favorecer a prática pedagógica e incentivar e favorecer a aprendizagem da escrita de um modo ainda não explorado nas práticas escolares tradicionais.

A escolha de “*blogs*” como foco de observação foi motivada também pelo fato desse ambiente permitir analisar como os jovens têm buscado outras linguagens e modalidades de escrita que estão fora do ambiente escolar. A análise de um blog construído como parte de uma atividade escrita nas aulas de redação pode oferecer pistas importantes para a compreensão das diferentes fontes de informações que o aluno hoje utiliza para a construção de conhecimento e como são selecionadas tais fontes. É possível através dessa atividade também entendermos um pouco mais sobre as formas como o aluno se apropria de links e de outros recursos digitais e como explora as mudanças lingüísticas trazidas por diferentes modalidades de uso. Na prática, o *blog* é um ambiente que tem sido explorado com diferentes finalidades de uso – servir de página pessoal, forma de demarcação de um grupo, mostrar uma organização social específica ou simplesmente um álbum de família. A vantagem que esse ambiente oferece, em relação a outros disponibilizados na *Internet*, é que ele permite também discussões, interação e exposição de pensamentos. Então, por que não utilizar o blog como estratégia de ensino?

A aula de redação, em geral, contempla discussões sobre o tema a ser escrito. No debate em sala de aula, no entanto, o professor pode tomar uma postura autoritária ao centralizar a discussão. Nesse caso, embora os alunos participem do debate, a argumentação do professor tende a prevalecer. Assim, a construção argumentativa do aluno fica comprometida, em decorrência da postura adotada pelo professor em sala de aula. Talvez o argumento mais favorável ao uso de *blogs* nas aulas de redação seja o fato dele encorajar a participação dos alunos, que podem passar a interagir através da escrita com os colegas, como já fazem nos sites de relacionamento como o *Orkut*. Explorar *blogs* com finalidades educacionais pode favorecer uma ampliação do uso da escrita e também aproximar as práticas de escrita escolares das cotidianas. Esse talvez seja um caminho possível para promovermos a inclusão digital na escola e também ampliarmos a concepção escolar de letramento que exclui os gêneros digitais, cada vez mais presentes no atual contexto de globalização do mercado e da cultura.

Da organização da dissertação

A presente dissertação foi organizada em cinco capítulos. O *Capítulo 1* reflete de forma mais geral sobre a linguagem no meio digital, enfatizando algumas mudanças mais evidentes geradas pelo uso das novas tecnologias em práticas comunicativas. Esse capítulo discute como mudanças técnicas influenciariam o surgimento de novos gêneros que exploram novos recursos e novas ferramentas, os quais expandem as possibilidades de interação à distância e também adéquam a linguagem ao meio.

O *Capítulo 2* foca a discussão no ambiente blog, tema central do estudo. A discussão descreve o ambiente, seu uso inicial – diários virtuais – como ele vem sendo explorado atualmente, como um canal de interação a distância que promove a divulgação de debates, textos, imagens, o qual é muito acessado por jovens brasileiros. O capítulo também ressalta as possíveis vantagens que esse gênero traz para diferentes usos comunicativos e como tais vantagens poderiam ser exploradas em tarefas de produção textual na aula de língua portuguesa.

O *Capítulo 3* retoma a questão do ensino e reflete sobre a distância que hoje existe entre o que é ensinado na escola, que deveria idealmente preparar os alunos para a

vida social, e os usos de linguagem que vem ganhando espaço, com a popularização da Internet, em diferentes contextos da vida moderna. Esse capítulo dá maior destaque às inquietações que motivaram a pesquisa: gêneros digitais, em geral, e o *blog*, em particular, que ainda não são aceitos no ambiente escolar, embora grande parte dos alunos já tenha incorporado esses gêneros em seu cotidiano. Esse capítulo busca verificar nas respostas dos alunos, com base em dados coletados por meio de um questionário, como eles avaliam as tarefas de produção em língua materna na escola.

O *Capítulo 4* apresenta a metodologia adotada no estudo - pesquisa-ação - e apresenta em mais detalhes o contexto da pesquisa e seus participantes.

O *Capítulo 5* destina-se à análise de dados. Essa análise descreve duas tentativas de uso de blogs em tarefas de língua portuguesa, que foram propostas pela professora pesquisadora, como uma tentativa de incluir o blog na sua prática de sala de aula. A análise do corpus divide-se em 2 partes: o primeiro estudo, que ilustra as dificuldades que essa iniciativa pode trazer e possíveis explicações para o insucesso da experiência inicial. Essa discussão resgata a avaliação feita pelos alunos. O segundo estudo é uma nova tentativa de aplicação dos *blogs* em aulas de língua materna, que busca contornar os problemas enfrentados no primeiro estudo. Nessa nova tentativa foi delegado aos alunos maior controle sobre a produção de *blog*, ou seja, ela foi realizada sem um modelo pré-determinado pela professora.

O último capítulo apresenta de forma sintética os resultados obtidos nos dois estudos empíricos e sugere algumas direções e vantagens do uso de *blogs* no contexto escolar.

CAPÍTULO 1 – Considerações gerais sobre linguagem no meio digital

A sociedade muda e as mudanças lingüísticas estão ligadas a essas transformações. Essa dinâmica de modificações foi e é constantemente contaminada por mudanças e recursos que interferem em sua constituição bem como na sua construção, e as mudanças técnicas influenciariam também o surgimento de novos gêneros, cujos recursos se adaptam às diversas formas de interagir com o texto. Se antes o leitor se apropriava do rolo de papiro, do códex e, posteriormente, das páginas impressas, hoje se apropria da tela virtual. Porém, se por um lado, a intenção da leitura e acesso à informação continua a de sempre - formar, informar, tornar público – por outro lado os recursos utilizados para o acesso à leitura sofrem constante evolução. Se anteriormente tínhamos o texto preso à duas barras de madeira para rolamento, temos hoje duas setas virtuais que fazem o mesmo trabalho. Se antes tínhamos à disposição vários livros que deveríamos folhear exaustivamente para encontrar e definir informações específicas, hoje temos o hipertexto, que oferece *links*, acessos, pontes e nós, que fazem o mesmo trabalho. O que gera tal diferença? A inteligência em criar, desenvolver e aprimorar a linguagem e recursos comunicativos do homem, a busca por meios mais eficientes promove essas constantes mudanças.

A tecnologia afeta a linguagem. Se analisarmos, por exemplo, a linguagem jornalística, veremos que, em décadas recentes, ela se diversificou à medida que foi se apropriando de novos recursos oferecidos pelos meios técnicos. O estilo jornalístico tendeu a adotar uma linguagem mais informal, passível de ser entendida por parcela maior da sociedade, e na busca de alcançar novos leitores houve mudanças na linguagem que passou a explorar cada vez mais aspectos visuais (Kress, 1999).

Essas mudanças não ocorreram de forma isolada. Na busca de suprir as necessidades comunicativas da sociedade moderna, o desenvolvimento tecnológico propiciou o aparecimento de novos recursos e modalidades de leitura e escrita as quais sofreram adaptações de acordo com a necessidade e a intencionalidade de diferentes atuações de comunicação. O resultado são, entre outros, o aparecimento dos novos gêneros textuais que exploram as propriedades do mundo digital, como os *chats*, *blogs*, *msn*, *e-*

mails. Tais gêneros, que ainda carecem de muitas pesquisas, ilustram a existência de novas práticas de linguagem que demandam novos letramentos.

A *Internet*, sobretudo, teve um impacto grande no processo de mudança da linguagem, bem como influências e interferências na forma de comunicação da sociedade moderna. Ao falar de letramento hoje, torna-se quase impossível não citar o computador, já que este influenciou nossa maneira de ler, expressar, interagir e buscar informações. Essas questões tem sido debatidas na academia e a mídia, em geral, basta levarmos em considerações as publicações recentes que envolvem o tema ‘inclusão digital’.

Em tese, a *Internet* ampliou as formas de comunicação de duas maneiras: abriu canais de interação à distância síncrona, como *chats* e *msn*; e assíncrona, como os *blogs* e o *orkut*, e também permitiu a publicação de uma vasta gama de novos gêneros textuais muitos dos quais integram modalidades lingüísticas na construção de textos (escrita tradicional, textos orais, recursos sonoros, imagens estáticas e em movimento). Esses textos podem ser veiculados de forma impressa e a grande maioria, recursos comunicativos do meio, adequando o texto à nova modalidade, precisa ser lido na tela.

Isso nos leva a rever as conseqüências que as novidades tecnológicas trazem para os estudos de texto, ou seja, quais as relações entre informática, educação, linguagem e cognição, pois, como observa Marcuschi (2000: 87), “*o computador mudou nossa maneira de ler, construir e interpretar textos e mostrou que não há formas naturais de produção textual e leitura*”. Trata-se de um caso importante para analisar: como tecnologia e cultura interagem de forma sistemática e significativa interferindo nas práticas da leitura e escrita.

Esse impacto reflete-se também no âmbito escolar. Não há dúvidas de que a mediação da tecnologia afeta o modo como construímos e lemos textos, e isso tem interferido na escrita de nossos alunos que constroem periodicamente *blogs*, participam do *orkut*, conversam utilizando mensagens eletrônicas. O computador, nesse sentido, passa a ser mais um meio que oferece acesso à diversos tipos de letramento, que adéquam a escrita aos novos recursos disponibilizados pela tecnologia. Dessa forma, com o objetivo de compreender a natureza da linguagem, faremos uma breve discussão sobre gêneros digitais e sobre as características centrais que tipificam o hipertexto e afetam a leitura em ambiente hipermídia: não-linearidade e multimodalidade. Essa breve revisão de conceitos é

necessária para entendermos o potencial educacional de blogs, já que essa ferramenta permite que o produtor explore diferentes gêneros digitais e também recursos de hipermídia ao construir seus textos e colocar suas posições “online”.

1.1 Letramento digital e práticas letradas cotidianas

O uso da tecnologia digital em práticas cotidianas ocupa, cada vez mais, maior espaço. Essa expansão de uso é tal que a falta do domínio da leitura e produção de textos nesse meio implica novas formas de exclusão social. Essa questão tem sido salientada por autores como Coscarelli (2002). Segundo a autora

Não há dúvidas de que a informática e, sobretudo, a Internet têm provocado inúmeras mudanças em nossa sociedade. Já não precisamos mais esperar tempos para uma carta chegar ao destinatário, sair de casa para ir ao banco, ler enciclopédias na estante, fazer supermercado, ir à escola. Podemos conversar com desconhecidos sem que eles nos vejam e sem que saibamos quem são; programar as músicas que a rádio vai tocar; enviar para o destinatário cartões que cantam e dançam; criar histórias animadas sem saber desenhar; entre outras coisas que soariam estranhas há pouco tempo. (Coscarelli, 2002:65)

Ou seja, são notórias as mudanças ocasionadas em nossa forma de ler, produzir textos, ver o mundo com o advento da tecnologia. Isso reflete diretamente na natureza dos textos veiculados no meio digital. Entre as transformações, surge

o aparecimento de outros tipos e gêneros textuais, além dos textos em circulação em nossa sociedade letrada, outros aparecem e merecem ser pesquisados com profundidade. Entre eles, poderíamos citar o Chat, o hipertexto, a multimídia, a hipermídia, os banners publicitários, a literatura digital em toda a sua diversidade, e, provavelmente, alguns outros que ainda não somos capazes de mencionar. (Coscarelli, (2002: 65)

A autora ressalta ainda que a escolha de programas nesse meio favorece certos modelos de letramento e a exclusão de outros. Isso indica a importância da inclusão do uso da Internet no contexto escolar de modo a promover a interação do aluno com o mundo e também como uma forma de fazer com ele acompanhe as novas mudanças.

De fato, poderíamos dizer que se tornou uma necessidade cotidiana de toda a atual geração. Como opontou Coscarelli, a tecnologia promove hoje novas relações de troca, mobilidade, interação, diálogo e escrita. O ciberespaço configura nova era, a da informação ilimitada, do acesso a infinidades de janelas, a hipertextualidade do meio digital, o que promove também uma nova sociabilidade, a interatividade via tela, permitindo novas relações sociais por indivíduos interligados a tecnologia.

O computador é hoje um aparelho tão essencial na vida das pessoas quanto eletrodomésticos já pertencentes ao cotidiano de alguns. No entanto, vale lembrar que ainda uma parcela muito pequena da sociedade convive com o uso doméstico do computador, embora em estabelecimentos como bancos, atendimentos, supermercados, o acesso a tecnologia – o que oferece conforto ao consumidor – já esteja bem consolidado. A Internet é defendida por muitos pesquisadores hoje como “*um genuíno espaço humano de práticas sociais*”, conforme destaca Araújo (2007) no capítulo introdutório de ‘Internet e Ensino – novos gêneros, outros desafios’, no qual reúne uma série de autores que discutem a utilização da linguagem na rede mundial de computadores pelos estudantes, e o que as instituições de ensino e aprendizagem devem fazer.

Mesmo aqueles que não têm acesso em casa, Marcuschi afirma que a presença do computador na escola já é uma realidade, mas o problema é a ausência de políticas reflexivas que façam desse instrumento um aparato para os alunos, de forma a diferenciar a aprendizagem e a estabelecer a conexão com outras leituras. Para o autor, a maior preocupação não é o modo de aplicar essa nova tecnologia em escolas, mas diz respeito “*aos processos de produção e compreensão e sua relação com as questões cognitivas ainda mal conhecidas*” (Marcuschi, 2000:88). As pesquisas que envolvem tecnologia e linguagem, embora tenham avançado em seus estudos, ainda não deixam claros muitos conceitos, e apontam que ainda há muito por analisar sobre o tema. Entretanto, sabemos que não basta informatizar a escola oferecendo laboratório e recursos hipermídia. É necessário que atualizemos as práticas de ensino, explorando o computador como uma ferramenta pedagógica.

A escola, por ter sua prática de sala de aula centrado no professor, ainda tem dificuldade de perceber como as possibilidades de interação entre alunos, mediadas pela

língua escrita, pode favorecer novas formas de aprendizagem colaborativa e também o domínio da própria língua escrita. A possibilidade de interação e publicação na *Internet*, propiciada por diferentes ambientes – *chats*, *blogs*, páginas pessoais, *e-mail*, *Orkut*, entre outros – pode levar o aluno a engajar-se de forma mais afetiva com as atividades escolares, que deixam de ser um mero pretexto para a avaliação do professor.

O trabalho com esses novos gêneros também deixa evidente a necessidade de entendermos melhor a natureza da construção de sentidos em textos que exploram os recursos do hipertexto e da hipermídia, já que tais gêneros vem progressivamente incorporando links e integrando diferentes tipos de linguagens, como fotos, imagens, vídeos.

1.2 As vantagens do uso do hipertexto na escola

Alguns autores como Marcuschi (2000) têm se preocupado em melhor definir o potencial pedagógico do texto digital, como uma forma, talvez, de minimizar as barreiras e a resistências que ainda são colocadas. Para o pesquisador, o hipertexto no domínio das atividades escolares, particularmente no que se refere à prática da escrita, contribui no sentido de tornar o aluno apto a compreender as rápidas mudanças do mundo atual, como alguém que faz parte ativa dele, questionando-o sempre para encontrar as respostas mais adequadas. O hipertexto é uma organização textual que explora recursos, como os *links*, que permitem o acesso a outros tipos de textos, imagens e informações; assim, ao compararmos uma leitura linear – como os textos tradicionais – a uma leitura hipertextual, podemos ver que a segunda oferece maior disponibilidade em intertextualidade, abrindo caminhos para outras leituras, outros pontos de vista. Marcuschi (2000: 93) defende essa multiplicidade de ramificações do hipertexto por “*permitir a possibilidade de múltiplos graus de profundidade simultaneamente, já que não tem seqüência nem tipicidade definida, mas liga textos não necessariamente correlacionados*”.

Dessa forma, por exigir um grau de conhecimentos prévios e maior consciência quanto à compreensão da leitura, o hipertexto é um convite a outras leituras; no âmbito escolar é um instrumento que pode exigir do aluno muito mais do que o livro didático. Concordando com Marcuschi (2000: 96), entendemos que precisamos buscar respostas para

muitas perguntas sobre os mecanismos mentais e estratégias cognitivas que os sujeitos usam na compreensão e produção dos hipertextos. Precisamos, também, avançar nosso conhecimento teórico sobre a natureza desses novos modos de organização da linguagem.

A multiplicidade de sugestões de caminhos indica a complexidade do objeto a ser analisado. Alguns autores como Marcuschi (2000) sugerem pesquisas que estudem e descrevam novas formas de leituras e estratégias de lidar com o texto; Koch (2002), acredita que a Lingüística Textual possa auxiliar eficazmente na compreensão do funcionamento do hipertexto; Halliday (1996) entende que o hipertexto apresenta-se como *“um bom momento para se refletir de maneira mais sistemática sobre o contínuo das relações entre oralidade e escrita e o surgimento de uma série de novos gêneros textuais no contexto da tecnologia eletrônica”*; Braga (2003), aponta para a *“necessidade de uma revisão dos conceitos tradicionais de texto e autoria”*, e sugere a necessidade de *“novas formas de leitura, potencialmente mais livres”*.

Há também outras diferenças a serem consideradas. Os autores enfatizam a liberdade do leitor como Lévy (1999) e Xavier (2002), outros como Braga & Ricarte (2005) e Braga (2004) preocupam-se com o direcionamento persuasivo dos *links* digitais.

De modo geral, parece ser consensual entre os autores a noção de que o hipertexto é um texto que traz conexões, *links* com outros textos que, por sua vez, conectam-se a outros, e assim por diante, formando uma grande rede de textos. Além disso, apresenta em seu formato recursos não-verbais como imagens, ícones, animações e outras marcas que orientam os caminhos de navegação como, por exemplo, as diferentes formas de mostrar que um botão está ou não ativado.

Koch (2002) nos oferece uma definição geral interessante. Para a autora,

O hipertexto constitui um suporte lingüístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas. Segundo a maioria dos autores, o termo designa uma escritura não-seqüencial e não-linear, que se ramifica e permite ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado de outros textos, a partir de escolhas locais e sucessivas em tempo real. Koch (2002:63)

Essa nova forma de organização textual requer novos modos de leitura. Machado, ao discorrer sobre leitura hipertextual, classifica a interação com hipertexto como sendo um processo de leitura multilinear, multissequencial e indeterminado.

Não se trata mais de um texto, mas de uma imensa superposição de textos que se pode ler na direção do paradigma, como alternativas virtuais da mesma escritura, ou na direção do sintagma, como textos que correm paralelamente ou que tangenciam em determinados pontos, permitindo optar entre prosseguir na mesma linha ou enredar por um caminho novo. Machado (1996:64)

Esse conjunto de características fazem do hipertexto um texto interativo, de acordo com Bolter

o hipertexto procede pela interconexão entre leitor e autor, propiciada pela multissemiótica e pela acessibilidade ilimitada e, por outro lado, pela contínua relação de um leitor-navegador com múltiplos autores em quase sobreposição em tempo real, chegando a simular uma interação verbal face a face. (Bolter, 1991:27 apud Marcuschi, 2000:96)

Essa breve retrospectiva teórica indica uma realidade lingüística que é não só atual, como também abre caminhos muito promissores para as tarefas que visam desenvolver as habilidades de produção textual. Todas essas razões justificam as iniciativas de exploração da linguagem digital nas práticas de ensino das aulas de língua portuguesa.

No presente estudo, dentre as diferentes materializações textuais possíveis, optei por analisar o uso de *blogs* em tarefas escolares. Essa escolha foi motivada pelo fato do *blog* ser um gênero híbrido. Ele é ao mesmo tempo individual (controlado pelo produtor do *blog*), como também aberto (já que abre espaço para colaborações coletivas). Outra vantagem de focar em *blogs* como objeto de estudo é que eles também tendem a explorar recursos expressivos dos hipertextos e textos hipermídia: links, integração de linguagens.

*O capítulo que segue, discutirá de forma mais aprofundada
sobre as características dos blogs em geral.*

CAPÍTULO 2 – *Blog*: um ambiente dinâmico para interação à distância

2.1 *Blog*: origem, características, conceito e funcionalidade

Como já discutimos no capítulo anterior, nos últimos anos, em decorrência do advento da *Internet*, houve o aparecimento de muitos gêneros novos. Atualmente já se consolida uma literatura que defende a emergência desses gêneros, conforme pesquisas de Biasi-Rodrigues (1998), Komesu (2004/2007), Araújo (2002/2005/2006), Coscarelli (2002/2005) Marcuschi (2004/2000) Braga (2004/2007), Collins & Ferreira (2004), Koch (2002), Ribeiro (2007), Sousa (2007). Em tese, todos concordam que a escrita digital é mais uma entre as diversas maneiras de usar a língua e que as normas que regem a construção de textos vai depender da situação de uso. O *blog* representa um desses usos. Como já mencionamos, trata-se de um gênero muito interessante, porque é híbrido, podendo ser fechado (de controle individual) ou aberto (para produções coletivas), além de apropriar-se dos recursos expressivos das novas modalidades: *links*, imagens, hipertexto. Para orientar melhor uma proposta de uso de *blogs* em tarefas escolares, apresento a seguir um estudo mais detalhado sobre o gênero.

2.1.1 O surgimento, a expansão

O site wikipédia⁴ relata que Jorn Barger, autor de um dos primeiros FAQ – (*Frequently Asked Questions*), foi o editor do *blog* original *Robotwisdom*, que concebeu o termo - "*weblog*" - em 1997. Barger conceituou-o como uma página da *Web* em que um internauta define algumas páginas interessantes que encontra. De acordo com o mesmo site, o termo "*weblog*" foi alterado por Peter Merholz, que pronunciava "wee-blog", tornando viável mais tarde a redução a *blog*. Rebecca Blood, uma das primeiras atuantes na criação de *blogs*, no ano de 1999, afirma que os *blogs* são distintos em formas e conteúdos, sendo rudimentares em design e conteúdo das publicações. Apesar disso, a autora acreditava que o número de adeptos ao gênero cresceria.

Algum tempo depois de sua criação, esse sistema foi descoberto por repórteres e editores de vários países, passando a servir de ferramentas para um novo gênero de

⁴ <http://pt.wikipedia.org>

jornalismo, uma tribuna para a exposição das opiniões que normalmente são deixadas de lado na cobertura noticiosa, ao mesmo tempo em que põem em contato direto leitores e jornalistas. O BliG do US⁵ foi o primeiro *weblog* de jornalismo entre os portais da *Internet* brasileira. O Último Segundo⁶, outro *blog* jornalístico, passa também a abrir esse canal aos seus leitores, e dá o primeiro passo oferecendo seu conteúdo, acrescentando as impressões pessoais daqueles que produziram o material para ser debatido, enquanto os leitores propõem as discussões, enviando os temas que consideram importantes. Os comentários não se restringem às notícias publicadas na página, uma vez que o leitor pode enviar *links* de notícias publicadas em outros veículos, até mesmo em outros países, para ampliar os horizontes do debate. A interação leitor/autor apresenta-se como característica visível e essencial.

Hoje esses diários virtuais são um fenômeno em expansão na *Internet*. Em março de 2002 os números da pesquisa do Ibope mostravam O Blogger Brasil⁷, entre os serviços de diários virtuais, em 14º lugar com 73 mil visitantes. Um ano depois o provedor já era o terceiro mais visitado da lista com 487 mil visitantes⁸. Em 2008 a Technorati registrava cerca de 3 milhões de *blogs* brasileiros⁹.

No *site* MundoTecno¹⁰ – página que reúne todo conteúdo que engloba tecnologia, internet e diversão – divulga pesquisa que apresenta dados que colocam o Brasil em 5º lugar entre as nações com maior número de leitores de *blogs* e 3º entre as que têm mais blogueiros¹¹. Considerando que dos 170 milhões de blogueiros do mundo, 5,9 milhões

⁵ <http://bligus.blig.ig.com.br/>

⁶ <http://ultimosegundo.com.br>

⁷ O Blogger Brasil é um provedor que oferece diários virtuais gratuitos. Existem vários serviços gratuitos que permitem criar diários virtuais, no entanto, o mais atraente hoje é o Blogger Brasil (blogger.com.br): além de apresentar uma interface abrangente e bem organizada, oferece uma ótima coleção de modelos visuais (*templates*) e insere um quadro publicitário (*banner*) bastante discreto nos diários virtuais.

⁸ Dados divulgados no jornal Folha de São Paulo em 26/02/03.

⁹ http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/cultura_digital/na_midia/index.php?p=20645&more=1&c=1&pb=1

¹⁰ <http://mundotecno.inf>

¹¹ Esses dados foram publicados em 10/08/2007 (www.mundotecno.info/noticias/brasil), estima-se que hoje já tenhamos superados esses números. O *site* Idgnow (www.idgnow.uol.com.br) complementa a informação revelando que somos o 3º lugar em número de internautas, 4º em envio de fotos, 3º que mais assiste a vídeos, 3º que mais escuta *podcasts* e o 2º que mais fala em *messengers*.

são brasileiros¹². Além disso, os dados indicam o *blog* como uma das principais formas de expressão atualmente.

2.1.2 Definições

Encontrei dificuldades em conceituar o termo “*blog*”, tendo em vista que não há muitas pesquisas sobre o assunto e de esse conceito ter se expandido e variado nos últimos anos, em decorrência de sua definição cada vez menos consensual, dada a diversidade de formas, objetivos e contextos de criação, bem como a diversidade e distinta natureza de seus criadores.

No entanto, encontramos na Internet definições mais comuns de *blog* como “*uma página da web cujas atualizações são organizadas cronologicamente de forma inversa*”¹³. No glossário tecnológico do portal Digitro, o *blog* é apresentado como “*um serviço diário oferecido pela Internet para o público em geral*”¹⁴. Em outro momento, em consulta a um dicionário básico para a Internet¹⁵ encontramos uma definição mais detalhada de *blog*: “*um diário pessoal e público publicado na internet - é um tipo de página pessoal no qual o dono desenvolve alguma conversa sobre um ou vários assuntos interessantes e deixa aberto um mural com a opinião dos visitantes*”. Em síntese, a análise das definições encontradas na rede leva-nos a entender que *blogs* são páginas pessoais que têm mecanismos de interação e permitem manter conversas entre grupos.

No meio acadêmico, também não encontramos, nas referências bibliográficas, definições precisas do termo. A literatura discute gêneros digitais de forma mais ampla ou foca em outros gêneros específicos. A título de ilustração, Crystal (2001) e Araújo (2006) estudam os *e-mails* e *chats*; Correia (2003), Pereira (2004) e Sanches (2005) estudam os fóruns de discussão; Arruda (2005), as aulas virtuais; Komesu (2004) e Caiado (2007), os *blogs*.

¹² Estatística encomendada pela Intel à agência McCann, dados que compõem a pesquisa Social Media. Realizada em 21 países entre o final de 2006 e início de 2007 com 10 mil pessoas, a pesquisa mostra que a Europa possui o dobro de internautas em relação ao Brasil e ao México. Juntos, os dois países somam quase 40 milhões de usuários com acesso à *web*.

¹³ pt.wikipedia.org/wiki/Blog.

¹⁴ www.portaldigitro.com.br/pt/tecnologia_glossario-tecnologico.php

¹⁵ www.paraibaonline.com.br

Ao iniciar seus estudos sobre *blog*, Komesu (2005) tinha como recorte o “público e o privado” do gênero, e já havia percebido a dificuldade em definir o termo. Na verdade, ainda há poucos trabalhos que abordam essa temática na área dos estudos da linguagem, a discussão é mais difundida na área da Comunicação, na qual encontramos Oliveira (2002, 2007), Primo (2006) e Schittine (2004).

Entre as definições encontradas na Lingüística destacamos a de Marcuschi (2005:29), acreditando que seja a mais pontual. Para o autor, *blogs* são “*como diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos*”. O pesquisador neste texto considera que no *blog* há uma escrita menos monitorada do que a dos *e-mails* e mais livre nos aspectos morfológicos e lexicais.

Também trazemos Primo (2006)¹⁶, pesquisador da área da Comunicação, que apresenta em seus estudos uma definição talvez mais clara para o gênero:

O termo “blog” designa não apenas um **texto**, mas também um **programa** e um **espaço**. Primeiramente, blog indica um espaço onde blogueiros e leitores/comentaristas se encontram. Para se ter um blog, enquanto texto e espaço, utiliza-se normalmente um programa de blog[1]. De qualquer forma, o blog/programa não é condição necessária, pois o blog/espaço[2] e blog/texto[3] podem ser construídos através de recursos convencionais para a publicação de sites (HTML, PHP, MySQL, FTP, etc.). (destaques nossos)

Quando o autor se refere ao programa de *blog* [1], fala de um *software* que facilita a escrita e publicação na *Web* em formato de inserções textuais (*posts*) dispostos na ordem cronológica inversa, e oferece também outros recursos como arquivamento e recuperação de textos anteriores, comentários, indicações, etc. O *blog/espaço* [2] e o *blog/texto* [3] não necessitam do programa, e alguns sites como o Blogger oferecem ao internauta o serviço gratuito com mecanismo simplificado de publicação e hospedagem. O *blog/texto* possui fotos, ilustrações, vídeos, música. Um *fotolog*, por exemplo, dá destaque à fotografia, mas não deixa de ser um *blog* por isso. O autor ainda cita alguns exemplos que descrevem as três acepções do termo: a) como programa: “Parei de usar o Blogger. Instalei

¹⁶ Acesso em 20/01/2008, disponível em <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/insanus.pdf>

o Movable Type”; b) como espaço: “Não encontrei teu *blog* no Google. Qual o endereço dele?”; c) como texto: “Li ontem teu *blog*”.

Considerarei neste estudo que o *blog* não se reduz apenas ao conceito apresentado por Primo e Marcuschi, embora sejam definições pertinentes para sua caracterização. Conforme dito anteriormente, a diversidade de formas, o contexto de criação, os estilos e formatos do gênero têm se expandido e variado constantemente. Isso talvez tenha contribuído para a dificuldade em encontrar uma definição. Tendo em vista isto, optei por verificar quais as características do gênero, bem como formato e uso para entender melhor o que é um *blog*, do que reduzir a apenas a conceituação.

2.1.3 Características principais

De modo geral, o “*blog*” ou *blogue* (em uma versão mais próxima à grafia portuguesa), é uma página comparada a um diário virtual, uma vez que apresenta registros frequentes de informações, atualizados por meio de inserção de mensagens, mais conhecidas como *posts*, e cuja apresentação obedece à ordem cronológica ascendente (inicia-se a página pelo *post* mais atual). Os *posts* podem pertencer ou não ao mesmo gênero de escrita, fazer referência ao mesmo assunto ou ter sido escrito pela mesma pessoa ou por pessoas diferentes, isso vai depender de divulgação, interesse e aceitação do usuário proprietário do blog para publicação do comentário. O *blog* é caracterizado pelo tom informal e pela diversidade de temas que pode abordar. Como pode ser escrito por uma ou mais pessoas, costuma expressar uma gama ampla de idéias e opiniões.

As informações técnicas a respeito do autor ou do estilo do *blog* podem ser classificadas como: perfil, imagens, enquetes, textos, e também *sites* relacionados ao tema do *blog* e/ou ao interesse de quem o cria. As ferramentas, disponibilizadas na Internet por servidores e/ou usuários comuns, abrangem: registro de informações relativas a um *site* ou domínio da Internet quanto ao número de acessos, páginas visitadas, tempo gasto, origem e destino do visitante (*site* ou página de onde veio e para onde vai), e uma série de outras

informações. Da mesma forma, os sistemas de criação e edição de *blogs* são muito atrativos pelas facilidades que oferecem, pois dispensam o conhecimento de *html*¹⁷.

Com muita frequência, o *blog* utiliza *links* para a conexão com outros textos, abrir outras janelas, ou até mesmo organizar a página em tópicos de acesso. Os textos publicados são normalmente de pequenas dimensões e permitem aos leitores inserir comentários sobre o que foi publicado. Nesse caso, quando o *blog* recebe algum comentário, o autor da página é notificado pelo gerador do *blog*, que envia uma mensagem para a caixa postal do autor.

O *blog* é estruturado a partir de um título no alto da página e, quase sempre, também um texto ao lado esquerdo, com a finalidade prática de identificar o tema e o objetivo do *blog* ou de trazer informações sobre o autor – em geral, um breve currículo, que varia em formato e linguagem, como é apresentado no *blog*¹⁸ a seguir:

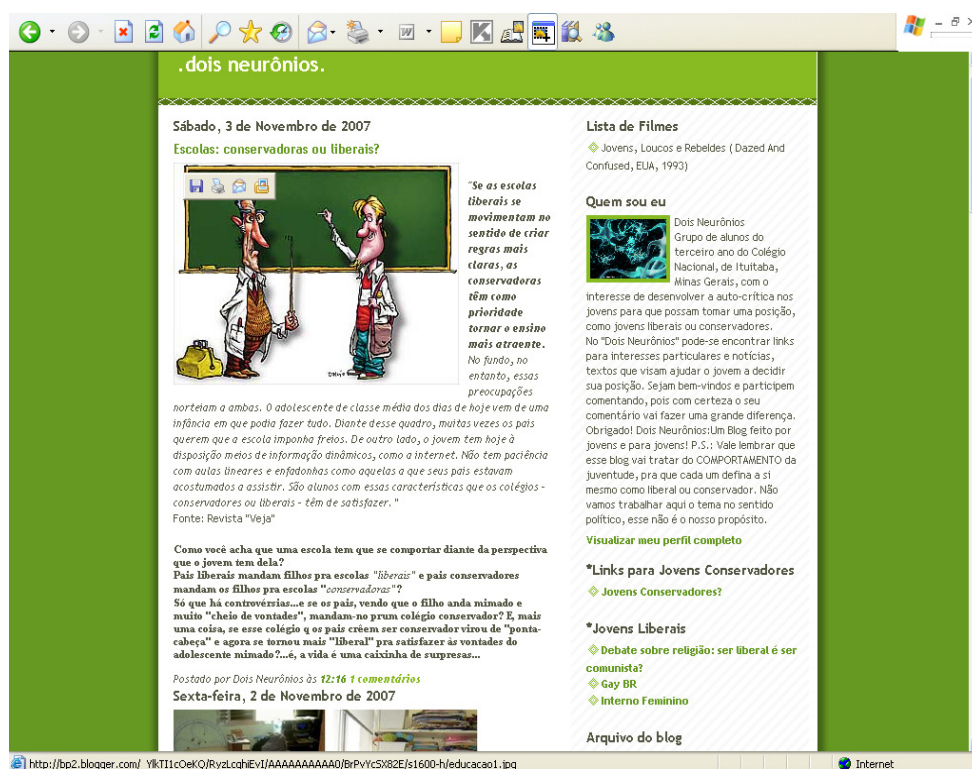


Figura 1 – Página Inicial do site Dois Neurônios – primeira tela – <http://emdoisneuronios.blogspot.com>

¹⁷ Html (Hyper Text Markup Language - Linguagem de Marcação de Hipertexto) é uma linguagem para a produção de páginas na Web.

¹⁸ <http://emdoisneuronios.blogspot.com/> Acesso em 20/02/2008.

Ainda quanto ao aspecto gráfico, a página apresenta uma coluna – geralmente disposta à direita da tela, abaixo da descrição¹⁹ – que contém *links* para rádios (que pode ser considerada uma ferramenta para o blogueiro); *sites* de jornais²⁰; indicações de outros *blogs* que pertencem ao domínio da blogosfera; propagandas²¹. A estrutura de um *blog* é hipertextual, e é permitido acesso público e gratuito ao conteúdo da página ao usuário *on-line*. Entretanto, o blogueiro é livre para formatar o *link* que desejar, desde o seu formato – um ícone, uma animação, uma palavra ou frase – até o seu conteúdo. Portanto, o *link* é uma ferramenta indispensável, uma vez que os *blogs* apresentam arquivos de textos e comentários antigos em formato hipertextual, conforme recorte abaixo do blog “O Biscoito Fino e a Massa”²², respeitado pela blogosfera intelectual que aborda temas de política, literatura, música e futebol:

¹⁹ Este formato pode variar de acordo com o *template* (modelo de documento com apresentação visual e instruções para inserir conteúdos) escolhido pelo usuário.

²⁰ Isso é possível quando o gerador do *blog* oferece a opção de inserir links para os principais jornais do país. O blogueiro informa uma palavra-chave e tudo a respeito daquele tema é linkado na página e atualizado a cada nova entrada.

²¹ Muitos blogueiros vivem do *blog* (ganham dinheiro com ele). Isso ocorre quando o *blog* é bastante acessado/visitado. Um grande número de visitas diárias permite ao blogueiro usar programas de afiliados como o Google AdSense, Buscapé e MercadoLivre para publicar anúncios.

²² <http://idelberavelar.com> Acesso em 15/03/2007.

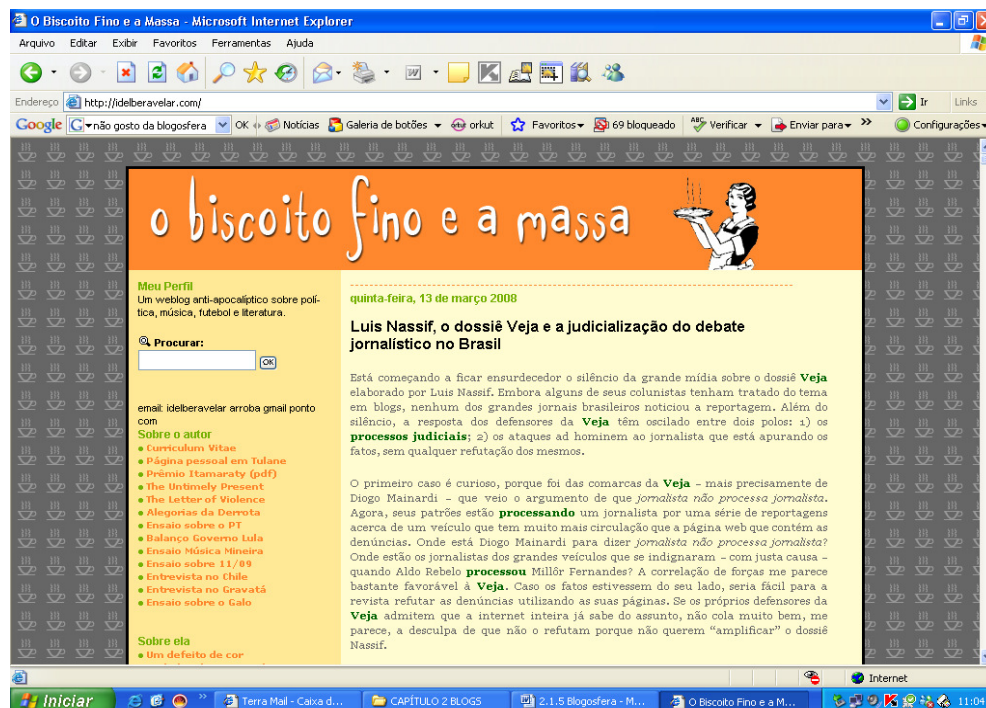


Figura 2 – Página Inicial do site *O Biscoito Fino e a Massa* – primeira tela – <http://www.idelberavelar.com>

Uma vez que se caracterizam como relatos pessoais que partem de pontos de vista pessoais, os *blogs* geralmente são publicados por uma única pessoa e são compostos de textos curtos, inseridos na página em ordem cronológica inversa. Percebe-se que cada texto possui um *link* que oferece ao leitor a oportunidade de publicar seu comentário, o que favorece a interatividade e a discussão de temas.

Para gerar um *blog*, o blogueiro pode dispor também de várias interfaces. São *templates* que variam em características, formatos, cores e simbolizam estilos como: esportivo, estudantil, clássico, roqueiro, etc. No entanto, não satisfeito, o blogueiro pode criar seu próprio *template* (geralmente, os sistemas gratuitos oferecem opções para editá-lo). Conhecendo um pouco de html já é possível customizar bastante. Se o blogueiro utiliza *wordpress* ou *b2evolution* – sistema de publicação de blogs -, um conhecimento de php²³ também pode ajudar. Mas, não conhecendo sobre programação, o blogueiro pode baixar alguns modelos prontos na *Internet*, além dos disponíveis no seu sistema de *blog*. Alguns serviços permitem inserir um *chat* no *blog*, o bravenet (<http://www.bravenet.com>), por

²³ O php é uma linguagem de programação.

exemplo, possui um código que o usuário pode inserir no seu site para gerar um *chat*. Essas características citadas são de *blogs* gratuitos em que o blogueiro vai construindo de acordo com as opções que o gerador oferece e de acordo com seu maior interesse.

Na *web* também é possível encontrar *sites* que oferecem serviços gratuitos para customizar o *blog*. São ferramentas não disponibilizadas pelos geradores como: calendários, animações, contadores de número de visitantes, recursos para aumentar o espaço para imagens, etc. No entanto, para inserir fotos pessoais no *blog*, é necessários hospedar as fotos na *Web*²⁴ e, a partir daí, inserir as imagens no *blog* usando o comando *img*.

Em síntese, *blog* é uma ferramenta de gerenciamento simples e fácil, que permite a qualquer pessoa publicar conteúdo na *Internet*, desde um *blog* pessoal até um corporativo. Além disso, ele é marcado pelo tom informal das publicações, o que facilita a aproximação entre os autores e o público. Para o mercado corporativo, é uma ótima ferramenta de relacionamento, e a tendência é que seja cada vez mais utilizada. Para uso pessoal, o *blog* é a oportunidade de se expressar, divulgar projetos, manter contato com amigos e família, etc.

A partir do que foi apresentado como características principais, procurarei, no próximo subcapítulo, distinguir quais são as vantagens do uso do *blog* em diferentes intenções de uso e funções.

2.1.4 Como é usado e quais são as vantagens do uso do *blog* para as diferentes funções

Os *blogs* tornaram-se páginas muito populares entre jovens que transformaram o ciberespaço em seus diários pessoais. Atualmente, existem mais de 75 milhões de *blogs* do mundo todo, segundo dados da Technorati²⁵, e outros 175 mil são criados a cada dia. A cada 24 horas são publicados 1,6 milhão de *posts*, o equivalente a 18 por segundo. A maioria das pessoas tem utilizado os *blogs* como diários pessoais, mas como já dito, essas páginas podem abrigar qualquer tipo de conteúdo e ser utilizadas para diversos fins.

²⁴ O site mais conhecido hoje é o flickr.com, imageshack.us ou photobucket.com

²⁵ Technorat é um motor de busca de Internet especializado na busca por blogs; e faz concorrência às ferramentas de busca de *blogs* do Google e do Yahoo.

A acessibilidade ao *blog* será determinada pelo seu autor, que define o *blog* como público ou não, bem como discrimina quem tem permissão para ler o conteúdo, postar comentários ou fazer os dois ao mesmo tempo. Além das configurações disponibilizadas pelos geradores, o blogueiro tem acessos a *sites*, como o <http://maisblog.com>, que oferecem recursos para otimização de *blogs* como cursores, relógios, calendários, imagens, Media Player, mural de recados, caixinha de recados, barra de rolagem, status, geradores on-line, decoradores, downloads, fontes, etc.

Entre as vantagens de uso do *blog* levamos em conta também a sua praticidade de construção, bem como a simplicidade da manutenção. O internauta não precisa ter conhecimentos de programação, uma vez que o próprio sistema organiza automaticamente as mensagens do usuário, notifica-o em sua caixa postal sobre as últimas atualizações e é mais fácil acrescentar textos em um *blog* do que um *site*.

Considerando que o controle da publicação dos *posts* é do autor da página, é dele a decisão quanto à publicação ou não de um comentário, o que permite conjecturar que, embora permita a interatividade e a participação de outros usuários, o *blog* é manipulado conforme interesse de divulgação de idéias e conteúdos do autor da página.

A construção do formato de um *blog* é um processo que aos poucos define o perfil do proprietário. As cores, tipos de letras, diagramação, oferta de fontes, imagens, bem como os tipos de gêneros discursivos e conteúdos são definidos a partir de características personalizadas o que se pode julgar como uma “máscara” que o autor do *blog* usa para apresentar-se à sociedade.

Os *blogs* podem ser considerados um espaço virtual em que as pessoas podem se expressar e ser compreendidas por inúmeras outras, além de uma excelente forma de comunicação entre membros de uma família, amigos, grupo de trabalho ou até mesmo entre empresas. Eles permitem a comunicação entre grupos de forma mais simples e organizada do que através do e-mail ou grupos de discussão, por exemplo. Nesse sentido, existe também a vantagens de divulgar com grande facilidade opiniões sobre quase tudo o que nos rodeia e segundo o próprio ecletismo dos *blogs* (pessoal, política, esporte, lazer, escola, jornalismo, música, entre os mais diversos estilos).

O fator facilitador para a criação de um *blog* é sua gratuidade. Muitos *sites* disponibilizam sistemas de criação, gestão e alojamento grátis de *weblogs*. O fato de oferecer ao internauta a inserção de imagens fez com que o gênero se multiplicasse em outra versão: o *Fotolog*²⁶. Há *sites* especializados que disponibilizam o recurso de *Upload* de imagens, que devem ser hospedadas em algum lugar, porque o autor não pode exibir imagens gravadas no computador; elas até aparecem para o usuário, mas outras pessoas não as verão, a não ser que tenham a mesma imagem no computador gravada em um diretório de mesmo nome. Em decorrência disso, a maioria opta por inserir o *blog* em um servidor gratuito que oferece maior comodidade e praticidade. Entre alguns temos:

- CriandoSite (espaço ilimitado, sem *banner*, sem *pop-up*, servidores lentos)
- HPG (espaço ilimitado, *banner* ou *pop-up*, controle de conteúdo rigoroso).
- StarMedia (25MB, *pop-up*).
- Planeta Terra (5MB não assinante, 50MB assinante, sem propaganda).
- FreeSites (100MB, *banner*).

Assim que se registra em um desses serviços, o usuário recebe um endereço para sua página pessoal – trata-se de um endereço de FTP²⁷, juntamente com o nome de usuário e uma senha. Com esses dados ele entra na opção de configuração (*Settings*) do *blog* e pode preencher os campos necessários para que o *blog* apareça no novo endereço. Com os mesmos processos o blogueiro poderá carregar outros dados (textos, imagens etc.) do computador pessoal para o novo endereço e utilizá-los para incrementar o *blog*.

Entretanto, uma das vantagens das ferramentas de *blog* é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem a necessidade de saber como são construídas páginas na Internet; ou seja, sem conhecimento técnico especializado. Quem já possui um site pode aproveitar uma ferramenta de *blog* para atualizar seu conteúdo de maneira rápida e

²⁶ Fotologs são blogs de fotos, ou seja, páginas que permitem que o internauta coloque fotos com facilidade e rapidez. A maioria dos flogs é individual, sejam de fotógrafos que tiram fotos de seu trabalho ou de pessoas que gostam de mostrar fotos de si mesmas. Há também os fotologs coletivos que são abertos a todos. O estilo de flogs varia desde adesivos de pára-choques, placas de modo geral até relatos de férias, cursos, família, momentos e estilos de vida.

²⁷ **FTP:** *File Transfer Protocol* (protocolo de transferência de arquivos). Para transferir arquivos via FTP é necessário um programa como, por exemplo, o FileZilla, gratuito e disponível via download para os internautas. Quando o usuário transfere arquivos via FTP, na verdade está copiando do seu computador para o computador onde sua página está armazenada no servidor gratuito em que se inscreveu.

descomplicada, em qualquer lugar da rede basta digitar seu *login* e senha, escrever o que quer publicar e clicar num botão. O conhecimento de html e de outras ferramentas de *Web* permitirá ao usuário incrementar o *blog*, conferindo a ele um aspecto extremamente profissional, ou então encaixar o *blog* dentro do *site*, transformando algumas seções em *blogs*.

No entanto, mais que diários pessoais ou espaços de expressão de opinião, os *blogs* assumiram diferentes funções na rede: publicação de conteúdo multimídia, *feed* RSS²⁸, apresentação de informações e imagens, debates, concentração de dados, entre tantas funções ainda não foram descobertas pelo meio acadêmico. Apesar de grande parcela dos estudantes utilizar os blogs como diários pessoais, esse gênero pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversas finalidades. Quanto ao objetivo, ter um blog admite todos os aspectos: político, esporte, lazer, interação com amigos, família, jornalístico, religioso, escolar, lúdico, social, intervenção, diário de bordo, entretenimento.

O público adolescente, por exemplo, faz do meio um canal para a expressão de sentimentos, utilizando como ferramenta a escrita digital associada a sons, ícones e imagens. O que chama atenção deles para esse gênero pode ser a liberdade de expressão que esse espaço oferece para o autor, além de ser um espaço interativo, tendo em vista que permite aos leitores enviar comentários, acrescentar idéias, interagir com o dono do *blog* em determinada discussão.

No contexto educacional, os *blogs* poderiam contribuir para o trabalho docente de diferentes formas. O professor poderia utilizá-los para apresentar informações e imagens. Para citar alguns exemplos práticos, um *blog* poderia ser explorado para apresentar aos pais como foi desenvolvida a feira de ciências da escola, como foi o passeio ao Zoológico, como foi a excursão, ou, ainda, o *blog* poderia ser usado para relatar uma reunião ou evento agregando imagens a notícias. O *blog* poderia ser utilizado pelo professor também para concentração de dados como fazer um diário da turma, da escola, das atividades do ano letivo. Em outra situação, poderia ser útil para destacar alguma atividade

²⁸ RSS significa Rich Site Sumary ou Really Simple Syndication. Trata-se de um formato que permite distribuir o conteúdo do seu site de uma forma padronizada, que permite que ele seja lido em diversos leitores de notícias. Os endereços que distribuem notícias no formato RSS também são conhecidos como *feeds*. Existem *feeds* de notícias em outros formatos como RDF e Atom.

específica e única, detalhando melhor determinada ação pedagógica desenvolvida (como uma pesquisa numa turma). No entanto, mais interessante seria se o professor o utilizasse para compartilhar idéias, propostas pedagógicas, pesquisas realizadas e, assim, trocar *blogs* entre alunos, professores, escolas.

Para o público empresarial, o *blog* poderia ter a função de divulgar idéias, promover uma marca, defender uma classe. Um analista contábil, por exemplo, poderia usá-lo para apresentar seu conhecimento sobre determinado assunto, tecer sua análise particular sobre determinado processo, divulgando sua opinião a respeito do tema. Concomitantemente, estaria promovendo sua classe, uma vez que seria um representante da área das Ciências Contábeis, e o *blog* elevaria sua marca, divulgaria sua empresa.

É possível encontrar na *Web* grande número de *blogs* que abrangem uma diversidade de temas, do mais simples ao mais complexo, do consensual ao combativo ou conflituoso. No entanto, pode ser uma simples forma de divulgar fotografias, personalidade, textos, *links* e autores afins, como também oferecer um espaço para troca de idéias, exteriorização de emoções, troca de experiências que estimulam a participação pública, bem como o confronto de idéias.

No ambiente virtual, o *blog* é inserido dentro de um ambiente tecnológico que adolescentes usam e abusam para manifestar também desejos, sonhos, fantasias, interatividade, fazer amigos, rejeitar amigos, ouvir músicas, conhecer mais pessoas, descobrir fatos, enfim, manifestações e pensamentos não muito diferentes daqueles que aparecem em outra situação comunicativa. No entanto, embora seja explorado por diversos segmentos da sociedade, o *blog* está hoje mais presente no público adolescente e poderia ser melhor aproveitado dentro do ambiente escolar, uma vez que se trata de um espaço que pode oferecer recursos que consolidam manifestações e ordens de pensamentos, bem como servir de canal para o estudo da linguagem.

Na realidade, trata-se de um espaço que vem evoluindo em formato e estilo, e ampliando sua extensão em diversos segmentos da sociedade. Surge dessa forma a blogosfera, que são *blogs* densamente conectados formando uma rede social.

2.2 Blogosfera

Para o estudo de *blogs* torna interessante e inevitável citar a blogosfera. Se os blogs são publicações de textos, informações dos pensamentos dos autores de forma muito particularizada, a blogosfera é um fenômeno social.

Blogosfera é o termo coletivo que compreende todos os *weblogs* (ou *blogs*) como uma comunidade ou rede social com muitos blogs densamente interconectados e na qual os blogueiros têm acesso aos *blogs* uns dos outros, criam enlaces para os mesmos, referem-se a eles na sua própria escrita e postam comentários em outros *blogs*. A ramificação de ligações também permitiu a criação de outras culturas que incluem outros termos como “Blogtopia”, “Bloguespaço”, “Bloguiverso”, “Blogsilvânia” e “Bloguistão”.

A blogosfera ocasionou o surgimento de diferentes *sites* e serviços da Internet com o objetivo de fornecer ferramentas para a criação e manutenção de *blogs*. *Sites* como *Technorati*, *Blogdex*, *Bloglines*, *Blogrunner* usam enlaces criados pelos blogueiros para busca e interconexão de outros *blogs*. Para tanto, hipertextos funcionam como marcadores dos assuntos que os blogueiros estão discutindo.

Os blogueiros²⁹ passaram a divulgar outros blogs em suas páginas; créditos eram concedidos ao blogueiro que tinha seus *links* divulgados por outros membros, e aumentava assim a rede de internautas adeptos do gênero. Diante da interligação entre os diversos tipos de *blogs* associados a *links*, os críticos passaram a chamar de incestuosos os blogueiros que a cada dia amplificavam mais as vozes uns dos outros quando criavam *links* entre si. Daí por diante a comunidade cresceu consideravelmente. Os pioneiros trabalhavam para se tornarem referência de busca de *links* para criação de material de qualidade, escrevendo incessantemente, utilizando recursos que pudessem induzir o leitor a acessar outros *blogs*.

O contexto mudou quando empresas criaram *softwares* desenvolvidos para automatizar a publicação em *blogs*. Considerava-se já a importância de utilizar esse espaço para divulgar produtos, lançar mercadorias, vender manchetes. O *Blogger*, um dos *softwares* mais famosos, passou a disponibilizar todo tipo de recurso para publicação de conteúdo, o que incluía a facilidade para usar recursos na montagem do *blog*, bem como

²⁹ Nomeação para aquele que escreve em *blogs*.

para publicação, sem exigir do usuário conhecimento tecnológico sobre a estrutura e o design de páginas virtuais. O *software* privilegiava, sobretudo, uma escrita espontânea, interativa, considerando a única exigência o usuário estar plugado em rede. A empresa gerenciava a estrutura técnica e influenciava a não utilização de *links*. A idéia foi adotada por milhões de pessoas e apresentou controvérsias na comunidade blogueira original, que acusava os *blogs* gerados por *softwares* de serem simplesmente diários virtuais e não “*blogs* de verdade”, graças à ausência da característica principal de um *blog*: os *links*.

Alguns acreditavam que uma seleção criteriosa e justaposta de *links* em um *blog* poderia se tornar uma forma alternativa de mídia que agregaria informação oriunda de diversas fontes, revelando pontos de vistas diferenciados, influenciando a opinião em larga escala, considerada mídia participativa.

Da mesma forma, anteriormente, nem todos os *blogs* disponibilizavam o recurso de inserir comentários. Isso foi feito por *hackers* que criaram programas de comentários aplicáveis aos sistemas de publicação dos *blogs*. O processo de comentar em *blogs* significou a democratização da publicação, diminuindo as barreiras para que leitores se tornassem escritores.

Com o tempo, a blogosfera cresceu espantosamente. Em 1999, o número de *blogs* era menos de cinquenta; no final de 2000, a estimativa era de poucos milhares; menos de três anos depois, os números chegaram a 2,5 a 4 milhões³⁰. Segundo o estudo *State of Blogosphere*³¹, atualmente existem cerca de 70 milhões de *blogs* e cerca de 120 mil são criados diariamente. O mesmo estudo revela que a blogosfera aumentou 100 vezes nos últimos três anos e tende a dobrar a cada seis meses. Esse aumento considerável quanto ao número de *blogs* fez também aumentar o interesse da mídia pelo fenômeno.

2.3 O blog como gênero discursivo

A discussão sobre *blog* como gênero discursivo vem se destacando no meio acadêmico em decorrência das novas tecnologias mediadas pelo computador, embora isso venha chamando mais atenção apenas recentemente. As pesquisas sobre o uso de

³⁰ Dados retirados do site de pesquisa: www.wikipedia.org.br

³¹ <http://technorati.com/weblog/blogosphere/>

tecnologias educacionais têm aflorado intensivamente em cursos de mestrado e doutorado no nosso país, e por elas vêm sendo pensadas alternativas para melhorar o ensino.

Considerar o *blog* um diário pessoal é acreditar que seja que apresente o reflexo de uma imagem pessoal, descrição de um ser que tem necessidade de registrar a história de sua geração concomitante à necessidade da comunicação/interação mediante a produção escrita, não diferente de qualquer outra intenção comunicativa. O homem primitivo já mostrava a necessidade de expressar-se, manifestar seus desejos, sonhos, história, e utilizava para isso pinturas rupestres. Hoje, a diferença é que temos a tecnologia a nosso favor. Na verdade, dos primórdios para a modernidade, o que mudou foram os recursos. Se analisarmos a criação e desenvolvimento da escrita, percebemos que a comunicação humana, desde o seu princípio, tem o objetivo de interagir, perpetuar intenções, demonstrar pensamentos visando à interação social. A tecnologia surgiu desses interesses, e podemos compará-la a outros surgimentos como o papiro, o códex, a caneta, a máquina de escrever, criações – ou como entender – recursos que auxiliam o homem na perpetuação de sua cultura.

Conforme dito em outro momento, não há na literatura muitas pesquisas sobre o *blog* quanto a sua terminologia e funcionamento. O estudo de Komesu (2004) oferece alguns subsídios para refletimos sobre esse gênero. Sua pesquisa fundamentou-se na hipótese de que a escrita do *blog* emerge em meio a “condições de produção do discurso” que tornam possíveis as práticas sociais de exposição pública na intimidade, no espaço de interação da Internet. O jogo enunciativo na escrita de *blogs* – que consiste, segundo a autora, na publicização de si e na intimidade construída na escrita dos *blogs* – surge a partir da “*problematização das condições sócio-históricas de produção do discurso marcado pela necessidade (incessante) de falar, radicalmente constituída pela impossibilidade (histórica) de dizer*”. Nas palavras da pesquisadora:

A necessidade de falar qualquer coisa (mesmo que seja pouco ou nada) é o modo de permanência dos sujeitos no espaço de enunciação (ou no campo da visibilidade social) da internet (da sociedade). Ocorre, porém, que as táticas discursivas adotadas pelo sujeito para fazer ver e ser visto mascaram a impossibilidade de dizer (de criticar, de pensar) o novo, o revolucionário, o libertário na e pela linguagem. No nível dos estudos

lingüísticos, o que se observa é (quase) nada de novo nos blogs. O caráter excepcional desse fenômeno da escrita parece se encontrar nos procedimentos de controle e delimitação do discurso sobre o indivíduo e a intimidade partilhada (construída) com o outro no espaço público, na consideração da drama da multiplicidade das relações do poder que regem e disciplinam os sujeitos e a sociedade.

Em síntese, os estudos da autora sobre a emergência desse novo gênero discursivo envolvem a escrita como um jogo enunciativo para a constituição de quem escreve no *blog*. Pesquisas como a desenvolvida por Komesu podem elucidar melhor os estudos de quem tem o propósito de verificar como aplicar ferramentas digitais no meio educacional visando a sua otimização.

2.4 A utilização pedagógica do *blog*

Weblog ou simplesmente “*blog*” são palavras já inseridas no contexto escolar, no cotidiano das salas de aulas. Já se percebe o uso de *blogs* com intenção pedagógica, com a finalidade de utilizá-los como instrumento interativo, participativo para o contexto escolar, em ambientes já familiarizados com o uso da Internet. A blogsfera já tem em seu espaço grande número de adeptos que utilizam o gênero não apenas como um diário virtual, mas também com fins pedagógicos, políticos, jornalísticos e informativos. A intenção dos autores, como defende Komesu (2004), varia do simples “exibicionismo” à promoção de textos literários, de opiniões, e até mesmo para venda de produtos.

No que tange à escola, encontramos *blogs* individuais de alunos ou professores, e *blogs* de autoria coletiva, com alunos e professores. Alguns buscam englobar uma disciplina específica; outros, ampliar uma dimensão transdisciplinar; registrar um portfólio das atividades desenvolvidas em determinada disciplina escolar ou grupo de estudo, e também formar na *Web* uma representatividade de escolas, departamentos, grupos sociais, associações, estudantes, segmentos profissionais etc. Além disso, percebe-se que, embora longe de atingir a maioria, o leque de recursos explorados e disponibilizados pelo gênero *blog* no âmbito educacional não pára de crescer. A blogsfera educacional tem ampliado o seu número de adeptos com diferentes níveis, estilos, formatos e objetivos, para suprir necessidades pedagógicas.

Como já dito, com o surgimento dos *sites* de criação e gerenciamento de *blogs* de fácil utilização, a criação ficou fácil e acessível a qualquer internauta. Assim como a conceituação de *blog* tem evoluído a ritmo e criatividade de internautas e pelo mundo da blogosfera, tem também chamado a atenção de pesquisadores, professores assim como de outros profissionais que se preocupam com o sistema educacional. Para tanto, o *blog* pode ser utilizado como recurso e estratégia pedagógica tendo em vista a disposição e formato de conteúdo, acessibilidade e interatividade.

Considerar o *blog* um recurso pedagógico é entendê-lo como um espaço de acesso a informação especializada e um espaço de disponibilização de informação. Como estratégia pedagógica, os *blogs* podem ser utilizados como: 1. um portfólio digital; 2. um espaço de intercâmbio e colaboração; 3. um espaço de debates; 4. um espaço de integração, entre outros.

Temos, ao longo desse estudo argumentado a favor de utilizar do ambiente digital na escola, e desse espaço ressaltamos o *blog*. Acreditamos que o *blog* pode tornar as aulas de redação mais motivantes e também mais produtivas. Antes de verificarmos essa possibilidade através de estudos empíricos, optei por verificar como é a atual produção escrita na escola. Para tanto, busquei em meus alunos a avaliação dessa produção, a partir do que eles entendem por produção legítima ou não, e o que oferecem como pistas que possam contribuir para nossa compreensão sobre o atual momento de mudanças promovidas pelos gêneros digitais.

No Capítulo 3, propomos uma discussão, amparados na comparação entre a legitimidade da produção escrita na escola e a legitimidade da produção escrita na Web. Para tanto, teço algumas considerações sobre o atual ensino de língua materna e avalio a produção didática do professor. Além disso, busco também no aluno – sujeito ativo do processo de aprendizagem – o que ele entende por aulas de redação e qual é a legitimidade da produção textual nesse contexto.

CAPÍTULO 3 – A produção escrita na escola e na *web*

Embora o foco específico desse estudo seja investigar o uso do *blog* em sala de aula, a escolha do tema partiu da concepção de que a escola sempre se distanciou da prática/vida nas experiências de produção de texto, e isso está hoje ainda mais marcado porque, embora esteja ocupando um espaço hegemônico entre essas práticas, a linguagem digital tem sido ignorada e desqualificada na escola.

Para verificar essa hipótese, partimos de uma análise dos parâmetros de ensino que legitimam uma redação em sala de aula, no intuito de comparar essa experiência com o uso da *Internet* em tarefas escolares, avaliando a legitimidade de sua escrita e buscando, a partir das lacunas encontradas no ensino atual, propor a possibilidade de novas práticas didáticas.

3.1 O que é visto como legítimo no ensino de língua materna

Os subsídios teóricos que guiam hoje o ensino de língua materna são baseados em trabalhos como o de Matencio (2001) em “Estudo da língua falada e aula de língua materna” e o de Silva (2005) em “Estruturas de participação e interação em sala de aula”. No primeiro, a autora contribui teórica e metodologicamente para o estudo da investigação da interação em sala de aula em língua materna e defende a relação entre o estudo das interações em sala de aula e a formação inicial e continuada do professor de língua materna; no segundo, o autor faz um estudo sobre interação e a linguagem em sala de aula, define o papel do professor e o do aluno, analisando a interação na fala de sala de aula e as estruturas de participação presentes nesse ambiente.

O trabalho de Matencio (2001:9) tem como motivação o estudo da “formação teórica na prática de ensino, as atribuições pelas instituições educacionais, os lugares e papéis de professores, a organização da aula e o contexto construído para a aprendizagem”. A autora explora a sala de aula com o intuito de verificar as regularidades e oscilações que são reflexos do perfil do docente, tendo em vista sua formação profissional, ou seja, suas leituras e sua formação acadêmica. Quanto ao ensino de língua materna, defende a necessidade de um modelo para estudo da aula, uma vez que considera que “*é preciso*

definir as propriedades e a abrangência dos instrumentos propostos para a análise”

(2001:10) A autora acrescenta ainda:

O modelo deve dar conta também de explicar as dimensões que ultrapassam os limites funcionais e estruturais de uma aula. Em outras palavras, deve não apenas demonstrar as relações hierárquicas e funcionais estabelecidas institucionalmente entre os interlocutores – seus lugares e papéis –, como também permitir a análise dos deslocamentos que os sujeitos podem vir a operar nessas circunstâncias. Por outro lado, além de descrever as restrições oriundas dos discursos engendrados na produção de conhecimento sobre o objeto de estudo (e de ensino) e em sua circunscrição – ou seja, as múltiplas relações institucionais entre a delimitação científica do objeto dos estudos da linguagem e a disciplina escolar. (MATENCIO, 2001:11)

Considerando todas as interferências que vão além do muro escolar, define-se o professor envolvido também com a aprendizagem de seus alunos como aquele que segue os parâmetros determinados pelos conhecimentos científicos que interferem na construção de práticas didáticas que constituem o discurso didático: formação docente, lugar e papel, intenções e pretensões do professor de língua materna. Em outras palavras, Matencio acredita que os cursos de formação de professores fornecem subsídios para que se integre a formação docente à interação em sala de aula, como um requisito para que haja efetiva interatividade no contexto escolar, o que contribui tanto para a aprendizagem quanto para o estudo escolar, possibilitando a abertura de novos caminhos de aprendizagem, novos contextos, novas situações no cotidiano escolar.

Teorias como essas embasam hoje o ensino de língua materna no Ensino Médio. Nesse contexto, motivados pela proposta de abordagem da autora, procuramos entender um pouco melhor o papel e o lugar das práticas didáticas atuais para que possamos enquadrar o *blog* nessa realidade.

3.1.1 A atual proposta de ensino de Língua Portuguesa

As teorias atuais de ensino e aprendizagem em língua materna são envolvidas pela importância do professor reflexivo, calcado em uma formação coerente. Autores da área da Linguística Aplicada como Matencio (2001), Silva (2005), Cavalcanti (1999), Rojo (2001) e Moita Lopes (1996) defendem a formação do professor reflexivo com uma postura

transdisciplinar, envolvido na produção de conhecimento centrado na sala de aula, produzindo, nesse contexto, professores e alunos em constante interação entre a teoria e a prática, uma verdadeira pesquisa-ação.

Posturas como a desses autores enfatizam a importância de olhar/investigar a própria prática durante o processo de formação e atuação profissional, o que levará o professor a entender a importância da interação em sala de aula. A literatura citada defende que podemos explorar o contexto educacional de forma autoconsciente, ou seja, observar a natureza social e histórica de nossas relações como agentes no processo educacional, bem como investigar a relação pensamento e ação. Somente o envolvimento na educação contínua, com uma atitude de pesquisa em relação à própria prática, pode gerar a reflexão crítica. Essas questões sugerem que o professor olhe para si mesmo, questione, explique e, eventualmente, reveja sua própria prática. É esse tipo de processo que visa à formação continuada e à autoformação do professor com autonomia crítica.

Baseado em minha formação docente e prática escolar, desenvolvi algumas crenças, entre as quais defendo que em sala de aula de língua portuguesa, para haver produção textual é imprescindível a realização de debates, a troca de argumentos entre professor e alunos, a troca de experiências, o uso da linguagem para defender, convencer, persuadir. O debate em sala de aula, antecedendo uma atividade escrita, promove a interação com o aluno sobre conceitos, propostas, defesas, causas e conseqüências, a partir de pontos de vista destacados, assumidos por um interlocutor. Essa didática tem usualmente efeito positivo quanto à motivação dos alunos para o desenvolvimento da escrita. Minha posição converge com as orientações dadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Os PCNs têm como objetivo norteador defender um ensino mais produtivo. O programa de língua portuguesa apresenta propostas de trabalho no ensino que valorizam a participação crítica do aluno diante da sua língua e que mostram as variedades e pluralidade de usos inerentes à língua materna. No documento, a língua portuguesa é apresentada como uma área que tem sofrido mudanças que refere ao ensino, tendo em vista que tem se abandonado práticas que envolvam o excesso de regras e tradicionalismos para um

questionamento de regras e comportamentos lingüísticos. Quanto à prática de linguagem o objetivo é desenvolver no aluno:

o domínio da expressão oral e escritas em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical (p. 49).

Dessa forma, o ensino de língua portuguesa é formado pela base: a prática de escuta de textos orais / leitura de textos escritos, a prática de produção de textos orais e escritos e a prática de análise lingüística. Os conteúdos partem, desta forma, dos textos, é valorizado as diferenças e semelhanças, exercício que faz com que o aluno discuta o que vê/lê, identificando-se como usuário da língua participante do processo de aprendizagem.

Na prática escolar, para aprender a produzir um gênero determinado de texto é necessário que os alunos sejam postos em contato com um corpus textual desse mesmo gênero, que lhes sirva de referência em situações de comunicação bem definidas e reais. Da mesma forma, é função do professor fornecer ao aluno condições adequadas de elaboração, permitindo-lhe empenhar-se na realização consciente de um trabalho lingüístico que realmente tenha sentido para si, o que exige que a proposição de produção textual seja clara e bem definida, apresentando as “coordenadas” do contexto de produção. É necessário que o aprendiz possa sentir que realmente está produzindo para um leitor (que não deve ser apenas o professor), eliminando a exclusividade das situações artificiais de produção textual tão presentes no cotidiano da escola.

Acreditando que o debate que antecede a escrita possui a função de ativar o conhecimento prévio, além de informar e incentivar o aluno a argumentar, é necessário que o professor reflexivo se dê conta da importância da prática eficiente que Marcuschi & Cavalcante (2005) abordam ao tratar das propostas, intencionalidades e objetivos do livro didático de Língua Portuguesa e da formação do professor de línguas.

Em síntese, os estudos sobre ensino em língua materna consideram importante a relação professor / formação; docência / discência, tendo em vista que o professor tem subsídios para interferir, colaborar e interagir com a formação do aluno. E a boa formação do docente com o comprometimento em sua área (gerada pela atualização de leituras, escritas, teses, frequência em seminários, congressos, debates, troca de experiências) implica em uma prática de qualidade em sala de aula com seu educando. Ao buscar novas fontes de conhecimento, envolve-se com sua prática escolar e, assim, desempenha melhor seu papel. A conjunção da competência, maturidade e experiência do docente com o aluno constrói, na prática escolar, uma interação capaz de despertar e orientar o desejo de conhecimento tanto do professor quanto dos alunos.

A participação ativa do professor na observação prévia da visão que o aluno traz acerca dos fatos que são assuntos da redação e a percepção da motivação do aluno para escrever pode levar o professor a contribuir auxiliando na ativação do conhecimento prévio e de mundo do aluno. No entanto, é preciso que melhor reflexão sobre a consequência que essa interação do professor com o aluno tem na construção do texto.

A busca por interpretações que possam definir o jogo discursivo e interativo em aulas de língua materna, principalmente no caso das produções textuais, levanta dúvidas quanto à interferência do professor na produção textual do aluno e à forma como o debate pode influenciar suas opiniões. Nesse caso, segundo Matencio, importa observar os princípios básicos que constituem a análise da interação:

(...) não é possível separar o verbal e o social, pois os eventos de interação são o lugar em que são construídas, simultaneamente, a identidade do sujeito e a ordem social. Dessa perspectiva, o processo interpretativo é co-construído pelos sujeitos – já que um falante age sobre o outro –, não estando, portanto, ligado ao sistema lingüístico de forma estável: o sistema está em estruturação. Afinal, se a atividade verbal pressupõe o trabalho efetuado pelo sujeito, há simultaneidade nas relações entre o individual e o coletivo, entre estrutura e acontecimento. (MATENCIO, 2001: 52)

A atual prática de ensino de língua portuguesa deve, portanto, ir além da atualização de didáticas de ensino e aprendizagem; deve constituir a oportunidade de inseri-

los em uma prática reflexiva que lhes permita identificar como as ações realizadas em sala de aula se consolidam, e como se manifestam e viabilizam as necessidades culturais dos alunos.

Para Matencio (2001:78),

interação verbal é, ao mesmo tempo, um evento de comunicação – de construção de sentidos – e de construção de relações sociais, o que explica porque em evento de interação é o ponto de articulação entre sujeito e o social, em outras palavras, o lugar de (re)construção da realidade subjetiva e social.

Da mesma forma, complementa Silva (2005:184),

a motivação e a finalidade dos interactantes são variáveis que interferem na interação. Dadas as funções institucionais e a posição hierárquica dos participantes, o professor tem o objetivo de ensinar e o aluno, de aprender. É evidente que as intenções não são as mesmas, mas nem por isso se pode dizer que a interação não se realiza, pois interação não significa concordância ou assentimento. Há um processo de ajuste entre intenção individual, coletiva e institucional, entre intenções parciais, finais dos participantes da interação, ajuste que caracteriza qualquer evento de interação.

É importante entender as intencionalidades da escola, no que diz respeito à redação escolar. Marcuschi & Cavalcanti (2005:3) descrevem a redação escolar como uma *“restrição ao espaço escolar, no que se refere ao leitor presumido, à esfera de circulação, ao objetivo pretendido. Dado seu caráter circular, elas são por nós denominadas de endógenas, pois, como o nome indica, se originam e se esgotam nelas mesmas”*. Para os autores, “endógena” seria a redação feita na escola, pela escola, para a escola. Em outras palavras, um gênero ensinado para escrever fica restrito ao espaço escolar e serve apenas para aprender a escrever. Nesse contexto, o professor torna-se apenas um corretor.

Rojó (2005) defende que toda atividade pedagógica de ensino da língua portuguesa tem como propósito a busca pela autonomia crítica sobre as diversas concepções de língua. Nada do que se realiza em sala deixa de estar na dependência de um conjunto de princípios e reflexões teóricas. Enquanto Silva (2005:179) defende que “a sala

de aula é um local onde professores e alunos, mediados pela linguagem, constroem ativamente o sentido do mundo”, e ainda acrescenta que “nela o individual e o social estão em contínua articulação, e os sujeitos, em constante processo de negociação”. É interessante perceber que na sala de aula, mesmo nas práticas mais tradicionais, é possível entender que esse espírito de “negociação” está presente. Talvez por ser já inerente à espécie humana a necessidade de atribuir/encontrar sentido para o que encontra em seu mundo, até mesmo a ausência de debates e de questões pede uma interpretação, assim como o silêncio e a “calmaria” de uma sala de aula falam. Só pelo fato de existir, embora calado, o aluno afirma o tédio escolar, a falta de interesse, de vontade, de desejo. A ausência de interatividade em uma sala de aula tem muito a dizer, uma vez que tornam visível a falta de conexão entre o interesse escolar e o interesse do aluno.

A linguagem é o lugar de interação humana, de interação comunicativa, num dado contexto sócio-histórico-ideológico. A relação linguagem aluno / professor em sala de aula faz parte, na perspectiva bakhtiniana, de um processo de interação: quando é oferecida em sala de aula a oportunidade de debate, a linguagem torna-se o foco, e nesse momento o indivíduo (professor / aluno) que possui a fala não somente interage como interlocutor, mas também traduz e exterioriza para outrem um pensamento que é próprio, mas que pode agora ser negociado. Dessa forma, a linguagem passa a ser uma ação social. Partindo para a produção textual, o aluno busca uma linguagem que é intencional na produção discursiva. Essas referências sobre a interação em sala de aula se, por um lado, mostram a importância de engajar o aluno em debates sobre o tema do texto a ser produzido, por outro lado, enfatizam os riscos que esse debate pode acarretar, quando centrado no professor que tem uma posição assimétrica nas relações de poder em sala de aula. Nesse caso, corre-se o risco da “voz” do professor calar a “voz” do aluno.

3.1.2 Refletindo sobre minha prática pedagógica

A partir do que observo nas aulas de língua portuguesa hoje, constato a partir da distribuição da carga horária disponibilizada, a redação e a literatura ocupam o espaço de uma aula cada uma, enquanto o ensino gramatical distribui-se em duas aulas semanais. Essa dicotomia permite a fragmentação da unidade que é a língua portuguesa. Nesse contexto,

fica também realmente difícil trabalhar com gêneros digitais, bem como cumprir qualquer currículo alternativo que privilegia a interação.

No entanto, não é esse o contexto delineado pelos parâmetros curriculares nacionais, que defendem que o processo de ensino e aprendizagem deve basear-se em propostas interativas de língua/linguagem “consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral” (BRASIL, 1999:139). Trata-se, então, de um problema que nos leva a entender que é preciso desenvolver grupos de estudos que visem à qualificação docente, para que haja melhor atuação pedagógica, e que permita, passo a passo, desfazer-se da concepção atual de que ensino de língua deve ser predominantemente normativo e conceitual.

Percebo também, tanto em minha prática quanto a de colegas de trabalho e gestores escolares, uma fala baseada na concepção de ensino como um preparador de alunos para o vestibular, logo, seu potencial é o acesso ao mercado de trabalho. Anula-se, com isso, o caráter formador individual do aluno bem como o seu potencial de ver e ler o mundo, uma vez que se objetiva apenas a sua aprovação no vestibular, como se fosse essa a única função do ensino médio. Essa orientação fica muito evidente quando encontramos escolas que destacam seus alunos aprovados nos cursos mais concorridos, sublinhando especialmente o mérito dos aprovados nos cursos de medicina.

A ênfase dada ao vestibular define o material de apoio utilizado, sendo que o mais comum é a apostila pré-definida de acordo com os processos seletivos mais concorridos do país ou um Manual de Técnicas de redação que sugere os temas que podem ser “cobrados” nos concursos e a partir dos quais o professor solicita dos alunos a escrita. Isso ocorre talvez porque o professor, despreparado e afastado de pesquisas, acredite que seja esse o caminho eficiente, além de mais fácil, porque já vem pronto para usar. No entanto, as pesquisas apontam que uma alternativa bem mais interessante que seria o professor oferecer acesso a várias obras, recursos digitais e impressos, imagens e sons que pudessem colaborar para a compreensão dos fenômenos lingüísticos.

Outro fator que merece atenção diz respeito à postura metodológica do professor em sala de aula. Na minha experiência com ensino, tenho observado que em aulas

de produção textual, é comum o professor apresentar um texto modelo e solicitar uma produção escrita dos alunos; ou aulas expositivas, durante as quais apresentam argumentações já prontas sobre determinado tema, tornando qualquer discussão centralizada na fala do professor, que fica pelo período de 50 minutos (que equivale a 1h/a) dizendo ao aluno como deveria construir seu texto. Resta ao aluno, sem muito esforço, apenas “apanhar” os argumentos lançados pelo professor e montar seu texto, sem refletir de fato sobre o tema, ou sem poder optar por outros temas de maior interesse para praticar e aprender a escrita. O texto, portanto, configura-se como um produto pronto e acabado, que tem como única finalidade ser oferecido à avaliação do professor.

Outro problema que pode ser percebido no ensino de língua portuguesa, também vinculado à simplificação acima descrita, é a pouca ou nenhuma relação entre gêneros literários ou entre discurso e eventos comunicativos. Na escola, as aulas de redação abordam apenas três gêneros da literatura: a dissertação, a narração e a descrição, tratados de forma estanque, sem que se considere a interrelação de gêneros diferentes em determinado texto.

Quanto aos gêneros digitais, a situação é ainda pior. Quase nada é levado para a sala de aula sobre o assunto. Ao contrário, vigora o mito de que a Internet proporciona ao aluno uma linguagem mal elaborada e fragmentada. Na análise de alguns depoimentos no subcapítulo a seguir, percebemos, na fala de alguns alunos, um sentimento de exclusão em decorrência de não ser permitido trazer para sala de aula aquilo que eles entendem por linguagem.

Na verdade, se considerássemos a língua como um evento lingüístico que não se reduz ao conceito de código, isso nos obrigaria a enxergar a presença de variados gêneros em todas as esferas das atividades sociais. Os gêneros digitais, nesse caso, não poderiam ficar de fora. E considero que há um significativo número de gêneros que poderiam ser úteis para o sistema educacional. Araújo (2007), por exemplo, destaca a pertinência em pesquisas que envolvem o uso do *chat* em contextos educacionais.

São considerações como essas, relativas às práticas pedagógicas, que levo em conta como professora observadora e pesquisadora. Julgo importante analisar como os alunos avaliam essa produção escolar e o que eles entendem por legítimo ou não em aulas

de língua materna por considerar que são sujeitos do ensino e por isso deveriam ser participantes do processo de ensino e aprendizagem. No presente estudo, busquei resgatar a voz de meus alunos através de uma tarefa de produção textual que tinha por tema o ensino da escrita na escola.

3.1.3 Como os alunos avaliam a produção escrita em aulas de língua materna

Para a realização desta análise, os alunos foram convidados a escrever um texto destinado à escola argumentando sobre o que eles entendiam por aulas de redação e produção escrita. Considerei pertinente primeiro entender as expectativas e a compreensão que os alunos têm sobre o ato de escrever, para, a partir de dados fornecidos por eles próprios, elaborar uma proposta de utilização do *blog* como um recurso e uma estratégia para o desenvolvimento da escrita no contexto escolar. A idéia central que motivou o estudo foi compreender como ocorrem as tradicionais aulas de redação ter uma idéia mais clara sobre os problemas existentes e buscar contorná-los na construção da atividade alternativa prevista.

Este trabalho foi proposto apenas para turmas de 2º e 3º ano do Ensino Médio, considerando que possuem mais experiências em exercícios de auto-avaliação. A tarefa foi proposta (ver anexo 1) a duas salas de 2º e duas de 3º colegial. Uma aula foi destinada à discussão de questões sobre “a validade em ler e interpretar o mundo”. O tema amplo e genérico foi norteado por um debate orientado pela professora por questões como: 1. Qual o valor da escrita hoje? 2. Qual é o espaço da escrita? 3. O que pode substituir o conhecimento da leitura e da escrita? 4. Que tipo de ônus têm ao não dominar a escrita? Que custo isto gera?

A intenção era provocar um debate em torno das questões acima citadas no interesse maior de gerar uma tomada de posição sobre o assunto para que posteriormente os alunos produzissem um texto, marcando seu ponto de vista. O tema foi disposto em um *slide* de *power point*, conforme ilustramos a seguir:

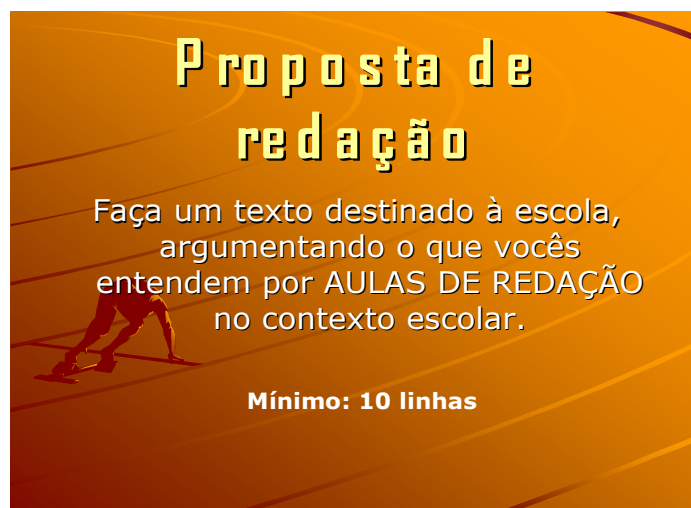


Figura 3 – Slide Aula de Redação – proposta de texto

No início da atividade não foi esclarecido aos alunos o propósito verdadeiro da tarefa, que seria uma coleta de dados que pudesse oferecer pistas para nosso estudo, para não influenciar nos dados levantados. Apenas momentos antes de entregarem os textos, foi esclarecido à turma que gostaria de usar os dados para fundamentar meu estudo sobre possibilidades alternativas de ensino. Pedi, então, que eles se manifestassem sobre a possibilidade, ou não, de obter autorização deles para desenvolver a análise e publicar os resultados. O que se observou é que os alunos não se manifestaram contrariamente, mas ficaram curiosos se teriam acesso a publicação e, por outro lado, envaidecidos com a participação em uma pesquisa. Agi dessa forma acreditando que se os alunos conhecessem desde o início a finalidade da atividade, poderia interferir na avaliação e direcionar suas colocações sobre o tema.

Das duas turmas de 3º colegial (uma com 37 e outra com 35 alunos, perfazendo um total de 72), coletamos 66 textos – três alunos não compareceram; dois acusaram que o tempo não foi suficiente e um não havia feito a tarefa. As duas turmas de 2º colegial (uma com 40 e outra com 39, perfazendo o total de 79 alunos) entregaram 74 textos – um não conseguiu entregar porque o tempo para ele foi insuficiente e quatro estavam ausentes no momento da atividade. No total, entre as quatro turmas, 140 entregaram a tarefa.

Os textos foram produzidos em sala, respectivamente nos dias 23 e 24 de agosto do ano de 2007. Dos 140 textos apresentados, selecionei 13 que melhor salientavam

posições recorrentes nos textos dos alunos. Nos recortes selecionados, os alunos estão sendo identificados por pseudônimos e pelo nível da turma que cursavam. Os números colocados entre colchetes buscam facilitar a localização de questões específicas nos textos produzidos pelos alunos.

Começamos pelos textos de alunos que entendem a aula de redação como preparação para os exames seletivos:

- (1) Acredito que as aulas de redação foram criadas para ensinar aos alunos como fazer um bom texto, encorajá-los a mostrar a sua opinião e suas idéias sem medo de serem recriminados. Produzir uma dissertação que seja aceita nos processos seletivos [1] é a minha motivação para assistir às aulas, pois a cada redação feita tento melhorar as minhas idéias, tornando-as mais coerentes [2].

Carolina – 3ºcolegial

- (2) As aulas de redação na escola têm como finalidade apenas ensinar os alunos a se enquadrarem nos tipos de textos pedidos nos vestibulares. Os alunos não podem se expressar de maneira que querem [3] pois muitas proibições são feitas na hora da escrita, o que camufla as verdadeiras idéias que temos sobre determinado assunto [4]. Apesar da professora de redação comentar sobre temas globais, muitas vezes problemas que enfrentamos todos os dias, é praticamente impossível refletir verdadeiramente sobre esses temas, pois para escrever dissertações somos muito influenciados pela textos motivadores e pela opinião da professora [5]... Assim, acredito que as aulas de redação só influenciam no futuro profissional quanto a aprovação no vestibular [6], porque minhas impressões e opiniões sobre o mundo e a vida são construídas gradativamente e não é a escola somente que os reafirma ou me faz mudar de opinião [7].

Cristina – 3ºcolegial

Nesses textos, tanto o trecho de Carolina quanto o de Cristina prezam o ensino médio como um preparatório para o vestibular e enxergam a atividade escrita como destinada à aprovação no vestibular. Isso é mais latente no texto de Carolina, que está convicta disso [1] e tem boa aceitação, pois seu propósito é o ingresso na universidade. Já Cristina, embora veja o ensino dessa forma, recrimina o sistema escolar por isso [3] e argumenta sobre a ausência de expressividade que ocorre em sala de aula ao trabalhar com uma tipologia de textos que os processos seletivos destacam. Aqui percebemos uma

insatisfação com relação à metodologia utilizada, que não torna possível uma verdadeira discussão ou amadurecimento de idéias, ou seja, uma preparação adequada para produzir um texto [4]. Reconhece o esforço da professora em apresentar textos que possam oferecer alguma bagagem para discussão, mas considera que a forma como isso se faz é inadequada, tendo em vista que a professora traz uma argumentação pronta para que os alunos produzam o texto [5]. Tal proposta de ensino leva a aluna a ficar desmotivada quanto às reais intenções de uma aula de produção textual, o que a leva a acreditar que o objetivo seja realmente a aprovação no vestibular [6]. E ainda chega à conclusão de que escola e vida constituem uma dicotomia [7].

Segue outros depoimentos que também apontam as aulas de produção textual como valor significativo apenas para “passar no vestibular”:

- (3) A produção de texto tem como intuito direcionar o raciocínio do aluno à organização coerente de suas idéias, através da coesão e da aplicação da norma padrão [8], de modo que haja pelo entendimento por parte de todo e qualquer indivíduo. Contudo, no contexto escolar, a produção de texto restringe tal temática a um caráter simplista e estritamente objetivo, utilizando teorias e métodos fixos, desmotivando a capacidade criativa do aluno [9]. Nota-se que as redações são destinadas unicamente ao preparo acadêmico, sem qualquer finalidade quanto às questões morais ou quanto à conscientização do indivíduo enquanto cidadão [10]. [...]

Arthur – 3º colegial

O aluno vê as aulas de produção textual como meramente conceituais e normativas [8], de forma a rejeitar a capacidade de criação, produção e interpretação de mundo [9]. Nesse trecho, percebemos a aproximação de idéias com Cristina: a exclusão da formação ética e moral que engloba o desenvolvimento intelectual e do pensamento crítico [10]. A mesma argumentação encontra-se no texto de Lorraine:

- (4) As aulas de redação são muito importante para qualquer pessoa, principalmente pra quem pretende cursar na universidade [11]. A redação para provas de vestibulares, é corrigida criteriosamente e muitas vezes é o que te classifica [12]. Na escola, onde o maior foco dos alunos é passar no vestibular, é necessário que o professor responsável pela matéria de redação esteja ciente do que é preciso para fazer uma boa redação e consequentemente ter uma boa nota e que esta te ajude a ter

um bom resultado, ou seja, o professor deveria expor os temas que ele acredita ser possível que caia no vestibular [13] e assim passar aos alunos o que ele sabe sobre o tema, sem precisar ser subjetivo e depois para um melhor desenvolvimento do texto o aluno pesquise e estude sobre o tema.[...]

Lorraine – 3ºcolegial

Nesse depoimento, Lorraine faz uma descrição sobre o que ela entende por ensino de produção de textos, bem como sobre os objetivos das aulas de redação. É nítida sua posição de conformismo com a situação, exposta na anuência que dá à metodologia e à didática aplicadas em sala. Da mesma forma, vê-se com clareza um discurso que mais parece o do professor, argumentando com o aluno sobre a importância das aulas de redação [12], e não o de uma aluna dentro dos parâmetros de sua idade, turma, etc. Acredita [11] que a redação é um critério para ser aprovado no vestibular e em sala de aula e que o professor deve trabalhar com temas abordados nas provas dos concursos públicos [13]. Gabriel – um pouco mais radical nas suas concepções, embora concorde com os outros alunos quanto às aulas – aponta um sinal importante que destacamos para esta análise:

- (5) Atualmente, o principal objetivo de se ter aulas, não apenas de redação, é a preparação, o adestramento para o vestibular ou qualquer outro concurso [14]. Entretanto, para algumas pessoas como eu, as aulas de redação são mais abrangentes, é neste tempo que se pode discutir questões relacionadas a vida, ao futuro, às soluções para uma vida melhor, é neste tempo que podemos criar uma consciência mais crítica em relação ao mundo que nos circula [15]

Gabriel – 3ºcolegial

O aluno reconhece que o objetivo da escola é orientar o aluno para que possa ingressar em um curso superior [14], e chega mesmo a usar uma palavra radical para expressar o que pensa: “adestramento”. Mas discorda de que aulas de redação sirvam apenas para o ingresso em uma faculdade, uma vez que acredita na possibilidade de a redação constituir um meio de exposição e desenvolvimento do pensamento crítico [15].

Encontramos muitos depoimentos em que as aulas de redação são vistas como formas de obter uma boa classificação em processos seletivos. No entanto, depoimentos

como o de Isabel, a seguir, valorizam um pouco mais o sentido de aulas de produção textual:

- (6) Até há uns três anos atrás considerava as aulas de redação uma inutilidade e perda de tempo e que devia ser substituída por matérias mais importantes. Não entendia a necessidade das aulas de redação.[16] Isso deva ser o motivo da minha dificuldade hoje em transcrever os meus argumentos de forma coerente para a folha [17]. Passei a ver com outros olhos quando percebi que era extremamente importante saber-se expressar, demonstrar sua opinião sobre diversos assuntos e baseá-los. A escrita é uma forma de se mostrar a sociedade, se identificar, tornar-se única [18]. Os temas de redação discutidos em sala de aula predominam muito a opinião da professora, não mostra os dois lados do tema, assim fazemos a redação utilizando argumentos mais ou únicos que a professora apresenta. A redação da escola me ajuda a refletir sobre assuntos antes pensado a e na minha vida acadêmica.

Isabel – 3ºcolegial

A aluna defende que a sua imaturidade não lhe permitia compreender o sentido de escrever ou de assistir às aulas. Embora depois tenha mudado de opinião, passando a dar importância a essas aulas, assume toda a responsabilidade por suas dificuldades com a escrita [16], reconhecendo que hoje isso lhe traz prejuízos [17]. Entende que aulas de redação têm entre seus principais objetivos, fornecer, com base no domínio do texto, instrumentos para ajudar a entender o mundo – o que é útil não apenas para a vida acadêmica e profissional, mas que é também um requisito básico para a constituição do cidadão [18]. Esse argumento é repetido na fala de Mirian:

- (7) As aulas de redação nos ajudam a conhecer e entender o mundo, a sociedade, as pessoas. Apesar de muitas vezes serem repetitivas e cansativas [19], principalmente quando são temas de problemas sociais a serem discutidos. A importância das aulas de redação é evidente e indispensável para a pessoa que quer se incluir na sociedade e no futuro alcançar o sucesso profissional [20]. Por isso, ainda há pessoas que fazem isso apenas por obrigação [21].

Mirian – 3ºcolegial

A despeito de defender que o domínio do texto forneça instrumentos para ajudar a entender, criticar e modificar a realidade que os cerca [20], Miriam destaca que a

rotina das aulas de produção textual e a falta de uma dinâmica interativa talvez sejam as responsáveis por ela acreditar que as aulas são cansativas [19]. Daí o processo de ensino e aprendizagem passar a ser repetitivo e uma obrigação [21]; obrigação essa que é sinalizada na fala de Livia:

- (8) Como ser alienado do mundo a cerca do que sou e dos meus reais objetivos na vida, faço uso das minhas redações para expressar minimamente minha opinião [22]. Ao escrever textos sobre os assuntos clichês e mais prováveis de estarem no vestibular, procuro não criar idéias revolucionárias e sim conter-me nos pensamentos tradicionais e de fácil aceitação [23]. Ser criticada por seguir o caminho mais prático é injusto e ser considerada uma pessoa alheia ao que realmente acontece ao meu redor chega no nível do absurdo [24]. Assistir aula de redação do jeito que é, não dá. A carga horária dedicada às aulas de redação é insuficiente para abranger os diferentes tipos de construção textual e ainda debater os temas de maneira eficaz [25]. E isso reflete na dificuldade dos alunos para se expressar corretamente no papel [26].
Livia – 3ºcolegial

Para Livia, escrever é apenas manifestar sua opinião [22], como se não houvesse um processo que antecederesse essa elaboração. Acredita que apenas “descreve” seu pensamento de acordo com o esperado e, portanto, mais fácil de ser aceito [23], uma vez que o contrário seria um “absurdo”, tendo em vista que ir de encontro ao formato da aula poderia gerar prejuízos [24]. Ainda cita alguns problemas das aulas de redação, o principal é a carga horária: uma hora/aula, muito pouco tempo para pôr em ação um plano de curso que envolva diferentes tipos de textos, discussão, leitura, expressão lingüística [25]. A consequência direta dessa economia de tempo é, para Livia, a dificuldade dos alunos com a disciplina [26]. Esse é também o problema sinalizado no texto de Vítor:

- (9) As aulas de redação são boas e a professora também parece ser muito ligada nas matérias que ela ensina, explicando muito bem como deve ser feito tal coisa com suas devidas regras e exceções [27]. Mas a minha dificuldade de aprender pode estar no modo que eu me interesso com a matéria [28], pois eu vivo no mundo em que fora da escola a linguagem que uso é quase totalmente diferente com a linguagem que eu devo usar na hora de fazer uma redação [29]. O que eu penso disso é que ela tem muitas regras e quase sempre eu fujo do tema sem saber o por quê, sem

falar em alguns temas que em muitas das vezes eu fico sem argumento nenhum para escrever sobre.

Vítor – 3ºcolegial

Embora considere aula e professor interessantes [27], Vítor julga que o problema está nele, que não se interessa muito pela matéria [28], em função do mundo em que vive – no qual a escola não se enquadra – e da linguagem que usa nesse mundo – muito diferente daquela solicitada na escola [29].

O texto de Vítor levanta uma questão que pede um comentário mais minucioso. A postura desse aluno permite-nos trazer à cena a questão da incorporação dos *blogs* em tarefas escolares no ensino da língua materna. A discussão e a exposição de variados gêneros poderia, segundo entendemos, chamar a atenção desse aluno para as diferentes modalidades lingüísticas, entre as quais está também a linguagem de seu mundo, mesmo que ele seja um mundo “fora da escola”. A exposição do aluno à diversidade de gêneros, incluindo os digitais, poderia mostrar que a linguagem é rica, múltipla e sofre transformações de acordo com o meio e a ocasião, permitindo que o aluno entenda que as formas de convenção determinadas pelo social e pelo lingüístico conduzem a gêneros do discurso específicos. Conforme defende Kress (1989:19): “*os gêneros provêm um índice e um catálogo de ocasiões sociais relevantes de uma comunidade em um determinado tempo. Alguns exemplos são: entrevista, ensaio, conversa, vendas, explicações, memorandos, novelas, discurso político, editorial, sermão, piada, instruções*”. Levar essa teoria para sala de aula vem contribuir para que os alunos entendam o dinamismo da língua e passem a não acreditar no caráter ditatorial das regras que regulam a escrita de um texto.

Outro problema apontado por Vítor, e que acreditamos ser metodológico, diz respeito a seu comentário final sobre o “excesso de regras”, “a fuga do tema”, “a falta de argumentos para escrever sobre determinados temas”. Nesse momento, torna-se clara a necessidade de um *feed-back* para que o aluno possa compreender o significado de seus “erros” na escrita. Nesse caso, o professor poderia valer-se de outras fontes de informação e do apoio de material multimídia, para oferecer uma gama mais ampla de exemplos da língua em uso.

A partir do momento em que dizem não entender o funcionamento da língua, alguns alunos passam a sugerir idéias não muito coerentes com as tendências de ensino e aprendizagem, como está bem exposto nos dois textos selecionados a seguir:

- (10) Saber escrever de acordo com as regras e as limitações impostas pela escola é um dom de poucos, deve ser por isso que a maioria dos alunos não sentem prazer em escrever redações, por medo de que o conteúdo escrito seja em vão. Como solução imediata e mais eficaz queria sugerir a extinção de certas limitações [30] que fazem com que os alunos sintam-se presos, impossibilitando sua criatividade, jogos de palavras comuns do nosso cotidiano também poderiam ser aceitos nos textos. A sugestões de temas poderia ser mais atrativa para que possa despertar no aluno o prazer de escrever.

Sabrina – 2ºcolegial

- (11) Nossas aulas de redação aplicam a matéria, porém, restringem muito o ato de escrever. Creio que este é o ponto devido a centralização do foco nos vestibulares e processos seletivos, em que todo a problemática se inicia. O requerimento de uma boa argumentação em dissertação, por exemplo, possuiu um efeito muito forte em relação as notas, mas mesmo assim penso que seria interessante ensinar ao aluno a expor idéias de forma que todos entendam, dando-o liberdade para escrever e desenvolver suas idéias, depois disso, ou coexistindo, poderiam aplicar as dissertações, pois assim as idéias irão fluir e bastará aplicar a teoria, amadurecendo a habilidade de escrever.

Júnior – 2ºcolegial

Para Sabrina, a limitação está na gramática; conseqüentemente, a solução para ela é abolir algumas regras gramaticais [30]. A aluna percebe uma dificuldade em lidar com a gramática normativa e, na tentativa de resolver seu problema, prefere desprezá-lo em vez de tentar compreendê-lo. Quanto a Júnior, a limitação é ditada pelo foco nos processos seletivos, e pela exigência de boa argumentação; argumentação que não é entendida como forma de expor idéias, mas como uma espécie de camisa de força para a escrita. Para ambos, a escrita é reduzida a regras gramaticais e formas de organização textual.

Para nós, pesquisadores, reflexões como essas – que tematizam as aulas de redação – podem ser ocasião de rever a didática proposta em sala de aula, bem como as informações trazidas para que nossos alunos não vejam a língua como algo intocável, perfeito, imutável.

Selecionamos, para finalizar, dois textos que apresentam a insatisfação dos alunos com o ato de escrever:

- (12) Estou escrevendo este texto, pois mais uma vez a professora nos obrigou a fazer uma redação sem sentido [31]. Eu prefiro falar por “messenger” ou “e-mail” [32], mas isso não vem ao caso no momento [33]. Sinceramente, nós alunos mesmo tendo aparência de bobos temos a capacidade (ou dom, se preferir) de pensar, e eu acho uma perda de tempo ficar escrevendo textos e gerando idéias que serão lidas apenas pelo corretor. [34] Outra questão: qual a razão de aprendermos isso, e porque somos obrigados a escrever carta? [35] Analisando o rumo que a tecnologia tem tomado, esse tipo de texto tem por destino a extinção [36]. Como já foi dito no início, é melhor usar a internet para se comunicar [37].

Leonardo – 2ºcolegial

- (13) O ato de escrever exige técnica e clareza, exige de quem escreve conhecimentos gramaticais e estruturais e apesar de serem aulas claras e onde temos livre poder de argumentação, a limitação de temas nos limita e tira de nós, alunos, a liberdade de escrever livremente o que desejamos. A liberdade de expressão é direito garantido por lei, já que nosso país é dito democrata. Mas nosso direito é quebrado assim que entramos pela porta da escola e não podemos deixar fluir de forma livre nossos argumentos sobre o que desejamos falar. O que faz com que muitos dos alunos percam o desejo e o gosto de escrever, apesar de escreverem muito bem nos ambientes onde não há esta cobrança e estes limites que sanam a nossa capacidade. Limites e conhecimentos é o que a escola tenta ensinar. Mas seria, então, uma falha no sistema de ensino, não só da escola em questão, mas das escolas de modo geral. O aluno quer se expressar e tem capacidade para isto. Mas deseja falar com espaço para suas idéias, o que não há folhas de redação que lhe dá apenas trinta linhas.

Juliana – 2ºcolegial

Leonardo declara que o que a professora solicita, sempre será algo sem sentido [31]. Para ele, legítima é a linguagem utilizada nos gêneros digitais [32], mas recua ao tentar explicá-la [33]. Considera que é inválido escrever um texto que apenas “o corretor” irá ler e julgar. Também não entende o porquê de escrever gêneros que não são mais comumente usados – em decorrência da caixa postal eletrônica que substituiu a carta

entregue pelos Correios [35] e [36]. E finaliza sugerindo o que a Internet seria um meio mais eficiente [37].

Finalmente, o último depoimento, o de Juliana, faz uma síntese de toda a argumentação exposta pelos alunos aqui destacados: a liberdade de expressão. A aluna ainda relaciona que o problema não apenas ao professor ou à escola, mas sim à estrutura educacional, desde a disposição da carga horária até a instrumentalização dos textos.

Percebemos, nos 140 textos lidos, que as considerações sobre o que os alunos da rede particular de ensino pensam sobre aulas de língua materna, especialmente a aula de redação, gira em torno de questões que envolvem a didática em sala de aula, a metodologia empregada, a escassez de gêneros empregados, bem como a limitação quanto ao tipo de texto trabalhado em sala de aula, a forma de expor argumentos, entre outros fatores por eles apontados. Em síntese, é latente na fala desses alunos o desinteresse pelo formato da aula: aplica-se um tema, o professor discute, eles escrevem. As aulas de redação, portanto, distanciam-se dos propósitos das teorias lingüísticas.

Após a análise dos dados, que nos oferece uma amostra do que seria o atual ensino de língua materna, partimos para a compreensão de como a Internet poderia fazer diferente, como ferramenta para o professor, e contribuir com o ensino de forma mais significativa.

3.2 A produção escrita na Web

Despertar para a pesquisa, a leitura e a investigação com o intuito de ampliar o conhecimento é a consequência natural de uma estrutura de ensino que se dispõe a oferecer aos alunos um pouco mais do que pretendem as aulas expositivas que tendem a ser privilegiadas em sala de aula. Deixo claro que a pesquisa não é um privilégio oferecido pela Internet mediante sites de busca, uma vez que muito antes da chegada da informatização já havia o ensino com base em pesquisas; no entanto, a mídia digital é uma ferramenta que pode favorecer a pesquisa, embora seja muito pouco explorada.

Meu conceito de pesquisa envolve também um interesse maior em que o aluno tenha como oferta a variedade de gêneros, incluindo os digitais –, tendo em vista que, como

já discutido anteriormente, as tecnologias da informação e da comunicação têm influenciado a vida cotidiana com ações diárias que envolvem o uso da tecnologia.

No ambiente escolar, a presença da tecnologia também é visível. As escolas particulares estão se informatizando. Em alguns casos, há a presença do *data-show*, um vídeo-projetor para incrementar a aula como um novo recurso para o professor. Esse recurso é usado mais como um mero projetor de texto, uma lousa digital e não como um meio para promover a interação em sala de aula. Nosso foco é entender como o uso da tecnologia em ambiente escolar pode ser de fato uma estratégia de intervenção na formação discursiva do aluno.

A partir do momento em que o aluno busca sair do '*statu quo*', movido por uma inquietação gerada pela falta de compreensão de seu discurso por outrem – inquietação que o leva a buscar informações que desfaçam esse mal-entendido – o discurso crítico do aluno pode sofrer transformações. A exposição de argumentos de defesa e de contra-argumentos por colegas de sala e do professor em relação a determinado assunto pode tornar-se relevante para esse aluno a partir do momento em que tenha a sua disposição e passe a explorar alguns dos variados espaços da internet como o *chat*, o *blog*, o *orkut*, que já utiliza na sociedade.

A escrita na *Internet* em tarefas escolares pode ampliar as possibilidades de discussão sobre os temas trazidos para sala de aula. Percebemos, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que a motivação para o ensino de línguas é a interatividade, assim como o conhecimento prévio é essencial à compreensão e sem compreensão não é possível tornar posição e defender pontos de vista em textos em geral. O gênero digital promove essa interatividade. Alguns estudos já apontam um maior interesse do aluno quando ele tem a liberdade de usar para promoção de seu conhecimento gêneros não tão discutidos em sala de aula. Podemos verificar isso em Araújo (2007), que defende os *chats* educacionais como constitutivos de uma proposta de ensino.

Para uma análise da escrita na *Internet* buscamos Kress (2005), que afirma que toda comunicação é sempre e inevitavelmente multimodal, e requer que se observem todos os modos que estão ativos numa instância de comunicação, se for analisá-la. No entanto, há um certo temor de que a escrita na *Internet* substituirá a escrita dos livros impressos, que

tem predominado por várias gerações. Essa constatação leva-nos a reiterar que as representações e comunicações são motivadas por instâncias sociais e seus efeitos provindos da economia e da política; portanto, a tecnologia não pode ser vista como casual. Não podemos, portanto, ignorar as demandas comunicativas do momento sócio-histórico presente.

Kress defende que as mudanças na linguagem ocorreram em duas instâncias: nos modos de representação e nos meios de disseminação; em outras palavras, do livro para a escrita; do meio da tela para o modo de imagem. A figura do autor também sofre alterações com essas mudanças. Enquanto o autor do livro sabe quem é seu público, conhece o perfil de seu leitor e tem sua obra com o conteúdo distribuído em um formato pré-elaborado, com capítulos em ordem e páginas formatadas, o autor da tela não tem sua obra organizada segundo a lógica tradicional dos textos impressos; uma *home-page*, por exemplo, baseia-se na imagem e possui inúmeros pontos de acesso, impedindo que o autor possa prever em qual ponto terá início a leitura e que caminho o hiperleitor irá percorrer. Isso nos leva a postular que, hoje, a escola precisa não só encontrar formas de promover o domínio das práticas letradas tradicionais, mas também preocupar-se com o domínio de novas formas de interação textual promovidas pelos recursos técnicos.

Acredito que a prática da linguagem na *Web* pode beneficiar de diferentes modos, o domínio dos letramentos tradicionais e os novos tipos de letramento. Percebem-se nesse ambiente muitos processos conversacionais que promovem a construção conjunta do texto – a despeito da assimetria entre o autor e os comentaristas –, partem de uma situação global para uma discussão local e admitem discussões tangenciais; para isso, é preciso determinar o foco, e manter a centralização do argumento. A escrita em *blogs*, por exemplo, permite que esse tipo de discussão ocorra e esse potencial pode ser explorado de forma produtiva em práticas de ensino.

3.2.3 A escrita da Internet em tarefas escolares

A escrita na *Internet*, mediada na forma de tarefas escolares, oferece ao aluno um processo interativo, ativo e produtivo movido pela sua força de expressão, e apoiado no exercício de produção textual, em que suas idéias se concretizam. Apesar de o aluno

desconhecer como acontece a ativação de seu esquema mental, a liberdade que o meio digital favorece permite a instanciação de esquemas de conhecimento prévio. Com base em seu conhecimento de mundo, o aluno pode abordar o assunto fazendo observações e inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do discurso que, juntas, formarão um todo coerente.

Uma atividade proposta com o *blog*, por exemplo, favorece a interação em sala de aula, considerando que passa a ser uma estratégia que une o texto do aluno e troca de informações com colegas – já que os textos passam a ser públicos, e não mais lidos por uma única pessoa; como no caso de Juliana (13), que reclama de o texto ser escrito apenas para ser lido e avaliado pelo “corretor”. Isso evita que no debate em sala, o professor faça apenas um monólogo oral, e os alunos sejam meros ouvintes. Isso impede também que o professor se limite a oferecer subsídios para os alunos construírem seus textos listando argumentos, anulando a possibilidade de uma troca de informações ou negociação de sentidos, e muito menos da participação dos alunos. Em outras palavras, ao abrir a discussão em um ambiente mais amplo, fora da sala de aula, o professor perde o controle sobre modelos argumentativos prontos e o aluno ganha novo espaço para participar da exposição de dados e opiniões.

O *blog* é uma alternativa promissora. Nessa direção, partindo de minhas crenças sobre o uso da tecnologia para educação e dos depoimentos dos próprios alunos – sujeitos da aprendizagem –, considero que as ferramentas digitais, em geral, e o *blog*, em particular, podem ser mais um espaço para a aprendizagem. Acreditamos que é possível e desejável o professor assumir o papel de mediador de práticas escolares de leitura e escrita que articulem gêneros escolares com outras práticas sociais do ler e escrever que ocorrem fora da escola. Mesmo entendendo que os problemas do sistema educacional não é gerado apenas pelas relações em sala de aula, tais relações fazem parte do processo e percebo pela minha prática, que mudar a postura e a visão sobre o ensino, pode favorecer para uma melhoria na qualidade da aprendizagem. Havendo uma maior abertura para a inserção de ferramentas digitais no ensino de língua materna, o professor pode incluir os próprios alunos, com os diferentes níveis de conhecimento que trazem sobre o tema e sobre o uso da língua, como fontes de insumos que auxiliem os alunos a questionar, refletir, contra-

argumentar e, acima de tudo, preocupar-se com a clareza de seu texto e não com a nota que lhe será atribuída.

A literatura sobre ensino no meio digital tem apontado que os canais aberto pela *Internet* permitem que o aluno seja um sujeito mais participativo, não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ao aumentar-se o potencial de interação, o aluno cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se criador e co-autor da aprendizagem. Isso muda também o papel do professor que passa a ser um guia ou facilitador ativo, ele é formulador de problemas, provocador de situações que instiguem discussões, aquele que indica percursos e busca mobilizar as inteligências múltiplas e coletivas na experiência de construção do conhecimento.

*No capítulo 4, apresento a metodologia de pesquisa
aplicada neste estudo.*

CAPÍTULO 4 – Metodologia da pesquisa

As questões que nortearam este estudo levaram-me a optar por uma metodologia qualitativa. Definida a metodologia, acredito que a pesquisa-ação é uma forma de intervenção, e neste capítulo serão apresentadas as razões que determinaram essa opção. Em seguida, serão descritos o contexto da pesquisa, os objetivos e as perguntas que nortearam o estudo, os participantes e os instrumentos de coleta de dados.

4.1 Pesquisa, ação e reflexão

Meu interesse inicial nesse trabalho foi compreender como a Internet poderia contribuir para as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, de forma a favorecer uma compreensão da língua em toda a sua diversidade. No entanto, em um primeiro momento, não estava muito claro para mim de que forma isso poderia acontecer, por isso busquei desenvolver, a partir de minhas crenças, uma pesquisa empírica objetivando testar o uso da *Internet* para mediar e otimizar as discussões realizadas nas aulas de produção textual em Língua Portuguesa no Ensino Médio. Como já indicado nos capítulos anteriores, entre os diversos espaços hoje disponíveis na *web*, escolhi o *blog*, porque me pareceu que o tipo de discussões em que se envolvem seus participantes assemelha-se às discussões que ocorrem comumente em sala de aula como forma de preparação para a escrita. A partir da escolha, passei a considerar o *blog* uma possível ferramenta para o trabalho em sala de aula e um objeto de investigação empírica.

Optei pela pesquisa-ação por entender que essa metodologia poderia me oferecer condições para desenvolver melhor a aplicação dessa ferramenta ao ensino, tendo em vista que, de acordo com Dionne, propõe *agir para conhecer* (2007: 29). Para o autor,

a pesquisa-ação é principalmente uma modalidade de intervenção coletiva, inspirada nas técnicas de tomada de decisão, que associa atores e pesquisadores em procedimentos conjuntos de ação com vista a melhorar uma situação precisa, avaliada com base em conhecimentos sistemáticos de seu estado inicial e apreciada com base em uma formulação compartilhada de objetivos de mudança. (2007:44)

Os caminhos que me levaram a um estudo voltado para a pesquisa-ação tiveram como ponto de partida o contexto em que vivia (o que engloba também a equipe de professores, o corpo discente, a estrutura escolar). O que tinha como ferramentas pedagógicas e o que sabia sobre elas exigiam uma mudança de postura pedagógica, pois considerava a Internet um recurso legítimo e contemporâneo para o trabalho em sala de aula, mas não sabia como utilizá-la. Trabalhava em uma escola que tinha dos mais avançados recursos tecnológicos como lousa digital, computadores equipados com data-show em todas as salas, imensos laboratórios de informática; no entanto, muito pouco aproveitados pela minha prática, que não explorava os recursos dessa tecnologia. Além disso, esse uso da tecnologia era também, por vezes, ignorado por colegas de trabalho.

Meus objetivos, durante a pesquisa, dividiram-se em dois tipos: o primeiro, de caráter prático, técnico e instrumental, que se refere à busca de soluções para melhor adequação e uso do meio digital em minhas aulas de produção textual. Essa busca está dividida em dois estudos que revelam minhas tentativas de aprimorar as possibilidades de uso do *blog* como uma ferramenta pedagógica para o professor.

O segundo tipo de objetivo é a busca de conhecimento. Nesta pesquisa, procuro entender a validade de utilizar o meio digital no contexto escolar e a eficácia do *blog* como uma ferramenta útil, viável e interessante para o ensino e para a aprendizagem. Reconheço que as pesquisas que envolvem o tema ‘Linguagens e Tecnologias’ têm evoluído consideravelmente, o que vem ampliando cada vez mais a literatura. Entretanto, pouco se sabe sobre a prática pedagógica em ambiente digital. Por isso, busco compreender, a partir deste estudo empírico, como mudar a realidade de minha prática de ensino e orientar melhor os trabalhos com ferramentas digitais.

Em termos metodológicos, a pesquisa desenvolvida tem um caráter de *reflexão-na-ação* (SHÖNM, 2000), partindo da linha de pesquisa denominada pesquisa-ação (DIONNE, 2007), uma vez que envolve o professor como um pesquisador de sua prática pedagógica e, portanto, um participante do seu próprio processo educacional.

Outra justificativa para a escolha da *pesquisa-ação* é a proposta dessa linha de pesquisa: levar o profissional pesquisador a uma reflexão acerca da importância da transformação de sua prática. Sob esse foco, busco refletir sobre minha prática docente e,

desde já, posiciono-me como professora-pesquisadora e professora-participante. Além disso, a pesquisa-ação explica a importância de o professor ser reflexivo, calcado em uma formação coerente. Os caminhos que percorri em minha vida acadêmica levaram-me a acreditar nesse perfil de professor: que tenha formação reflexiva, uma postura transdisciplinar, e o envolvimento fundamental na produção de conhecimento.

Para Dionne (2007:69) *“a ação tem ‘efeitos de conhecimento’ que são sistematicamente considerados: o aspecto investigativo adquire seu sentido em contato com a ação, tal abordagem tem conseqüências originais em termos de aquisição de conhecimento”*. Assim como o autor, acreditamos na pesquisa-ação como uma metodologia de ação, que se inicia pela identificação de um problema/situação; um levantamento de hipóteses que possam levar a soluções; a implantação das soluções; e, por último, a avaliação do procedimento. O resultado é um tipo de intervenção que se insere num processo de mudança social, uma vez que o pesquisador alcança a modificação da situação, bem como adquire conhecimento; para tanto, fortalece a relação teoria e prática, permite gerar conhecimentos novos, além de alcançar uma característica sociopolítica superior.

As metas aqui elencadas, possíveis em decorrência da *pesquisa-ação*, encaixam-se no caráter empírico dessa pesquisa, que procura, a partir de uma situação concreta, estabelecer uma ação orientada em função da resolução de problemas detectados. Em tese, procuro entender como o *blog* poderia ser utilizado como uma ferramenta para o ensino; busco explicações para os problemas encontrados e também produzir conhecimentos que possam ser utilizados para a elaboração de uma prática eficiente com a utilização de *blogs* no ensino.

Conforme já dito, a escolha pela pesquisa-ação decorre das perguntas de pesquisa que levaram a questionar e avaliar minha prática docente. Sobretudo, devo também confessar que, desde meus estudos na graduação, faz parte de meu trabalho o movimento para auto-avaliar, questionar, avaliar soluções para problemas que envolvem minha prática. Antes da pesquisa, percebia que havia algum problema na escola em que trabalhava quanto à forma como a tecnologia era utilizada em sala de aula, mas não sabia exatamente onde estava o problema e como poderia ser solucionado. Procurei ingressar ao programa de pós-graduação na Unicamp, porque precisava de orientação mais sólida e

buscar experiência no sentido de esclarecer melhor o que considerava um problema. Na realidade, o prosseguimento desta pesquisa foi o caminho contrário: fui guiada pela intuição, que muitas vezes me levou a hipóteses inconsistentes. Esses impasses levaram-me a buscar os esclarecimentos teóricos adequados às minhas necessidades profissionais.

Os estudos me levaram a perceber que a questão não era apenas defender a pertinência do meio digital para a promoção da aprendizagem em decorrências de novas tecnologias, mas definir formas de o professor orientar a aprendizagem dos seus alunos em um novo ambiente. Então percebi, durante a análise de dados, que o maior impedimento em utilizar a tecnologia de forma espontânea, autêntica e facilitadora do ensino e da aprendizagem estava no professor que não tinha formação qualitativa adequada para trabalhar com o novo ambiente. Essas questões conduziram-me a rever a própria prática, a entender como o atual ensino de língua portuguesa funciona, para propor um novo perfil de aula com uma nova ferramenta. Nesse processo, interessou-me também saber o que os alunos tinham a dizer sobre o ensino de língua portuguesa e, a partir das respostas obtidas, formatei uma tentativa de utilização do *blog* em sala de aula, objetivando analisar sua validade como ferramenta escolar.

4.2 O contexto da pesquisa

A fim de esclarecer melhor em que condições se dá a presente pesquisa, é necessário relatar brevemente o contexto no qual a pesquisa foi inserida, bem como o que a motivou.

O ensino de língua portuguesa atualmente possui como tangente a pluralidade de discursos que envolvem os mais diversos gêneros textuais, e os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa orientam o uso desses gêneros baseados na leitura, produção e interpretação. Consideramos que já não é mais uma novidade trabalhar com a multiplicidade de gêneros no ensino médio e/ou fundamental. Hoje a novidade é inserir os gêneros digitais nesse contexto. Encontramos hoje, na prática escolar, grupos de docentes que reconhecem a importância dessa inserção, mas não sabem como fazê-lo; e grupos que não acreditam no sucesso, na validade do uso da *Internet* para o ensino, ao contrário, defendem que a linguagem da Internet apenas traz prejuízos para o desenvolvimento da

leitura e a prática da escrita. Essas questões têm origem em visões extremamente distintas de tecnologia, e cabe ao desenvolvimento de outras pesquisas acadêmicas contribuir no sentido de elucidá-las. Esta pesquisa enquadra-se no grupo de professores que considera o advento tecnologia um pertinente caminho para a extensão do estudo da língua, considerando que a língua é democrática, pertence a todos os ambientes, inclusive o digital. Foi a partir dessa crença que se iniciou a projeção da pesquisa e da ação.

Na verdade, minha maior inquietação era observar que o grupo que se opunha ao uso da tecnologia não oferecia uma solução melhor. Paradoxalmente, como já mencionado, o contexto da aplicação desta pesquisa era justamente um ambiente cercado de tecnologia, cuja presença já tinha início na chegada dos alunos na escola: os computadores registravam o momento exato da entrada do aluno; no site era disponibilizado aos pais um controle acerca das atividades que o aluno participava diariamente e anunciava todas as suas atividades daquele dia; em sala de aula, o professor utiliza da lousa digital, da qual escrevia com os dedos em uma tela virtual permeada de mecanismos e ferramentas que permitiam ampliar imagens, desenvolver fórmulas, aplicar regras, apagar o quadro, entrar em outras telas etc. Embora esse contexto favorecesse uma otimização das aulas, era reduzido apenas a aplicações de slides, cujos textos eram cópias de outros materiais. Assim, a tecnologia não tinha um uso efetivamente pedagógico para as aulas, em geral, e para as aulas de Língua Portuguesa, em particular.

Nos encontros internos de professores, procurava demonstrar a necessidade de aproveitarmos de formas mais interessantes a tecnologia como um recurso pedagógico, propondo buscar, em grupo, outras alternativas. Entretanto, enfrentei problemas com a resistência de alguns colegas e a direção escolar que não compreendia como uma professora de língua portuguesa defendia um recurso que reduzia a linguagem a cifras, ícones, abreviações, como fazem os internautas. O cenário então era, de um lado, um grupo que ignorava a tecnologia; e de outro, eu e alguns poucos colegas que viam a importância da tecnologia para o ensino, mas não tinham condições/formação/conhecimento para defender a proposta e, por isso, éramos facilmente derrotados em argumentos. Para eles, havia uma contradição de base: uma professora de português, que deveria defender a norma lingüística padrão, pregava o uso da *Internet*, imediatamente associado ao “internetês”,

visto por muitos como uma deformação da norma culta. Entretanto, embora levasse em conta a minha falta de informação (e a de meu grupo) sobre o uso da tecnologia e também questionasse a idéia generalizada como verdade única de que só é possível ensinar língua portuguesa como norma lingüística, inquietava-me o fato de meus colegas não se interessarem nem pelas novas mídias, nem pela tecnologia. Experimentei diversas abordagens. Por exemplo, em uma reunião de pais e professores, demonstrei que em todas as aulas, como uma rotina, abria na tela da sala o *site* do Jornal Folha de São Paulo e de lá retirava temas polêmicos que os alunos selecionavam para produzir textos, e sublinhava que isso só era possível com o advento da tecnologia. Em outra situação, nas reuniões de professores, afirmava particularmente que o *blog* e o *fórum* poderiam aproximar professores e alunos, alunos e disciplinas.

Contudo, nenhuma das estratégias que eu utilizava surtia efeito: uns se interessavam em ouvir; outros, apenas respeitavam meu direito de fala. Na tentativa de compreender melhor o uso da tecnologia como uma ferramenta e até mesmo buscar experiência própria para que pudesse também envolver outras pessoas, busquei aplicar no colégio em que trabalhava a experiência de explorar o *blog* como uma ferramenta pedagógica. Embora não tivesse a experiência necessária sobre como fazê-lo, a literatura que tinha em mãos sobre tecnologia para educação indicava-me que estava no caminho correto. Passei a fazer a experiência com meus próprios alunos, para que pudesse observar de perto os resultados e auto-avaliar minha postura pedagógica. Os alunos inicialmente não pareciam acreditar na importância da pesquisa. Estavam mais preocupados com a possibilidade de o tempo da aula ser “perdido”, considerando que os processos seletivos do vestibular se aproximavam, mas acabaram por se envolverem na proposta.

A seguir, passo à descrição dos objetivos e perguntas de pesquisa.

4.3 Objetivos e perguntas da pesquisa

Meu objetivo, ao propor uma utilização do *blog* em sala, foi o fato de esse ambiente permitir explorar o potencial dos alunos para o desenvolvimento da pesquisa – tendo em vista que teriam de publicar textos inéditos na Internet – e expandir as discussões já realizadas em sala de aula para um ambiente interativo de debates no meio digital.

Assim, poderia avaliar, a partir do desenvolvimento da tarefa orientada em sala de aula, a validade da ferramenta para o contexto escolar. A partir desse contexto, de maneira didática, apresento as quatro fases principais do processo de pesquisa-ação.

A **primeira fase** que identifica a situação inicial que denominamos objetivo principal desta pesquisa: **como o blog poderia ser utilizado como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola.**

Na **segunda fase**, defini a projeção da pesquisa e da ação, que se desdobra a partir do objetivo geral, em dois objetivos específicos: 1. Estudar como o *blog* poderia ser utilizado como recurso/ferramenta pedagógica. 2. Definir um conjunto de critérios que podem nortear o uso do *blog* relacionado a tarefas escolares dentro do ensino de língua materna.

Na sequência, a **terceira fase** propõe a realização das atividades previstas. Em relação ao primeiro objetivo específico, optamos por descrever em detalhes como foi construída a tarefa de elaborar *blogs* coletivos a partir dos debates realizados em aulas de produção de textos. Entretanto, após a análise dos dados, verificamos uma falha na proposta de uso da ferramenta, que não resultou no que esperávamos. Em uma nova tentativa, formatamos o perfil da proposta em uma nova versão, na expectativa de melhor avaliar nossas hipóteses sugeridas no início deste trabalho. Foi definido, então, dois momentos da pesquisa: a primeira tentativa, denominada ‘estudo 1’; e a segunda, denominada ‘estudo 2’.

O segundo objetivo específico foi alcançado no estudo 2, que permitiu, a partir das análises e observações da coleta de dados, a definição dos critérios para utilizar o *blog* como ferramenta pedagógica.

Na **quarta fase** – avaliação dos resultados obtidos –, procurei responder às duas perguntas de pesquisa elaboradas neste estudo: 1. O uso do *blog* como tarefa de sala de aula favorece a prática de produção textual? 2. Quais são os entraves e as alternativas que o professor de língua portuguesa precisa confrontar quando inclui o *blog* em sala de aula?

4.4 Participantes da pesquisa

Além da professora-pesquisadora, que se desdobra nessa pesquisa como orientadora da tarefa em sala de aula e suporte dos alunos na elaboração da tarefa, os

demais participantes da pesquisa são alunos de seis turmas do Ensino Médio: duas turmas de 1º colegial, duas de 2º colegial e duas de 3º colegial, cada turma tendo em média 40 alunos.

4.5 Instrumentos de coleta de dados

Os procedimentos de coleta de dados envolveram os seguintes instrumentos: *questionário semi-estruturado*, *notas de campo*. Descrevo a seguir como foram usados e quais foram as razões que me levaram a usar cada um desses instrumentos.

A coleta de dados foi realizada em dois momentos diferentes: no primeiro estudo e, em outro momento, no segundo estudo. Nos dois momentos as mesmas turmas foram envolvidas, com exceção do segundo estudo, do qual excluimos as turmas de 1º colegial, na tentativa de focalizar o corpus da pesquisa de que constava um número grande de alunos envolvidos; portanto, no segundo estudo, as turmas envolvidas deixaram de ser seis e passaram a ser quatro.

Inicialmente, foi apresentado aos alunos o argumento de que gostaria de envolvê-los em outro espaço, o digital, e otimizar nossas aulas de produção do texto, sendo o uso do *blog* uma tentativa nessa direção. O fato de inicialmente não ter declarado que se tratava de uma pesquisa foi uma tentativa de tornar a coleta de dados o mais fidedigna possível, fruto de uma atividade espontânea por parte dos alunos - tinha receio de que eles “caprichassem” na tarefa porque ela poderia ser publicada, assim comprometeria a veracidade da análise de dados. Mas, como os alunos sabiam que trabalhava com pesquisa na área de Linguagens e Tecnologias, então, posteriormente, considerei viável esclarecer que estava desenvolvendo uma pesquisa para testar minhas hipóteses sobre o uso da ferramenta antes de coletar os dados. Fiz esse esclarecimento quando os textos, que iria utilizar para a análise de dados, ainda estavam com eles, pois, caso não quisessem participar, tinham liberdade para não entregar o texto feito. Os textos que foram entregues podem, portanto, serem considerados ilustrativos do que esses alunos fariam para cumprir uma tarefa escolar. Os alunos acataram positivamente a experiência, todos autorizaram a análise dos *blogs* publicados por eles e nenhum dos alunos recusou-se a responder aos questionários ou a fazer a tarefa. Quando detectado que algum aluno não estava presente no

dia da tarefa, verifiquei que a ausência era justificada por motivos como: atestado médico ou solicitação da ausência do aluno por parte da direção.

No primeiro estudo, a tarefa solicitada aos alunos era que interagissem com o *blog* da professora, no sentido de dar continuidade às discussões realizadas em sala de aula. Para nossa surpresa, houve vários acessos, entretanto, raras participações. Instigava-nos o fato de haver um número alto de acessos, mas quase nenhuma interação. Para compreender melhor o que estava ocorrendo, envolvemos os sujeitos da pesquisa em duas avaliações, sendo a primeira uma auto-avaliação da professora-pesquisadora, e a segunda, a dos alunos participantes apenas das turmas de 3º colegial. O critério para essa seleção foi o fato de serem essas as turmas que comumente avaliam o trabalho do professor e participam periodicamente de auto-avaliações. Os instrumentos de coleta de dados da avaliação da professora-pesquisadora foram notas de campo. Quanto aos alunos o instrumento foi um questionário (anexo 2), proposto com o objetivo de analisar o que eles tinham a avaliar com relação ao trabalho com *blogs* em sala de aula.

Partindo das considerações feitas pela professora e alunos envolvidos, percebemos lacunas que impediam o sucesso da estratégia. Em uma outra tentativa, formatei uma nova proposta norteadas por novos objetivos e intenções na estratégia, o que fez mudar o perfil da atividade, que deixou de ser centralizada no professor e passou a oferecer maior autonomia para o aluno. O segundo estudo alcançou outros resultados que não só se revelaram positivos para confirmação de minhas crenças, como também me fizeram entender quais os critérios e cuidados o *blog*, como ferramenta, exige, para que o ensino seja efetivamente produtivo. A seguir, então, passamos para a análise de dados.

No capítulo 5 apresento a Análise dos Dados. Foram realizados dois estudos em sala de aula, com a proposta de trabalhar o gênero blog nas tarefas escolares. O primeiro estudo ilustra uma tentativa frustrada que mostra as dificuldades que o professor pode enfrentar quando busca mudar sua prática. O estudo revela as dificuldades que temos de abrir mão de modos tradicionais de conduzir o ensino. O segundo estudo analisa outra tentativa que visava corrigir os problemas apresentados no primeiro. Essa segunda iniciativa mostra possibilidades mais promissoras do uso de blogs.

CAPÍTULO 5 – Análise dos dados

5.1 Primeiro estudo

5.1.1 Uma experiência fracassada do uso de *blogs* como ferramenta pedagógica

Na tentativa de experimentar o ambiente digital como um espaço que pode oferecer ferramentas pedagógicas para o ensino, criei um *blog* intitulado “Redação em debate” (redacaoemdebate.blogspot.com), com o propósito de dar continuidade ao debate em sala de aula, promover fóruns de discussão, interagir com outros temas, envolver os alunos na disciplina.

A intenção era, na verdade, ampliar as discussões que ocorriam em sala de aula, fazer do aluno introspectivo ou apenas observador alguém que interage, participa de discussões; além disso, deveria sugerir leituras, promover a socialização com outros textos, analisar outras opiniões, enfim, o objetivo era que os alunos saíssem do estado de apenas ouvir o professor e passassem a agir de forma mais dinâmica. Esperava-se com isso oferecer ao aluno oportunidade de produzir textos de forma interativa, indo além da tradicional aula de redação, em que ele tinha que escrever sobre um tema imposto pelo professor.

Tratava-se de uma proposta que propunha uma relação aluno/disciplina em um contexto determinado pela tecnologia, por meio de um gênero já comum para a classe estudantil. Entendo a aula de redação como um momento de esclarecimento de idéias, exposição de fatos e argumentos, compreensão de temas, raciocínio lógico e, além disso, considero que o ato de escrever implica também criar consistência de argumentos, fatos e pensamentos, prática de arguição. Foi nesse contexto que levei adiante a idéia de que seria eficiente utilizar o meio digital para que esse espaço também pudesse ser melhor explorado pelo ensino.

A proposta foi divulgada nas seis turmas envolvidas. Inicialmente, apresentei a idéia de que poderíamos inovar e continuar nossas discussões em outro espaço – o *blog* teria como objetivo facilitar a participação e, por isso, esperava a interação deles. Sobretudo, defendi que a necessidade de vivenciarmos os usos da linguagem em todos os

espaços, inclusive no âmbito digital. A proposta era a de que alunos publicassem textos individuais e coletivos, e também inserissem *posts*, assim que ocorresse uma mudança no tema em discussão³², ou seja, o *blog* constituir-se-ia numa extensão das discussões propostas em sala. Assim que ocorresse a discussão em sala de aula, o tema seria disponibilizado no *blog* para que os alunos pudessem inserir comentários:

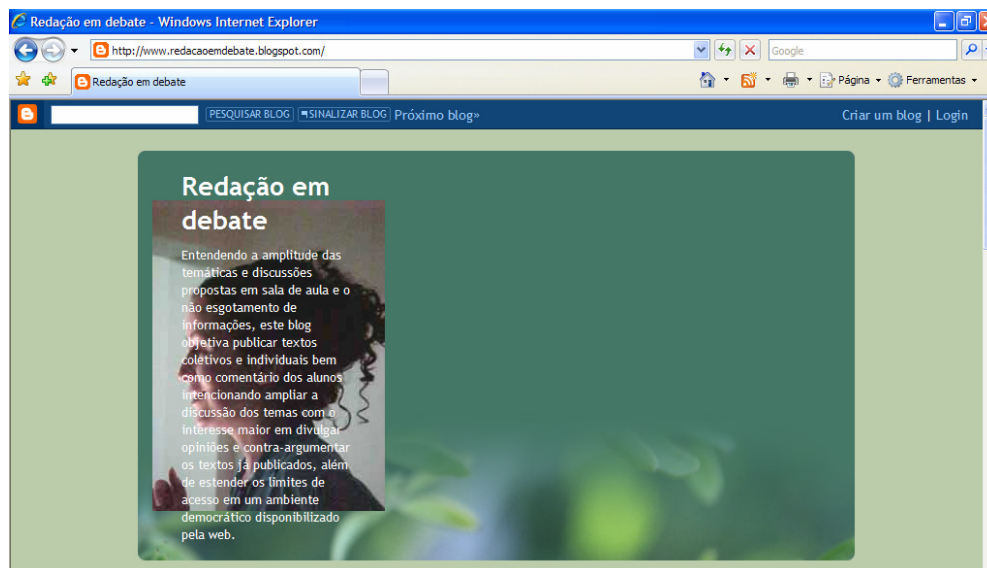


Figura 4A – Página Inicial do site *Redação em Debate* – primeira tela – <http://www.redacaoemdebate.blogspot.com>

³² As aulas de redação comumente ocorrem com a exposição de um assunto do qual recortamos um tema para criar uma discussão em sala de aula. O professor leva para a sala de aula argumentos bilaterais objetivando que o aluno tome partido por determinada situação. Tais argumentos envolvem dois ou mais pontos de vista, geralmente contrários, para que o aluno compreenda o complexo do assunto e esteja maduro para elaborar sua própria argumentação. Após a análise de argumentos, dados, fatos apresentados em sala tanto pelo professor quanto pelos alunos que participam da discussão, um texto é produzido.

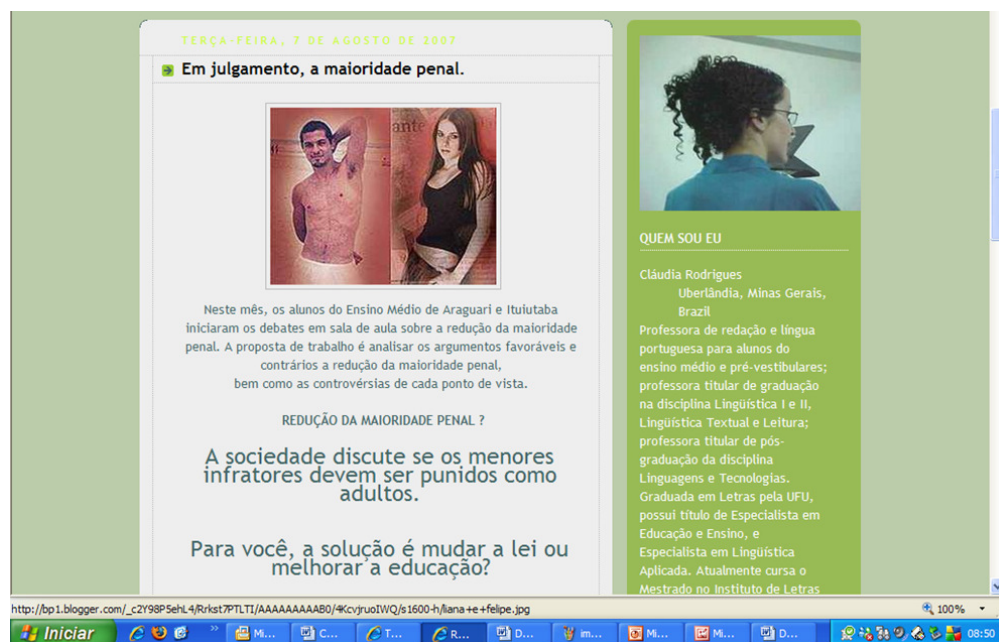


Figura 4B – Página Inicial do site Redação em Debate – segunda tela – <http://www.redacaoemdebate.blogspot.com>

Durante um mês, houve apenas um comentário entre os 210 alunos envolvidos. Percebia-se que o *blog* era acessado (pela contagem numérica que o próprio gerador faz), no entanto, não percebia interesse dos alunos em comentar, enviar *posts*, participar do ambiente, publicar seus textos. Não parecia ser uma resistência ao trabalho, uma vez que o *blog* era acessado³³. Isso gerou a questão: por que os alunos não publicavam o que pensavam? Qual a razão de não interagirem com a proposta do uso do *blog*, considerando que possuem outros *blogs* onde naturalmente ocorrem interações? Perguntas como essas ficaram sem respostas por algum tempo. Enquanto isso, aguardava a motivação, sem insistir muito para que acessassem, porque acreditava que o acesso deveria ser espontâneo; deveria ser natural o aluno querer publicar seus textos.

Apesar de ainda não ter entendido bem o que havia acontecido, levantei algumas hipóteses que me instigam a pensar o uso do *blog* como recurso pedagógico. Por

³³ Considerei, neste trabalho, que o número de acessos que os contadores apontam nem sempre são fidedignos a ponto de concluir que o blog x ou y é muito acessado, portanto popular, porque tem um número alto de visitantes por dia. Isso porque o mesmo internauta, até mesmo o dono do *blog*, pode ter acessado várias vezes. Entretanto, há também na *web* contadores mais confiáveis que registram o número da máquina que acessou a página, juntamente com o horário, data e quantidade que este usuário acessou a página. Na criação deste *blog* recorri aos contadores comuns, o que leva a considerar que a contagem de visitantes foi genérica.

que o recurso não “emplacou”? Por que os alunos, embora manipulem bem a *web*, conheçam tudo sobre *blogs*, o gênero não obteve repercussão como proposta de ensino? Ao tentar compreender as questões, chego à conclusão de que a utilização do *blog*, da maneira como foi proposta, jamais seria um sucesso, como estratégia ou recurso pedagógico.

O problema não está no fato de tomar o *blog* como um recurso para o ensino, mas sim em uma proposta mal elaborada, mal planejada. Um trabalho com adolescentes não surte resultado se não houver interesse. Na verdade, todos nós, crianças, velhos e adultos precisamos estar interessados para fazer algo, e, na fase da adolescência, é maior a resistência quando não percebem significado no que lhes é proposto. Talvez não fosse o fato de serem adolescentes e apenas estarem desmotivados, mas de o interesse da proposta de ensino não estar, de fato, centralizado no aluno.

O fracasso da proposta residia no fato de que o interesse pelo trabalho estava centrado nos objetivos e intenções da professora, que detinha o controle de autoria, e de seleção de textos e temas. O próprio formato do *blog* trazia a foto da professora ministrando aulas, marcava sua identidade e oferecia seu currículo pessoal. Em momento algum apresentava algum aluno como participante. Não que tudo fosse completamente inadequado, contudo, não casava com o perfil da proposta, que era continuar a discussão do trabalho de um grupo, dos trabalhos e debates realizados em sala de aula. O aluno, portanto, fora inteiramente excluído, estava fora da proposta, embora o objetivo tenha sido despertar seu interesse para a escrita.

No entanto, observado que o objetivo previsto durante a criação do *blog* não se refletia na execução da proposta, a análise e a percepção do erro levam mais uma vez a compreender que o resultado desse desacordo entre o que pretendem os alunos e o que impõe o discurso escolar é que o mais fraco, o aluno, sempre obedece. Contudo, o fato de ele obedecer e não reagir ao que lhe é imposto pode levá-lo a sentir-se perdido nesse contexto e simplesmente ficar alheio ao trabalho proposto. Foi o que aconteceu com a atividade: o aluno não se interessou porque não entendeu; logo, não criticou, não argumentou, e não considerou interessante o envolvimento com o trabalho.

Isso me levou a questionar: o que pode-se fazer, então, além de constatar esse fracasso? Uma pista pode ser seguida: houve acessos à página. O número de acessos

permite-nos supor a existência de um interesse, mas, que tipo de interesse? Podemos conjecturar que de início, pelo menos, uma curiosidade em saber o que havia no *blog*, do que tratava, e o que lá encontraram não ia ao encontro de seus interesses, fossem eles pessoais ou mesmo estudantis.

Buscando melhor entender e aprender com as falhas, a próxima seção sugere algumas hipóteses levantadas pela professora que propôs a tarefa e a explicação de alguns alunos para o fracasso da atividade proposta.

5.1.1.1 Avaliação da professora

A partir deste estudo empírico, considero que algumas falhas ocorreram tanto em relação à forma como a tarefa foi apresentada quanto na proposta de execução. Que fatores poderiam ser apontados como aqueles que levaram ao insucesso da proposta?

1º. Não houve claramente uma proposta e incentivo adequados para os alunos. Embora conhecessem e acessassem *blogs*, o uso desse tipo de site (caderno digital) em sala de aula como estratégia pedagógica é uma novidade. Para funcionar, a proposta deveria ter sido discutida com os alunos, de forma a ser preparada antes de ser inserida no contexto escolar; em outras palavras, deveria ter havido uma transição. Um recurso poderia ter sido “movimentar a sala”, inquietar os alunos quanto aos objetivos de escrita no contexto escolar, no âmbito profissional, emocional, pessoal. Questioná-los sobre qual a valorização da escrita tanto para os alunos que pretendem apenas uma aprovação em processos seletivos quanto para aqueles que também enxergam na escrita uma forma de lidar com o poder das palavras com mais ousadia, mais determinação. Partindo das atuais propostas de ensino, levá-los a pensar no ônus/bônus que a escrita oferece, passando daí a um diálogo sobre o porquê das “aulas de redação”. A ‘carta estaria lançada’: se todos estivessem entendendo a proposta, a professora poderia inserir uma nova modalidade de ensino em sua prática para o contexto e os alunos poderiam ampliar a rede de discussão explorando os recursos do meio digital. Importa sublinhar que a professora acreditava ter utilizado esses argumentos, contudo, o que se revelou foi que não foi persuasiva o suficiente ou não envolveu os alunos de forma eficiente.

2º. Com receio de tendenciar a proposta, a professora simplesmente esperou que os alunos se engajassem nas atividades pelo interesse pessoal e não pela busca de pontuação. Com esse objetivo em vista, a professora apenas divulgou o *blog*, discutiu a importância do gênero para o trabalho em sala de aula e aguardou a manifestação de interesse por parte dos alunos. Embora seja um ideal que o aluno se engaje nas atividades por motivação e não por cobranças e notas, a realidade em sala de aula pode ser bem diferente. Os alunos hoje – embora possamos lamentar – trabalham tendo em vista uma avaliação. Por que deixariam de fazer uma tarefa avaliativa para fazer outra que não tem distribuição de pontos? A motivação para participar em sala de aula, leituras e exercícios é a pontuação prometida, todavia, é preciso tratar a questão de forma equilibrada: nem colocar-se categoricamente na posição de quem exclui a avaliação nem oferecer os pontos apenas para que o aluno faça suas tarefas. Analisar essa questão é ir de encontro a uma polêmica amplamente discutida nas academias, em pesquisas que tratam de ensino e aprendizagem. Para um grande número de pedagogos, terapeutas, psicólogos, professores e pesquisadores essa é uma questão que nenhum conjunto de respostas esgota. Porém, uma avaliação crítica sobre o resultado do trabalho, bem como o seu andamento, seria de muito bom grado, avaliar não é necessariamente “distribuir pontos”, o conceito de avaliação é mais amplo que essa conceituação. Trata-se de uma apreciação, de reconhecer a grandeza, a intensidade, e a amplitude do trabalho; no entanto, essa apreciação para considerar as estratégias pedagógicas, verificar sua funcionalidade e rever as propostas não foi devidamente estabelecida.

Em suma, não seria de bom senso abandonar a atividade ou destinar pontos apenas para os alunos executarem a tarefa. Uma vez reconhecida a necessidade de valoração, o problema está em como distribuir a pontuação e determinar sua objetividade. Destinar pontos para os trabalhos realizados não é em si algo condenável, todavia fazer dos pontos a única razão de ser do trabalho não pode ser recomendável. Um plano de trabalho com uma proposta clara trará bônus para a leitura e a escrita, e isso já implicará a promoção do aluno como pensador e crítico, o que, por si só, já é uma valoração.

3º. “Não tem graça!” Esse comentário resumia a opinião dos alunos sobre o *blog* e havia somente 3 *posts* publicado. Será que a atividade teria alcançado sucesso caso tivesse muitos *posts*? Essa hipótese nos remete à análise anterior: os alunos acessavam o *blog*, mas logo perdiam o interesse no que viam, não se identificavam e, portanto, não participavam, não enviavam *posts*. É possível argumentar que os alunos que viam que apenas um ou outro colega participava não tinham as melhores “referências”, ou seja, pequeno número de *posts* remetia à ausência de interesse, “não dava *ibope*”, logo, não podia ser bom! Essa argumentação, contudo, parece-me leviana, uma vez que tem por base apenas a crença de que um *blog* concorrido é necessariamente bom, quando sabemos que são inúmeros os motivos para acessar um site ou um *blog* qualquer. O que entendemos é que o problema apontado no item 1 (clareza e incentivo inadequados) levou ao item 2 (uma aposta em um interesse totalmente independente do sistema de avaliação a que os alunos estão habituados), em outras palavras, a desmotivação esclarece o porquê da não publicação dos textos por parte dos alunos.

4º. Embora o *blog* fosse destinado às aulas de redação, a formatação remetia apenas à professora – “dona” do *blog*. Além da foto ministrando aulas, com a descrição e o objetivo do *blog*, logo à direita há outra foto da professora com seu currículo pessoal, em vez da descrição de turmas, informações sobre os alunos ou textos dos próprios alunos. Esse foi um erro fatal. A caracterização do *blog* remetia diretamente a um dono: a professora. Logo, cada acesso confirmava: “isso não me pertence”, e essa exclusão levou à falta de interesse. No trabalho coletivo que envolve professor e alunos, uma identificação entre ambos é necessária. Na verdade, a forma como a página foi disponibilizada não era clara, e podia levar os alunos a ler o *blog* como uma página pessoal de uma professora que divulgava seu trabalho. Não haveria problema algum nisso, se o real objetivo da professora não fosse promover debates, ampliar discussões, motivar os alunos a explorar situações de uso na *Internet* que faz parte do mundo deles. É importante deixar claro que não há nada contra o professor gerenciar uma página, o problema é a identificação, de onde e como os alunos se encaixariam. Qual seria o perfil estabelecido? Quem seriam os participantes?

Como ocorreria essa participação? Esses princípios não estavam claros na elaboração desta experiência.

5º. Embora envolvessem a juventude, os temas não despertaram o interesse dos alunos. Essa é uma percepção, não uma causa do insucesso do *blog*. O problema aqui está na concepção de leitura, interesse em discussão, curiosidade em avaliar temas, construir opiniões. Em contrapartida, também acusar nossos alunos pelo não envolvimento com temáticas propostas seria tampar nossos olhos para não ver que trata também de um problema no ensino, e não apenas na aprendizagem. Não responsabilizo a escola pelo não interesse do aluno, mas esta pode influenciar e inquietar o aluno, conduzindo-o ou não à pesquisa. A escolha é da instituição, e entenda-se por instituição o corpo administrativo, financeiro, pessoal, docente e discente. Novamente esbarramos em questões acerca dos problemas do ensino e aprendizagem. Rever posturas e promover mudanças é um pré-requisito para o sucesso escolar no ensino, e a pesquisa acadêmica tem contribuído para isso, e é visível ainda a necessidade de uma ruptura de dogmas que distanciam o ensino da aprendizagem. No entanto, de nada adiantará tentar melhorar o ambiente em sala de aula com usos de novas tecnologias se nossos pensamentos sobre as concepções escolares permanecem centralizadores e tradicionais.

De todas as hipóteses acima apontadas, pode-se subtrair que faltou planejamento, elaboração, proposta para que o *blog* alcançasse sucesso como estratégia pedagógica. A construção, elaboração e criação do *blog* foi ditada pelos interesses e intenções profissionais da professora, e partiu de seu conhecimento de mundo, de suas particularidades, de sua maturidade em ler e escrever textos. E assim, deixando de lado o aluno, o *blog* não funciona como recurso pedagógico. A linguagem do *blog* proposto era extremamente formal, em franca desarmonia com o estilo dessa modalidade. Além de tudo, acreditar que os alunos pudessem acessá-lo por interesse próprio, sem que fosse “vendido” a pontos, hoje, em nossa realidade escolar, é ilusão. Não que nossos alunos não tenham capacidade, ou vontade própria, ou busquem leituras, acontece que, quando orientado por um professor, o que se espera de uma atividade é a pontuação. Nesse contexto, não

podemos afirmar neste estudo quem são os culpados, se professores, se alunos – mas esse não é o foco de nossa discussão. Trata-se de uma cultura de ditadura escolar e por mais que tentemos, por mais que novas tendências pedagógicas possam influenciar, é uma árdua tarefa romper com essa mentalidade da atividade em sala de aula estar tão vinculadas à pontuações.

Concluímos, portanto, que, centralizado na imagem e objetivos do professor, o *blog* como uma ferramenta pedagógica que possa envolver os alunos a explorar outras linguagens e outros gêneros fracassará. Essa conclusão está apoiada no que abstraí a partir deste estudo empírico, do envolvimento dos alunos, dos olhares e comentários que percebi em sala de aula, enfim, de todos os elementos identificados como aqueles que levaram ao insucesso no trabalho com *blog* no ensino de língua materna.

5.1.1.2 Os alunos avaliam a proposta aplicada em sala de aula

Apenas perceber os problemas de utilização do *blog* como estratégia ou recurso pedagógico sob o ponto de vista da professora, levantar hipóteses e analisá-las no objetivo de tentar compreender o que ocorreu não é o suficiente para evitar a repetição do erro. Acredito que ouvir o que os maiores interessados têm a dizer, os alunos, ou seja, entender a sua avaliação da proposta de ensino, é um caminho relevante para compreender com clareza por que o *blog* como estratégia pedagógica não teve o sucesso esperado.

Dessa forma, objetivando compreender por que na primeira tentativa o *blog* não funcionou, os alunos foram ouvidos. Para isso foi proposto a eles que escrevessem um texto com o mínimo de 10 linhas discutindo e / ou tentando explicar por que a estratégia não funcionou e o que seria oportuno para que a proposta tivesse sucesso.

Para tanto, a professora explicou que tentara trabalhar com *blog* nas aulas de redação e não havia dado certo, no ponto de vista dela, mas que gostaria de ouvi-los sobre o que tinham a dizer, no caso, se eles poderiam contribuir enumerando as razões pelas quais, na opinião deles, o *blog* “Redação em Debate” não havia surtido o efeito desejado: promover as discussões da sala de aula no ambiente digital.

O questionário foi aplicado apenas às turmas de 3ºcolegial, considerando que em minha avaliação são turmas mais maduras, possuem espaço de discussão maior do que

as turmas de 1º e 2º, levando em conta, também, que possuem mais experiências do que os demais quanto à organização de debates em sala. A questão foi proposta a duas turmas que formaram ao todo 74 alunos; destes, 71 entregaram a análise do *blog*; os que não fizeram estavam ausentes. Dos textos entregues, selecionamos trechos que ilustram a visão dos discentes sobre o motivo do insucesso da atividade proposta de ensino³⁴. A seguir, analisamos algumas respostas:

“O blog redacaoemdebate.blogspot.com na minha opinião não teve um grande número de comentários, ou acessos, pois além de ser um *blog* voltado para a escola e para as aulas de redação, o que já é desfavorável (na internet com tantas opções, voltar para o assunto escolar é difícil, chato) ele aborda temas atuais mas não são interessantes de se discutir, um dos motivos é porque a professora colocou temas muito comentados por jornais e revistas, que são estagnados e desinteressantes. (sic)
(sem identificação / 3ºcolegial)

O aluno se queixa do tipo de tema selecionado para o debate, considera que o *blog* como estratégia de ensino deveria ter disponíveis outros tipos de textos, e um debate diferenciado dos âmbitos escolares: um *blog* que “lembra” a escola fica “chato”. Primeiro, a argumentação do aluno remete a uma definição pejorativa do termo escola. Sua opinião sobre o contexto escolar é um reflexo do que viveu, e poderíamos ousar, aqui neste trabalho, refletir sobre o que é o interesse da escola e o que é o interesse dos alunos. No entanto, embora o tema seja relevante, interessa-nos neste momento avaliar a proposta de utilização do *blog* nas aulas de língua materna.

A observação do aluno, que preferiu não se identificar, faz sentido, tendo em vista que, sendo o *blog* um espaço diferente do contexto formal, seu foco de discussão deveria estar centrado no interesse do aluno e não em temas selecionados tendo por meta apenas a dissertação do vestibular. A mesma opinião segue em outros comentários, como:

Provavelmente, a ausência de sucesso do blog deve-se principalmente às características acadêmicas, ou seja, o blog expõe assuntos que os jovens estão exaustos de ouvir. Não são assuntos que os jovens gostam, mas algumas ações podem ser feitas para que o blog fique mais chamativo e

³⁴ O critério de escolha dos textos foi selecionar aqueles que melhor respondiam sobre o porquê da proposta não ter obtido sucesso.

interessante, como por exemplo, expor assuntos interessantes como tecnologia, sexualidade e outros assuntos, mas sem deixar de falar das assuntos importantes já existentes no blog.

(Mauro – 3ºcolegial)

A proposta de montar um blog com o propósito de fazer com que o estudante deixe sua opinião, não está funcionando porque, primeiramente, o jovem gosta de assuntos fora do contexto acadêmico, tais como a sexualidade, e também, para que ele entre em um site escolar fora da escola, ele deveria achar algo mais alegre, com tecnologias diferentes. Essas propostas, provavelmente seriam muito atrativas para a juventude.

(Leandro – 3ºcolegial)

Mauro concorda com o comentário anterior relativo à escolha de temas. Embora a professora acredite que seriam importantes os temas selecionados, não levou em consideração a participação dos alunos nessa escolha. Talvez numa discussão em sala de aula, professor e alunos chegassem a um consenso quanto aos temas importantes/interessantes para todos. Trabalhar com adolescente implica conquistar, convencer, demonstrar e não apenas “dar orientações”. Vários alunos destacaram a escolha do tema como fator responsável pelo fracasso da atividade, como nos dois depoimentos a seguir:

Para mim, o seu blog não foi para frente porque são temas já debatidos em sala, por isso não tenho interesse para acessá-lo. Além disso, ele demora muito para ser atualizado e eu axo melhor do que um blog seria você fazer um fórum pois assim todos teriam mais oportunidades de criar tópicos, enquanto que no blog apenas você decide o que será apresentado. Assim até mesmo seria melhor uma comunidade no orkut porque é um site onde muitas pessoas participam e acessam periodicamente. (sic)

(Walter 3ºcolegial)

Para o blog ser mais visitado, deveria ter mais notícias da atualidade e as matérias principais deveriam ser mudadas constantemente, independente do número de visitantes, com temas diferenciados. Não usar temas tão repetitivos como: drogas, sexualidade, alguns não gostam desses temas pois todas as pessoas já comentam isso, assim se torna chato. Outra opção é temas diferentes para os textos e enquetes. E também fazer uma divulgação boa para não apenas os alunos entrarem no blog. (sic)

(Mônica – 3ºcolegial)

O primeiro comentário, de Walter, já bastaria para indicar o problema: “para mim, o seu blog...”. O *blog* possui dono, embora a professora tenha dito que o *blog* pertencia aos alunos, por ser uma extensão das discussões em sala de aula. Para o contexto escolar, isso é um diferencial que pode pôr a perder a proposta inicial da professora: disponibilizar um espaço democrático de que todos pudessem participar. Quando a professora definiu o *blog* com suas características e escolheu os temas sem consultar os alunos, criou uma barreira que impediu o acesso dos alunos, ou seja, não houve identificação dos alunos com a atividade. Embora a proposta, como foi elaborada, seja semelhante a outras tarefas propostas pela escola, o fato da atividade explorar um gênero que é utilizado pelos alunos fora da escola, pode gerar uma reação devida mais negativa por parte dos alunos. Walter ainda sugere que um fórum seria mais adequado, pois “todos teriam mais oportunidades de criar tópicos, enquanto que no *blog* apenas você (a professora) decidiria o que será apresentado”. Outro problema apresentado por Walter é a não atualização da página. Uma falha séria, que faz o leitor se desinteressar, pois sabe que não encontrará novidade. Isso o faz sugerir uma comunidade no orkut³⁵ onde o tipo de envolvimento esperado tenderia a ocorrer.

O segundo comentário, em que o aluno preferiu não se identificar, acusa que a escolha dos temas é repetitiva. No entanto, é interessante pensar por que se torna repetitiva essa escolha. Acontece que os alunos, no contexto e idade em que se encontram, são

³⁵ Dados retirados do site Wikipédia apontam que o Orkut (nome do projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google) é uma rede social filiada ao Google, criada em 22 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Tais sistemas também são chamados de redes sociais. O objetivo do site é conectar pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. As comunidades do orkut são grupos de pessoas com interesses comuns em discutir temas diversos, que variam de entretenimento (em maior número) a ciência, religião e astrologia. É muito importante que o nome da comunidade que o orkuteiro irá encontrar seja claro e objetivo, como nas comunidades: “Eu Odeio Acordar Cedo” (3.381.181 participantes); “Eu amo fim de semana!” (2.417.591 participantes); “Sua inveja faz a minha fama” (2.182.159 participantes); “Eu acredito e confio em Deus” (2.099.999 participantes). As comunidades são separadas por categorias que sinalizam um idioma, quem criou a comunidade, uma descrição de seus objetivos, além de permitirem a criação de fóruns para discussão, enquetes que transformam opiniões em números e associam-se a outras comunidades relacionadas. Calcula-se que 6 milhões de pessoas tenham páginas com seus perfis ali; desse universo, a maioria (71,92%, segundo os últimos dados disponíveis) é brasileira.

questionados freqüentemente sobre o seu papel na sociedade, e são despejadas sobre eles apenas as questões que os envolvem: adolescência, drogas, bebidas, sexualidade, comportamento. É verdade que o fato de questionar o jovem sobre a sua existência se justifica. O objetivo é levá-lo a compreender o sentido de sua presença na sociedade, o papel que exerce e que poderia exercer, bem como levá-lo a tomar iniciativas e decisões que possam ajudá-lo a planejar seu futuro e/ou contribuir para que faça opções mais decisivas em sua vida. Entretanto, para nosso plano, nada disso impede que o professor diversifique temas, amplie as discussões, consulte os alunos a respeito das escolhas de temas. Isso faria parte de uma proposta pedagógica interessante.

Finalmente, nos dois comentários, ambos os alunos afirmam que a falta de divulgação também prejudicou o sucesso do *blog*. Não que a professora não tenha divulgado, porém não o fez adequadamente. Não basta, pois, explorar o *blog*, é necessário também se adequar às normas de gêneros desse ambiente. É fato que nossos alunos estão em formação, precisam de orientação, informação, bem como de exteriorizarem o que sabem, o que lêem. Alguns alunos entendem o potencial do *blog* para promover este tipo de prática e a necessidade de haver mais divulgação do que a que foi dada pela professora.

A criação de um blog como forma de interagir com as pessoas é uma ótima idéia pois permite a essas pessoas conhecer sobre os diversos assuntos disponibilizados, o que faz com que desperte um maior interesse nesses indivíduos permitindo a eles ter uma opinião mais forte a respeito dos temas, mas o problema é que falta divulgação do endereço eletrônico muitos alunos não tem conhecimento a respeito do blog e não acessam devido a falta de informação, portanto deve-se fazer uma maior propaganda para que os interessados acessem ao endereço eletrônico.

(Felipe – 3ºcolegial)

Os alunos também sugerem o uso do ambiente com finalidades escolares, de modo a atender suas necessidades acadêmicas, sendo a principal ser aprovado no vestibular.

Penso que o site redacaoemdebate.blogspot.com é um site com conteúdos fundamentais para os alunos que desejam estar mais informados sobre os diferentes parâmetros de redações, sobre diferentes conteúdos da atualidade, entretanto penso que os estudantes ao realizar uma redação possuem problemas com o tempo para fazer as redações em um vestibular e com isso muitas vezes as redações não saem “bem feitas”, será que o blog

poderia dar mais sugestões sobre este problema de manusear o tempo e as palavras neste curto tempo?

(Fernanda – 3ºcolegial)

Já outros alunos preferem uma atividade que inove as práticas tradicionais de sala, enfatizando também as características lingüísticas do *blog*, escolhido pela professora:

Os critérios para ter um blog interessante são vários pois existem muitos recursos para serem utilizados, mas o que mais me chama a atenção em um blog é a forma como o blogueiro se aproxima do leitor, tem que ser suave, espontâneo para que os assuntos tornem interessantes ao ponto da pessoa comentar de forma simples também. A escrita aproxima as pessoas quando elas as identificam, e o blog redação em debate está uma cópia das aulas, tente colocar nos textos mais de si nas entrelinhas e para chamar a atenção use títulos sugestivos e faça de seu blog um ócio criativo.

(Andressa – 3ºcolegial)

Os trechos que seguem ressaltam a expectativa dos adolescentes por temas que os motivem e que não seja uma mera repetição das discussões já feitas em sala de aula:

O blog não corresponde ao interesse dos adolescentes por possuir assuntos que não chamam a atenção dos mesmos.

(Lucas – 3ºcolegial)

Apesar da importância de um blog que disponibilize textos e outras informações relevantes para um estudante, sua aceitação não é garantida. Entre os principais motivos da não aceitação pode-se constatar a falta de interesse do aluno, uma vez que boa parte não tem interesse na disciplina ou ainda, preferência por temas que ainda não foram disponibilizados.

(Sandro – 3ºcolegial)

Uma opinião muito pessoal minha é que pelo menos quando entro na internet na minha casa eu não entro para ler textos e etc... eu busco quando estou em casa entretenimento tipo msn, orkut, youtube, não que eu não leia, mas isso ocorre com uma frequência muito baixa. Penso que o espaço do blog é importante, mas não há razão de ser se toda vez que entramos em sala de aula temos uma professora que nos dá informação que nos passa conhecimento, que nos direciona a respeito de que eu deve escrever. É cômodo eu usar a internet somente para me divertir, falar com os amigos e etc. Além do que os textos que são colocados no blog já foram trabalhados em sala de aula, nós temos o conhecimento pois a mesma pessoa que escreve no blog é a pessoa que dá as aulas.

(Cristina – 3ºcolegial)

Apesar das críticas feitas, o problema não parece ser o fato de usar o *blog* como estratégia pedagógica nas aulas de língua materna, mas sim a dificuldade enfrentada pela professora que acabou utilizando um ambiente novo sem ter conseguido inovar a prática. Alguns alunos ainda apresentaram sugestões que mostram caminhos possíveis para inovação ou para ampliação das atividades já feitas em sala de aula:

Uma alternativa para aumentar o acesso ao blog seria mudar o tema a ser comentado semanalmente, divulgar no orkut e colocar referências de livros, filmes, e sites a respeito de cada tema. Colocar dicas de estrutura dos diversos tipos de texto (narração, dissertação, artigo, carta etc) e dicas de gramática. Promover votações a respeito de cada tema e inserir a opinião de profissionais que possam mostrar a parte científica de alguns temas como por exemplo a opinião de um advogado sobre a redução da maioridade penal.

(Marina – 3ºcolegial)

“Não que o site esteja ruim. Talvez ele não esteja interessante. Os alunos que estão se preparando para o vestibular estão a todo vapor atrás de dicas para fazer uma boa redação, o que não é fácil. Se colocasse no site dicas preciosas de vestibular, temas que podem ser os mais cobrados, com certeza chamaria mais a atenção dos alunos. O que tornou o site pouco visitado foi a falta de interesse do aluno de ir até o site, mesmo que isso não custe nada. O que tornaria o site mais interessantes, seria explicar as várias estruturas de texto, fazendo com que o aluno entre no site com o objetivo de estudar redação e não só amadurecer em idéias. Explicar o que é carta (texto quase nunca falado) e outros.

(Cristiano – 3ºcolegial)

Os comentários aqui dispostos simbolizam que é necessário rever e reformular a proposta de ensino para que alcance sucesso, caso contrário, seria uma atividade em total desarmonia com a proposta de fazer do ensino e da aprendizagem algo válido para a formação crítica do aluno, no sentido de contribuir para a ampliação de informação e conhecimento em sala de aula.

Com base nas pistas e hipóteses aferidas a partir do insucesso nesta tarefa elaborei uma categoria de *blog* educacional na conveniência de ajustar a funcionalidade da ferramenta para sua melhor qualificação e produção para o ensino e a aprendizagem escolar:

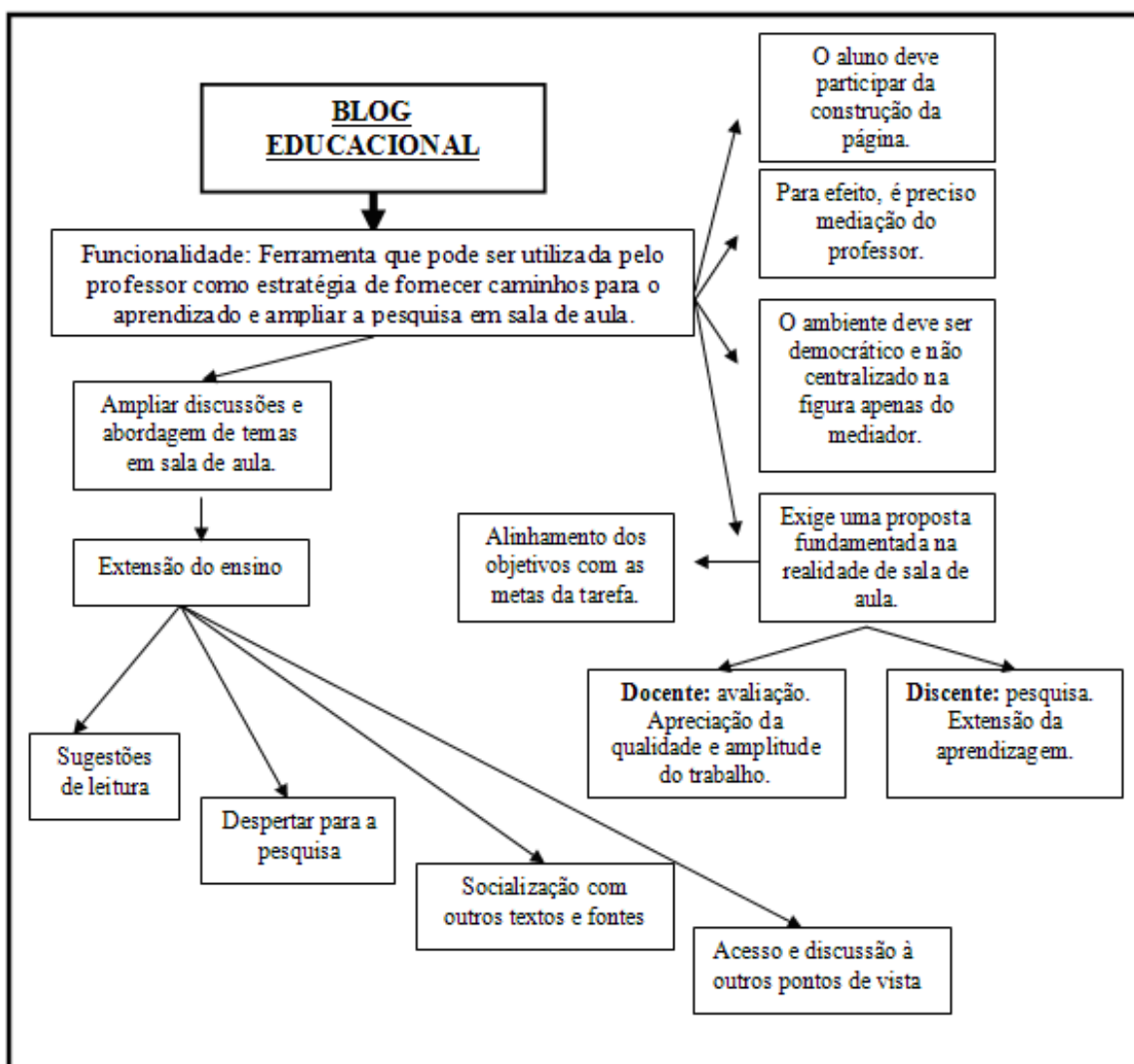


Figura 5 – Esquema de blog educacional.

Definida uma categoria de blog educacional, reconfigurei a metodologia aplicada nesta primeira tentativa e, a partir das lacunas que provocaram o insucesso da proposta em utilizar o *blog* no contexto escolar, tentei novamente uma nova experiência que será analisada e discutida no subcapítulo 5.2.

5.2 Segundo Estudo

5.2.1 Do fracasso surge o sucesso – o *blog* e sua eficiência como recurso pedagógico.

Partindo das falhas e do insucesso da primeira tentativa em utilizar o *blog* como uma ferramenta de ensino e de aprendizagem, reconsidere as causas que levaram ao fracasso da tentativa anterior para que pudesse elaborar uma nova proposta que atingisse os interesses comuns para a melhoria da qualidade do ensino de língua materna. A partir da apuração de algumas falhas na primeira tentativa, formatei a atividade em um novo perfil que atingisse os pressupostos de um ensino que pudesse tanto auxiliar o professor no cotidiano de sala de aula como oferecer ao aluno uma aprendizagem voltada para a pesquisa.

O segundo estudo foi aplicado às mesmas turmas do primeiro, com exceção das duas turmas de 1ºcolegial. Essa decisão foi tomada com o objetivo de centralizar a experiência em um número menor de turmas e, principalmente, levando em conta que os 2ºs e 3ºs anos foram as turmas que mais questionaram a validade da proposta quando foram indagados sobre o não envolvimento com a tarefa.

O segundo estudo surge como uma forma de comparar, verificar as hipóteses apontadas como lacunas no primeiro estudo, verificar quais pontos foram positivos, reparar erros cometidos no primeiro momento, bem como estudar a veracidade dos depoimentos dos alunos e a pertinência das questões levantadas sobre o que defendemos neste estudo.

Somavam ao todo quatro turmas de Ensino Médio, sendo duas turmas de 2º série e duas de 3ºsérie. Nessa etapa, os alunos estão entre 15 e 17 anos de idade, um número considerável deles possui *blogs* em outra versão: o *fotolog*³⁶, e a maioria já conhece ou já acessou um *blog* e sabem de que forma são construídos.

Uma das causas do fracasso apontada no estudo anterior foi a desmotivação, a falta de interesse dos alunos. Constatou-se que faltou uma argumentação mais persuasiva no sentido de demonstrar a importância do trabalho e de incentivar a participação, deslocando os alunos da posição de meros receptores: tudo estava pronto, o professor já havia construído o *blog*, inseria os textos e fazia a manutenção.

³⁶ Fotolog: álbum de fotografias virtual.

Tendo em vista essa dificuldade, e busquei tirar o maior proveito possível da participação dos alunos, consideramos, nessa nova tentativa, o aluno agente e o *blog* ‘um verdadeiro espaço democrático de exposição de opinião / pensamento do aluno’. Definido este ponto de vista, formatei a nova tentativa em duas fases distintas: 1. elaboração e discussão dos temas; 2. produção coletiva do gênero *blog*..

É importante frisar que as aulas de língua materna, em especial a produção textual, têm como alvo principal a discussão de determinado tema/assunto que geralmente é destacado em jornais, revistas, mídias em geral, com o interesse maior em desenvolver debates que possam levar o aluno ao amadurecimento de sua argumentação e ao desenvolvimento de sua escrita. Além disso, as aulas de redação mantêm o objetivo de preparar os alunos para o fortalecimento do pensamento crítico, na medida em que estão predispostos a refletir sobre pontos de vista semelhantes aos seus, mas também divergentes. Assim, o aluno pode comparar, somar, excluir, definir, de acordo com uma linha discursiva, o seu pensamento sobre determinado ângulo. Essa meta é o cumprimento das propostas do ensino de língua portuguesa, que trata de preparar o aluno para seu texto, permitindo que faça inferências, ingerências, ative seu conhecimento prévio e de mundo para que, com maior segurança, elabore com clareza seu pensamento e defenda seu ponto de vista de forma mais persuasiva.

Acredito que o *blog* pode favorecer essas práticas. Assim, o fracasso da atividade anterior surpreendeu, em um primeiro momento, mas não desmotivou o desenvolvimento desta pesquisa, ao contrário, trouxe informações sobre as causas dessa falha. Se, no início deste trabalho, o interesse era provar uma hipótese que partia apenas de uma experiência docente, agora soma-se a outro objetivo que é mostrar ‘o que deve se fazer’ e ‘o que não deve se fazer’ no trabalho com gêneros digitais em sala de aula.

Ressaltadas tais considerações, partimos para a análise de uma nova proposta que denominaremos Estudo 2, apresentada em duas fases.

5.2.2 Primeira fase: elaboração e discussão dos temas.

Inicialmente, a professora apresentou uma nova proposta de trabalho com todas as disposições dos objetivos em utilizar o *blog* em sala de aula: qual seria a tarefa, qual o

formato e como seria executada; os prazos, turmas envolvidas e a avaliação, conforme folha entregue para os alunos, cuja cópia se encontra no anexo 3 desta pesquisa.

Nessa fase, a professora orientou os alunos para que se dividissem em cinco grupos para o trabalho. Cinco justificaria o número de temas levados por ela e que seriam escolhidos pelos grupos, ficando, cada um, responsável pelo assunto. A mesma dinâmica e os mesmos temas foram propostos para as quatro turmas, denominadas: 2ºRô, 2ºSigma, 3ºGama, 3ºOmega. Dadas as exigências e preocupação da escola com o vestibular, a professora optou por manter ainda o controle sobre a escolha dos temas. Os temas selecionados pela professora foram:

1. Direitos humanos
2. Jovens: liberais ou conservadores?
3. Porque a juventude se tornou tão violenta e ameaçadora?
4. Mães criminosas: o que está acontecendo?
5. Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?

A escolha dos temas foi ditada pela recorrência na mídia em geral, e os processos seletivos explorarem temáticas como essas. Levei em conta esse critério por perceber em alguns depoimentos de alunos no estudo anterior que eles alegavam a não participação na tarefa tendo em vista que os temas não tinham destaque nos processos seletivos e na mídia. Se esse motivo foi fator que levou à não participação, busquei temas que alcançassem o interesse deles para o debate e para a realização da tarefa.

Embora tivesse já definido os temas, a professora deixou claro que os temas poderiam ser alterados pelos alunos, caso eles apresentassem uma argumentação plausível para a troca. Foi oferecida essa opção porque acredito que a participação do aluno é uma forma de valorizá-lo, de demonstrar que ele também é sujeito do ensino e da aprendizagem, e maduro o suficiente para definir suas escolhas bem como para defendê-las.

Os grupos escolheram os temas pelo que acharam conveniente e pertinente discutir, segundo seus próprios interesses. A escolha ocorreu por eliminação, à medida que cada grupo ia fazendo sua escolha, os demais não poderiam escolher aquele que já estava destinado a um grupo. Se dois ou mais grupos solicitassem o mesmo tema, eles deveriam resolver entre eles, negociando; caso não chegassem a um acordo, a professora iria intervir

fazendo um sorteio. O interessante é que os alunos se inscreviam nos temas que tinham vagas³⁷ e somente depois procuraram pelos que já estavam inscritos, ou seja, primeiro individualmente se encaixaram pelo interesse do tema só pra em seguida conhecer os colegas de trabalho. Isso normalmente não ocorre em sala de aula, quando o professor estipula trabalho em grupo os alunos verificam quem é “melhor” ou “mais interessante” para trabalhar junto, somente depois procuram entender sobre o que trata o trabalho e seus objetivos.

Após alterar os nomes reais por fictícios, para preservar os sujeitos envolvidos na pesquisa, os grupos ficaram assim definidos:

1) Turma 2º Ro

Turma: 2ºRO				
GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
Direitos humanos	Jovens: liberais ou conservadores	Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Mães criminosas: o que está acontecendo?
João	Jeremias	Paula	Maria	André
José	Antônio	Carolina	Marcela	Henriques
Gabriela	Rafael	Beto	Alex	Eduardo
Joana	Flávia	Camilo	Luciano	Alessandro
Fernanda	Joana	Lorena	Márcia	Virgílio
Franciele	Emília	Laís	Eduandra	Yuri
	Vera		Jucélia	

Tabela 1: definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 2ºRO

2) Turma 2º Sigma

Turma: 2ºSIGMA				
GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
Direitos humanos	Jovens: liberais ou conservadores	Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Mães criminosas: o que está acontecendo?
João	Sabrina	Maria	Flávio	Jessé
Célia	Maria Luisa	Pedro	gustavo	Lamon
Isomar	Cristina	Marina	Junior	Luciano
Daniel	Camilla	Cláudia	Amélia	Aécio
Danilo	Matheus	Fabíola		Ilda
	João	Franciele		Celina
	Roberto	Lucas		
	Carlos			

Tabela 2: definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 2ºSIGMA

³⁷ A professora previamente havia explicado que cada tema teria 5 a 6 componentes.

Quando havia uma desproporção no número de alunos que escolhia um tema, a professora procurou negociar com os alunos a possibilidade de alguns membros migrarem para outro grupo, uma proposta nem sempre aceita. Isso fez com que alguns grupos não tivessem o mesmo número de participantes.

3) Turma 3º Gama

Turma: 3ºGAMA				
GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
Direitos humanos	Jovens: liberais ou conservadores	Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Mães criminosas: o que está acontecendo?
Maria	Antonio	Karlos	Luana	Nicolas
Joana	Sandra	Fabiano	Gabriel	Marcus
Thais	Isabel	Marcelo	Rogério	Gustavo
Fábio	Pedro	Mauro	Danilo	
Bruna	Roberto	João	Emanuel	
Camilo	Ângela	André	Priscila	
Arlete	Fernando		Roger	
			Marília	

Tabela 3: definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 3ºGAMA

4) Turma 3º Omega

Turma: 3ºOMEGA				
GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
Direitos humanos	Jovens: liberais ou conservadores	Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Mães criminosas: o que está acontecendo?
Angelina	Denise	Afrânio	Rogério	Vilma
Carina	Lauro	Nardem	Paula	Laís
Lorena	Monique	Fernando	Denise	Ilda
Oliveira	Rafaela	Thales		Léa
Vilma	Inês	André		Fabíola
	Bruno	Conrado		Luana
	Raquel			Luiz
	Leonardo			Cristina

Tabela 4A: definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 3ºOMEGA

Um grupo de alunos desta turma após a escolha do tema “Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?” procurou a professora para manifestar a não satisfação com o tema escolhido, e foram indagados porque não escolheram outro sendo que havia mais quatro temas para escolher. Os alunos então afirmaram que não tiveram muita escolha porque os

outros temas já estavam quase todos preenchidos por isso gostariam de trabalhar com outro assunto do qual sugeriram: “A influência norte-americana no Brasil”. A sugestão foi acatada, passando assim a redefinição dos grupos:

Turma: 3ºOMEGA				
GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
Direitos humanos	Jovens: liberais ou conservadores	Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	A influência norte-americana no Brasil	Mães criminosas: o que está acontecendo?
Angelina	Denise	Afrânio	Rogério	Vilma
Carina	Lauro	Nardem	Paula	Laís
Lorena	Monique	Fernando	Denise	Ilda
Oliveira	Rafaela	Thales	Márcia	Léa
Vilma	Inês	André		Fabíola
	Bruno	Conrado		Luana
	Raquel			Luiz
	Leonardo			Cristina

Tabela 4B: definição dos grupos de acordo com o tema – Turma 3ºOMEGA

O quadro a seguir ilustra, de forma global, com maior nitidez o número de alunos que optaram pelo tema nas diferentes classes:

Turma / Tema	nº de alunos	Tema 1	Tema 2	Tema 3	Tema 4	Tema 5	TOTAL
2ºRô	32	6	7	6	7	6	32
2ºSigma	33	5	8	7	4	6	30
3ºGama	35	7	7	6	8	3	31
3ºOmega	37	6	10	7	4	9	36
TOTAL	137	24	32	26	23	24	129

Tabela 5: Distribuição geral dos alunos de acordo com o tema.

Analisando o quadro acima, percebemos que o tema 2 chamou mais atenção dos alunos porque houve maior número de adeptos, 32 na soma geral; seguido do tema 3 com 26 participantes. Os temas 1, 4 e 5 permaneceram estáveis quanto ao número de inscritos: 24, 23 e 24 respectivamente³⁸.

³⁸ A participação dos alunos na atividade foi majoritária. Do total dos 32 alunos do 2º ano Rô, todos participaram; do 2º ano Sigma dos 33 alunos, apenas 30 participaram, considerando que um aluno estava ausente por motivo de doença e dois faltaram sem justificativa. Já nas turmas de 3ºcolegial, dos 35 alunos do 3ºGama, 31 participaram, considerando duas ausências não justificadas e dois alunos estavam ausentes porque

Determinados os grupos e seus devidos temas, nas aulas seguintes a professora promoveu discussões sobre a temática trazendo para a classe³⁹ textos de diversas fontes para que toda a turma pudesse analisar textos, opinar sobre eles, comparar opiniões neles destacadas.

O formato dessas discussões era baseado em aulas expositivas e argumentativas. A professora ressaltava possíveis argumentos a favor e contra os temas, bem como aspectos históricos, filosóficos e geográficos sobre o assunto. Como recurso no desenvolvimento desses debates, foi utilizada a web, que dispõe de um leque de opções de pesquisa sobre qualquer tipo de tema, além da diversidade de gêneros textuais. Para tanto, a professora entrava em sites de jornais como a Folha de São Paulo, revistas que traziam com tema o foco do debate, enquetes divulgadas, *blogs* que abordavam o tema, apresentavam trechos de filmes que poderiam ilustrar a discussão, vídeos do site *You Tube*⁴⁰, enfim, discussões afins com o que era desenvolvido em sala sobre os temas como normalmente fazemos.

A participação nas aulas mudou, uma vez que cada grupo atuava mais nas discussões em sala de aula. Da mesma forma, percebeu-se maior interesse pela pesquisa, tendo em vista que iriam publicar opiniões que não ficariam reservadas apenas à sala. Houve então um movimento dos alunos no sentido de assegurar seus pontos de vista, partindo do amadurecimento de outras leituras, de outras fontes de pesquisa. Outra pista de que estava no caminho certo era o fato de que a professora programava 20 *slides* de *powerpoint* para leitura e análises de textos e não chegava ao quinto slide, porque os alunos

estavam cumprindo suspensão escolar em decorrência de indisciplina; dos 37 alunos do 3º Omega, um não participou porque estava afastado por licença de saúde. Dos dois alunos que estavam afastados por motivo de licença de saúde, retornaram após a conclusão do trabalho, mas fizeram um trabalho substitutivo para suprir a nota que haviam perdido. Das quatro faltas injustificadas, um aluno saiu da escola, dois não procuraram o trabalho que haviam perdido e um ingressou posteriormente em um grupo que já se havia formado. Dos dois alunos que estavam suspensos das aulas por indisciplina, baseado no regimento interno escolar, não podiam fazer os trabalhos que foram distribuídos no período que estavam suspensos, por isso ficaram fora da atividade quando retornaram.

³⁹ Para realizar essa tarefa, a professora utilizou um recurso que o colégio oferece: em todas as salas de aula há computadores com ponto de internet e *data-show* com telão de 120 polegadas. Assim, foi possível oferecer ao aluno diversidade de textos e multiplicidade de fontes que encontramos na web, o que não seria possível caso a aula fosse reduzida apenas a recursos como o livro didático e o xérox.

⁴⁰ O *You Tube* é um *site* na *Internet* que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital.

estavam participando ativamente e não era interessante interromper a discussão para passar *slides*. Em outras palavras, à medida que os alunos iam comentando os textos expostos no *data-show*, a professora ia pausando para dar atenção aos comentários dos alunos. O fato de a professora não concluir a programação de leitura e a discussão dos textos não foi considerado negativo tendo em vista a pertinência em centralizar o trabalho no desenvolvimento do aluno e não apenas na competência do professor e no cumprimento do programa.

Essa dinâmica ocorria a cada tema. Assim, a cada semana tomávamos o tema de um grupo e discutíamos o assunto coletivamente, lendo textos, assistindo a vídeos, contrapondo e somando opiniões, conforme cronograma de discussões dispostos no anexo 4 desta pesquisa.

Esse formato de discussão já é hoje realizado cotidianamente em aulas de redação: o professor apresenta textos sobre determinado assunto para promover um debate em sala no intuito de preparar o aluno para a escrita. No entanto, o recurso utilizado – o gênero *blog* – pareceu dar uma nova dinâmica para essa prática e uma motivação maior para a escrita.

Discutir tema a tema em sala de aula coletivamente consistia em dar suporte aos grupos sobre caminhos que poderiam seguir para executar a próxima etapa do trabalho que consistia em construir um *blog* sobre o tema. Embora cada discussão envolvesse toda a turma, um destaque maior era dado àquele grupo cuja responsabilidade era construir o *blog* sobre o tema. À medida que cada tema era exposto em sala, os grupos sinalizavam que estavam envolvidos com a produção do *blog* sobre o assunto.

Nesse formato, a construção do *blog* não ficou centralizada apenas no posicionamento da professora, porque desde o início da tarefa todos - alunos e professor – colaboraram, influenciaram e interferiram nas discussões em sala de aula. Foi um trabalho em grupo, no qual outros grupos, que trabalhavam com outros temas também interagiram. Dessa forma, a atividade não ficou fragmentada em partes, visto que cada momento tinha sua continuidade em outra fase.

Após cinco semanas de debates coletivos sobre os temas, cada grupo passou a construir o seu *blog* a partir das pesquisas exploradas nas discussões em sala de aula, conforme descrevemos a seguir:

5.2.3 Segunda fase: produção coletiva do *blog*

Na segunda fase da tarefa os grupos deveriam construir um *blog* sobre o tema escolhido por eles. O resultado do que haviam obtido nas discussões em sala de aula – mediadas pela professora – e pesquisado sobre o tema fornecia a base para o posicionamento do grupo, que seria publicado no *blog* por eles criados.

A proposta de construção do *blog* esclarecia sobre a necessidade de escrever também para ir além do vestibular e preparar-se para a vida, lembrando que hoje a Internet é central para a construção de conhecimento e trabalho coletivo, que passou a ser um tipo de produção cada vez mais exigida no mercado de trabalho. Nesse segundo estudo, diferente do primeiro, em que se percebia silêncio e não colocação dos alunos, surgem perguntas sobre “como fazer”, “por onde podemos começar”, “o que podemos divulgar”.

Com maiores responsabilidades delegadas, o trabalho passou a ser do aluno. Portanto, houve maior interesse e envolvimento com o tema. Em muitos momentos observei que os alunos procuravam professores de outras disciplinas para colaborarem com fontes de pesquisa e analisarem o trabalho deles no sentido de verificarem se estavam no caminho correto quanto ao amadurecimento dos textos por eles publicados. Logo, avaliamos de forma positiva a participação dos alunos no desenvolvimento da atividade que tinha como base a pesquisa. Da mesma forma, o número de alunos que solicitavam o plantão de dúvidas aumentou consideravelmente, porque queriam uma avaliação quase passo a passo sobre o que estavam fazendo. O conhecimento do aluno e a avaliação da professora foram progressivos e constantes.

Os alunos tiveram cinco semanas para construir o *blog* e os atendimentos ocorriam durante a primeira fase da atividade, período em que ocorriam as discussões. O resultado foram 20 *blogs*, cinco de cada turma, de acordo com o tema estipulado e com os devidos endereços, que os alunos autorizaram tornar público:

3ºGAMA	3ºOMEGA
Grupo 1 – Direitos Humanos http://analise critica7.blogspot.com	Grupo 1 – Direitos Humanos http://grupo1direitoshumanos.blogspot.com
Grupo 2 – Jovens liberais ou conservadores? http://jovensnacional.blog.terra.com.br/	Grupo 2 – Jovens liberais ou conservadores? http://emdoisneuronios.blogspot.com/
Grupo 3 – Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora? http://www.mahtabloide.blogspot.com	Grupo 3 – Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora? http://palavrapolemica.blogspot.com/
Grupo 4 – Mães criminosas: o que está acontecendo http://maescriminosas.blog.terra.com.br	Grupo 4 – Mães criminosas: o que está acontecendo? http://simpleseobjetivo.blogspot.com
Grupo 5 – Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa? http://caosaereobrasileiro.blogspot.com	Grupo 5 - Influencia norte americana no contexto brasileiro. http://euanamira.blogspot.com

Tabela 6: Endereços dos blogs alunos 3ºcolegial..

2ºSIGMA	2ºRO
Grupo 1 – Direitos Humanos direitosparatodos.blogspot.com	Grupo 1 – Direitos Humanos http://www.direitoshumanos-grupo.blogspot.com/
Grupo 2 – Jovens liberais ou conservadores? liberaisouconservadores.blogspot.com	Grupo 2 – Jovens liberais ou conservadores? http://redacaonaca.blogspot.com/
Grupo 3 – Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora? http://violencianajuventude.blog-br.com/	Grupo 3 – Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora? http://outrasfrequencias.blog-br.com/
Grupo 4 – Mães criminosas: o que está acontecendo? http://maescriminosas.zip.net	Grupo 4 – Mães criminosas: o que está acontecendo? http://pensologoexistor.blogspot.com/
Grupo 5 – Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa? http://grupo4caosaereo.blog.terra.com.br/	Grupo 5 – Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa? http://caosnotema.blogspot.com/

Tabela 7: Endereços dos blogs alunos 2ºcolegial.

No próximo subcapítulo, apresento o formato de avaliação dos blogs que foi previamente discutida com os alunos em sala de aula.

5.2.3.1 Critérios que avaliam a tarefa

Antes de orientar os alunos sobre a construção dos blogs, a professora havia solicitado a eles que respondessem a um questionário (anexo 5) que indagava se o aluno tinha *blog*, e caso tivesse, ele deveria descrever o endereço. Essa dinâmica foi uma iniciativa da professora que tinha o interesse maior em compreender se os alunos sabiam o que era um *blog*, qual a sua utilidade perante os olhos dos alunos para desenvolver um norte de orientações sobre sua construção. Já era intencional, portanto, se os alunos soubessem o formato e objetivos de um *blog*, minimizar algumas explicações que já não seriam tão pertinentes.

Todas as turmas somavam 137 alunos⁴¹, no dia da aplicação do questionário faltaram 8 alunos. Dos 129 alunos que responderam recebemos 127 questionários preenchidos porque dois se ausentaram por solicitação da direção da escola e não retornaram para a sala, portanto não tiveram acesso a tarefa. Dos 127 alunos que responderam, obtivemos as seguintes respostas tabuladas quantitativamente:

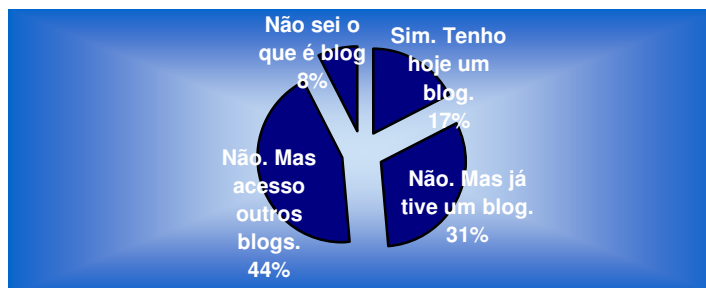


Tabela 8: Gráfico – respostas tabuladas questionário 1.

As respostas nos oferecem pistas de que o *blog* é um ambiente comum para os alunos envolvidos nesta pesquisa, tendo em vista que somado os alunos que têm, já tiveram e acessam chegam a 92%. Em decorrência disso, partiu-se do princípio que os alunos sabem como é o formato, quais as características e recursos expressivos que o meio poderia ter. A partir disto, foi dada orientação genérica sobre publicação, argumentação dos textos, hipertextualidade, intertextualidade e recursos expressivos do meio como a inserção de *posts*, visitantes, multimídia, hipermídia e links, por exemplo.

Na sequência, em concordância professora e alunos, foi definido que os *blogs* seriam avaliados em três níveis distintos: excelente, satisfatório e insatisfatório, observando os critérios:

⁴¹ Conforme indicado anteriormente: 2ºRô: 32 alunos; 2º Sigma: 33 alunos; 3ºGama: 35 alunos; 3ºOmega: 37 alunos.

1. Excelente	Publicação de textos inéditos. Pesquisa. Uso adequado e útil de recursos expressivos hipermídia, bem como o uso e adequação dos recursos utilizados pelo meio. Intertextualidade com outros blogs. Movimentação do blog nas discussões. Atualizações.
2. Satisfatório	Publicação de textos inéditos. Publicação de textos já divulgados na mídia. Utilização de recursos expressivos do meio. Atualização.
3. Insatisfatório	Publicação apenas de textos que não seja do aluno. Ausência de pesquisa. Ausência de atualizações.

Tabela 9: Critérios de avaliação dos blogs.

Entendemos que seriam considerados “excelentes” os *blogs* que fossem além das expectativas propostas pelo professor. Seriam “satisfatórios” os que cumprissem a tarefa solicitada, adequação aos recursos e ferramentas que o blog proporciona, e “insatisfatórios” os que indicassem ausência de pesquisa e presença da cópia nos trabalhos.

Na próxima subseção apresentamos os resultados obtidos a partir da avaliação da professora sobre os blogs.

5.2.3.2 Avaliação

5.2.3.2.1 Resultados das turmas de 3ºcolegial

Dos cinco blogs produzidos pela 3ªsérie Gama, avaliamos dois como excelentes, dois satisfatórios e um insatisfatório. Enquanto na 3ª série Omega três foram avaliados como excelentes, um satisfatório e um insatisfatório. Conforme exposto a seguir:

3ºGAMA	AVALIAÇÃO	3ºOMEGA	AVALIAÇÃO
Grupo 1 – Direitos Humanos	Excelente	Grupo 1 – Direitos Humanos	Satisfatório
Grupo 2 – Jovens liberais ou conservadores?	Excelente	Grupo 2 – Jovens liberais ou conservadores?	Excelente
Grupo 3 – Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Satisfatório	Grupo 3 – Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Excelente
Grupo 4 – Mães criminosas: o que está acontecendo?	Satisfatório	Grupo 4 – Mães criminosas: o que está acontecendo?	Excelente
Grupo 5 – Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa	Insatisfatório	Grupo 5 – Influência norte americana no contexto brasileiro.	Insatisfatório

Tabela 10: Avaliação dos blogs do 3ºcolegial.

Chama a atenção a avaliação do grupo 5 da turma do 3º Omega, que apresentou resistência em discutir o tema escolhido pela professora e, portanto, solicitou a mudança temática. Inicialmente, essa atitude nos levou a acreditar na autenticidade e, portanto, na maturidade do grupo para tomar suas decisões, fazer suas escolhas. No entanto, foi o grupo que teve menor rendimento, não cumpriu a proposta, não se envolveu, ou seja, de cinco grupos dessa turma apenas um grupo não interagiu com a proposta e apresentou um trabalho com pouca qualidade. Na verdade, o que esperei que fosse o grupo com maior potencial, tendo em vista o posicionamento firme que tiveram no início das distribuições dos grupos. Isso mostra que minha interpretação foi errônea.

Em síntese, a avaliação das turmas do 3º colegial alcançou o sucesso desejado, tendo em vista que 80% dos alunos tiveram excelente conceito na avaliação do trabalho. Partimos agora para as avaliações das turmas de 2ºcolegial.

5.2.3.2.2 Resultados das turmas de 2ºcolegial

Quanto à turma da segunda série, dos cinco *blogs* do 2º Sigma todos receberam conceito excelente em suas avaliações, enquanto na 2ª série Rô três *blogs* foram classificados como excelentes, um satisfatório e um insatisfatório. Conforme assim definido:

2ºSIGMA	AVALIAÇÃO	2ºRO	AVALIAÇÃO
Grupo 1 – Direitos Humanos	Excelente	Grupo 1 – Direitos Humanos	Satisfatório
Grupo 2 – Jovens liberais ou conservadores?	Excelente	Grupo 2 – Jovens liberais ou conservadores?	Excelente
Grupo 3 – Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Excelente	Grupo 3 – Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Excelente
Grupo 4 – Mães criminosas: o que está acontecendo?	Excelente	Grupo 4 – Mães criminosas: o que está acontecendo	Insatisfatório
Grupo 5 – Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Excelente	Grupo 5 – Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Excelente

Tabela 11: Avaliação dos blogs do 2ºcolegial.

Considere também êxito na criação dos *blogs* nas turmas de 2º ano, em decorrência do levantamento de dados e pesquisa que fizeram para desenvolver as páginas

virtuais. A utilização de recursos multimodais também foi destacada, bem como o interesse em solicitar ajuda de outros professores para o trabalho.

Foi interessante observar que em momento algum os alunos tiveram dúvidas sobre como formatar o *blog*, geradores ou acessórios que pudessem otimizar a página, uma vez que conheciam bem o ambiente, muitos já o possuíam com a finalidade de ter um álbum de fotografias virtual, um *blog* de família, ou apenas divulgação de uma banda, interação com amigos. É interessante salientar que, à princípio, alguns acharam estranhas as atividades; depois, sugeriram que a sala tivesse um *blog* permanente. O que nos leva a entender que foram convencidos de que o *blog* pode ser interessante para o sistema escolar como uma ferramenta ou suporte para o professor.

Entre os 20 *blogs* publicados pelas quatro turmas, destacamos quatro *blogs* considerados de elevado êxito na proposta. Dos quatro, dois são da 2ª série e dois são da 3ª série. Da 3ª série selecionamos os *blogs*: “*Simples e objetivo*”⁴², que abordou o tema: “Mães criminosas: o que está acontecendo?” e o “**Palavra polêmica**”⁴³, cujo tema foi: “Jovens liberais ou conservadores?” Da 2ª série selecionamos os *blogs*: “**Violência na juventude**”⁴⁴ que discutia o tema: “Por que a juventude se tornou tão violenta e ameaçadora?” e “**Redação Naça**”⁴⁵, que discutiu o tema: “Jovens liberais ou conservadores?”

A seleção desses *blogs* e não de outros é uma decorrência do destaque que tiveram por terem reproduzido o que já é feito nas aulas de redação, mas também pelo fato de terem ido além das aulas de escrita. Deduzimos isso porque produziram textos argumentativos usando os recursos de linguagem esperados de textos argumentativos. Apresentaram no formato de gênero digital uma diversidade de textos, abrindo a discussão para vários caminhos, o que só leva a otimizar as aulas de produção escrita.

Como a produção eram deles, os alunos se envolveram mais com os textos e buscaram leituras além daquelas sugeridas pela professora. Quanto ao gênero e estilo de escrita, não se reduziu apenas à dissertação – gênero textual comumente solicitado nos

⁴² <http://simpleseobjetivo.blogspot.com>

⁴³ <http://palavrapolemica.blogspot.com>

⁴⁴ <http://violencianajuventude.blog-br.com>

⁴⁵ <http://redacaonaca.blogspot.com>

processos seletivos – mas reproduziu diversas tipologias textuais como carta, poema, crônica, artigo, imagens, hipertexto e multimídia. Quanto à leitura, a atividade com o *blog* proporcionou o que comumente eles não fazem: leram os textos dos colegas, comentaram esses textos e, portanto, produziram mais, além de terem pesquisado mais para buscar outras informações para contribuir com o desenvolvimento dos temas. Utilizaram recursos hipermídia – o que é novo para as aulas de língua materna – preparando para a escrita de *Internet*. Envolveram pessoas fora da classe do grupo de leitores, visto que professores, amigos de outras escolas e familiares acessaram e comentaram os *blogs*.

Para a análise desta dissertação, apresento mais detalhadamente o que os quatro *blogs* trazem de interessante e valorativo para sua utilização como uma ferramenta que leve o professor a orientar melhor seus alunos para a pesquisa e a extensão de aula. Percebi que cada grupo chamou mais atenção por determinada característica, e foi essa característica a selecionada para a discussão desta análise. No blog **“Simples e objetivo”** destaco o interesse do grupo em publicar textos inéditos pelos componentes; o **Palavra polêmica** refletia a forma como o grupo explorou os recursos hipermídia; na página intitulada **“Violência na juventude”**, a interatividade de textos chama a atenção para a produção escrita e leitura, pois os alunos leram textos dos colegas, publicaram comentários, além de comentários de público externo: pais, mães, corpo docente, amigos de outras escolas também participaram; no *blog* **“Redação Naca”**, os alunos produziram uma pesquisa, formularam os dados e publicaram na página. A seguir apresentamos análise mais detalhada de cada característica para que possamos partir para as considerações sobre este estudo.

5.2.4 Análise dos *blogs* produzidos pelos alunos.

5.2.4.1 Simples e Objetivo

O *blog* ***Simples e objetivo***, da turma do 3º ano, cujo tema “Mães criminosas: o que está acontecendo?”, tratava de mães que abandonam seus filhos logo após o parto. A mídia, nessa época, enfatizou muito o caso da vendedora Simone Cassiano, 29, que jogou sua filha de 5 meses, que tinha acabado de sair da UTI, na Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte. O caso teve repercussão nacional, o que trouxe à tona também outros casos

semelhantes. Por essa razão, os alunos questionaram o papel da mãe e discutiram argumentos a fim de analisar a situação. Chegaram a um consenso: discutir a legalização ou não do aborto.

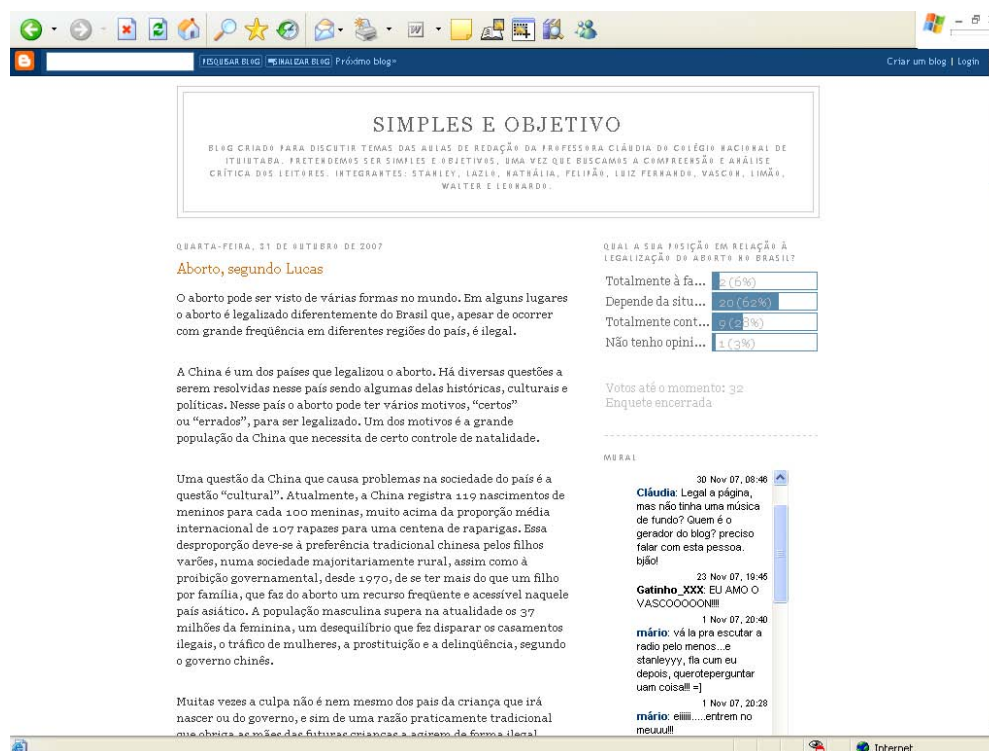


Figura 6 – Página Inicial do blog *Simple e Objetivo* – primeira tela – <http://simpleseobjetivo.blogspot.com>

Para análise desse *blog* destaco algo que julgo interessante para a execução da tarefa: o perfil do grupo. Tratava-se de um grupo de alunos dos mais exigentes da sala, que não se contentavam apenas com as informações que estavam no material deles (o livro didático) e sempre insistiam em trazer outras informações para a sala de aula, um fator que contribuiu significativamente para a excelência de seus trabalhos. Com um arcabouço maior de leituras, demonstravam um senso crítico mais apurado do que o restante da turma.

O sucesso da atividade do grupo deveu-se também às fontes de pesquisa levantadas, bem como ao desenvolvimento e ao comprometimento do grupo com a tarefa: não concordavam com tudo, mas estavam dispostos a ouvir. Esse comprometimento foi fundamental para o sucesso desta segunda tentativa de inserir gêneros digitais em sala de

aula como ferramenta de ensino e de aprendizagem. Compreendendo melhor a tarefa, encontraram significado nela; em outras palavras, a nova estratégia adotada pela professora teve uma influência positiva.

É notável que o grupo tenha se preocupado não apenas com o conteúdo do gênero, mas também com o seu formato. Levaram em consideração mecanismos que podiam oferecer caminhos mais rápidos, dinamicidade na exposição de textos, *links* para outras páginas afins com o tema, e também um visual agradável, legível, moderno. Para tornar o *blog* mais dinâmico, utilizaram uma enquete sobre o tema, solicitando a opinião do leitor internauta.

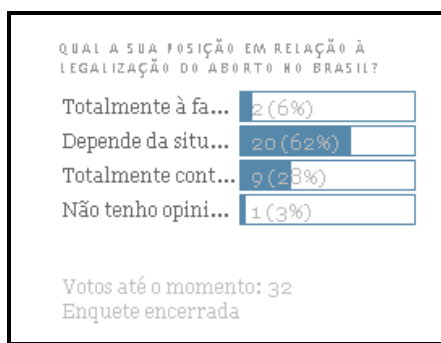


Figura 7 – Enquete do blog *Simples e Objetivo*.

Esse mecanismo proporciona a interação autor x leitor, que leva o leitor, mesmo aquele que não participou da enquete, a comparar o resultado e os argumentos apresentados pelos autores dos textos, e tudo isso pode ser trabalhado e explorado em sala de aula. O professor ou o grupo apresenta as diferentes falas publicadas no *blog* e inicia-se a construção de um terceiro texto produzido pelos demais alunos. Essa é apenas uma entre tantas outras alternativas para utilizar esse material que os próprios alunos produziram.

Outro recurso que o grupo utilizou e que promove a interatividade entre o leitor internauta e o autor é um recurso disponível para incrementar e movimentar a página: o mural de recados, que serve para mandar um recado para os autores, fazer alguma pergunta, deixar uma breve mensagem, enfim.

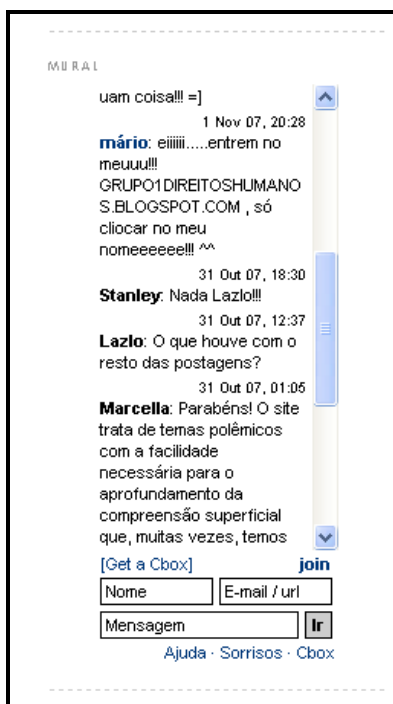


Figura 8 – Mural de recados do blog *Simples e Objetivo*.

O grupo quase não utilizou a linguagem não-verbal para apresentar a discussão, e prezou a ênfase em textos inéditos produzidos por eles. Cada componente do grupo desenvolveu um texto manifestando sua opinião sobre o tema em questão. A heterogeneidade de opiniões do grupo quase levou a um conflito, especialmente em relação à questão do aborto. No entanto, nos plantões de dúvidas criados para dar suporte à tarefa, a professora pontuou a diferença de posicionamentos, mostrando que o tema é que era polêmico e por isso gerava essa riqueza de questionamentos, incertezas, e dificuldades, que se refletiam até mesmo na legislação, uma vez que a sociedade se divide ao refletir sobre a questão. A interferência da professora foi significativa para a continuidade da atividade, ou seja, o suporte e a orientação não podem ser desprezados em nenhuma situação de aprendizagem, muito menos em um contexto em que os alunos tinham responsabilidades e estavam desmotivados por conflitos menores. Isso leva a constatar que a ausência de suporte no primeiro estudo pode ter contribuído para seu insucesso.

Consideramos interessante e autêntico o fato de os alunos publicarem seus textos e não se reduzirem apenas a textos de outros autores como jornalistas, médicos,

excertos de entrevistas, etc. O *blog* proporciona essa possibilidade de uso autêntico de escrita e o grupo teve dinamicidade para explorá-la. A seguir, alguns trechos dos textos de cada componente:



Figura 9 – Trecho do texto do aluno Lucas publicado no blog *Simples e Objetivo*.

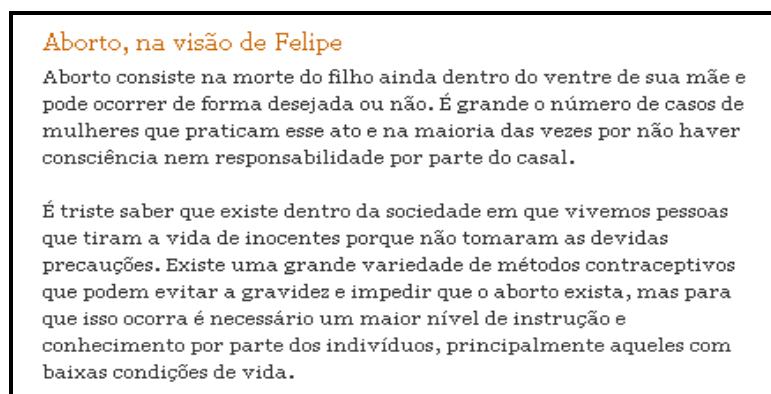


Figura 10 – Trecho do texto do aluno Felipe publicado no blog *Simples e Objetivo*.

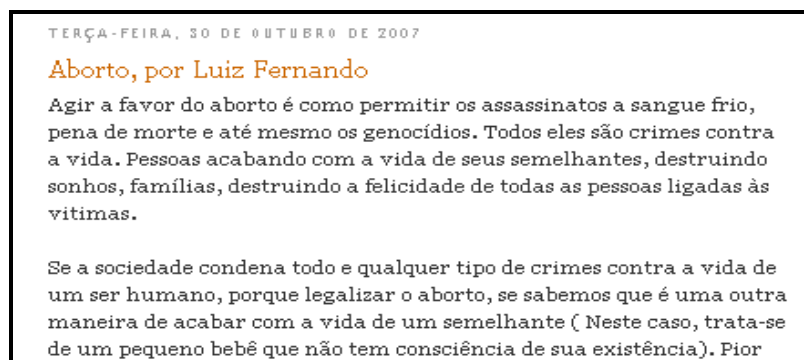


Figura 11 – Trecho do texto do aluno Luiz Fernando publicado no blog *Simples e Objetivo*.

Opinião de Vascon sobre o aborto

O aborto é um assunto muito delicado para discutir, sempre que uma mãe vai ter uma relação sexual com seu parceiro tem que ter em mente que há risco de se engravidar e que tem que ter um pouco de consciência de que se não usar dos anticoncepcionais que são feitos exatamente para correr riscos de gravidez indesejada, e mesmo assim algumas pessoas, mesmo sabendo desse perigos, engravidam e como não tem tempo para cuidar do filho ou por qualquer outra razão, resolvem cometer um crime que teria que ser hediondo no Brasil. Essas

Figura 12 – Trecho do texto do aluno Vasco publicado no blog *Simple e Objetivo*.

Opinião de Lazlo: Mães também são vítimas do aborto



Mães que matam seus recém nascidos e mães que abortam, são perante a justiça, igualmente criminosas. Mas, diante da sociedade, a indignação é maior, por exemplo, às mães que, a sangue frio, jogaram seus filhos na Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte. Quando a gravidez é indesejada, opta-se mais freqüentemente por matar o filho antes do nascimento já que o afeto entre mãe e feto é menor que os

Figura 13 – Trecho do texto do aluno Lazlo publicado no blog *Simple e Objetivo*.

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 2007

Aborto: Leonardo opina

O aborto é um ato em que algumas pessoas utilizam para se livrar de seus filhos quando esses ainda se encontram no ventre da mãe (se pudéssemos chamar tal pessoa de mãe). Mas não pensam que poderiam ter evitado a gravidez se utilizasse dos inúmeros modos de prevenção existentes no Brasil.

Portanto, não seria lógica a legalização do aborto no Brasil. A mãe que realizasse o aborto deveria ser punida, já que está acabando com uma vida inocente igual a um bandido qualquer.

Figura 14 – Trecho do texto do aluno Leonardo publicado no blog *Simple e Objetivo*.

Como já foi mencionado, embora o tema do *blog* abrangesse a discussão sobre as mães que assassinam, abandonam em lixeiras, lagoas, hortas, seus filhos recém-nascidos a discussão em sala de aula, pré-construção do *blog*, de certa forma influenciou o grupo a discutir a legalização do aborto. Percebemos nos textos publicados pelos alunos que um texto citava outro, questionando-o, contrapondo-se a ele, concordando com seus argumentos. Além da intertextualidade proposta, a interação do grupo nos faz concluir que se envolveu com a proposta e movimentou a polêmica em torno do tema. Assim, o grupo também utilizou outros textos não produzidos por eles e veiculados na mídia, mas apenas em forma de trechos, oferecendo a opção para o leitor ir até o texto original (caso quisesse prosseguir com a leitura) – o grupo utilizou hipertextos e hiperlinks, ferramentas disponibilizadas pelos gêneros digitais.

Os geradores de *blogs* oferecem aos blogueiros um recurso que seleciona os *links*. No entanto, são apenas geradores de *blogs* que pertencem a sites que são filiados ao Google⁴⁶. O blogueiro tem a opção de inserir ou não esse recurso, o gerador apenas pergunta qual tema deve relacionar aos *links* que ele irá gerar; feita a escolha do tema, o gerador oferece diariamente uma diversidade de manchetes linkadas, que mudam a cada nova entrada na página, sempre atualizando os textos conforme são publicados na *web*. A finalidade é otimizar a página oferecendo ao hiperleitor outras páginas que tratam da temática. Como o tema dos alunos era “Mães Criminosas”, solicitaram que as manchetes linkadas abordassem o tema aborto, conforme destacamos a seguir:

⁴⁶ Google é o nome da empresa que criou e mantém o maior site de busca da Internet, o Google Search. O serviço foi criado a partir de um projeto de doutorado dos então estudantes Larry Page e Sergey Brin, da Universidade de Stanford, em 1996. Esse projeto, chamado de Backrub, surgiu devido à frustração dos seus criadores com os sites de busca da época e teve por objetivo construir um site de busca mais avançado, rápido e com maior qualidade de ligações. Brin e Page conseguiram seu objetivo e, além disso, apresentaram um sistema de grande relevância em um ambiente extremamente simples. (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Google>)



Figura 15 – Links gerados pelo Google para otimização do blog.

O grupo utilizou *links* para oferecer ao leitor acesso a textos antigos, arquivos da página, e também acesso aos outros *blogs* da sala, o que permitia que o membro de determinado grupo visualizasse o desenvolvimento de outro grupo, conforme sinaliza recorte a seguir:

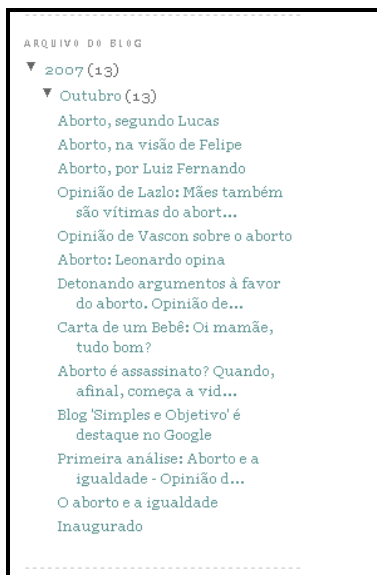


Figura 16 – Seção de links – publicação do *Simples e Objetivo*.

No *blog* o *link* promove a interatividade, amplia o debate e o acesso de um grupo a outro, o que consideramos um fator que contribuiu para o sucesso da estratégia de oferecer oportunidades de aprendizagem eficiente. Nesse formato, é pertinente utilizar o *blog* como um espaço que colabora com o suporte que o professor oferece aos seus alunos, uma vez que caracteriza mais um recurso que o docente pode utilizar tanto para facilitar seu trabalho quanto para envolver seus alunos no contexto de pesquisa.

Da mesma forma, os *links* também orientavam os hiperleitores a acessarem vídeos relacionados ao tema e a textos não focados no tema em questão, mas em assuntos que interessavam o grupo como, por exemplo, a banda de música de que o grupo participava, conforme destacado a seguir:



Figura 17 - Links- sugestão de visita – blog *Simples e Objetivo*

Os *links* foram utilizados, também, para que os hiperleitores comentassem os textos publicados. Todos os textos possuem esse espaço para comentários – mais conhecidos como *posts* – e todos foram comentados. Percebe-se que outras turmas acessaram o *blog* e deixaram *posts*, e a participação de público externo não envolvido no estudo: pais, tios, primos, irmãos, colegas dos alunos que, ao saberem do trabalho dos alunos – divulgado na *web* – deixaram apreciações sobre a temática. Eis um *post* publicado no texto do aluno Luiz Fernando:

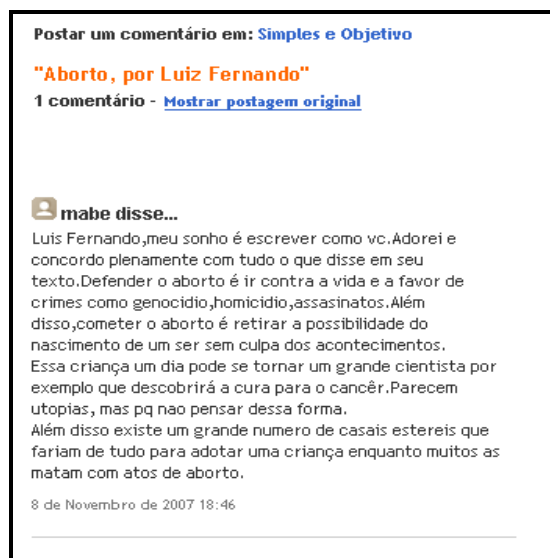
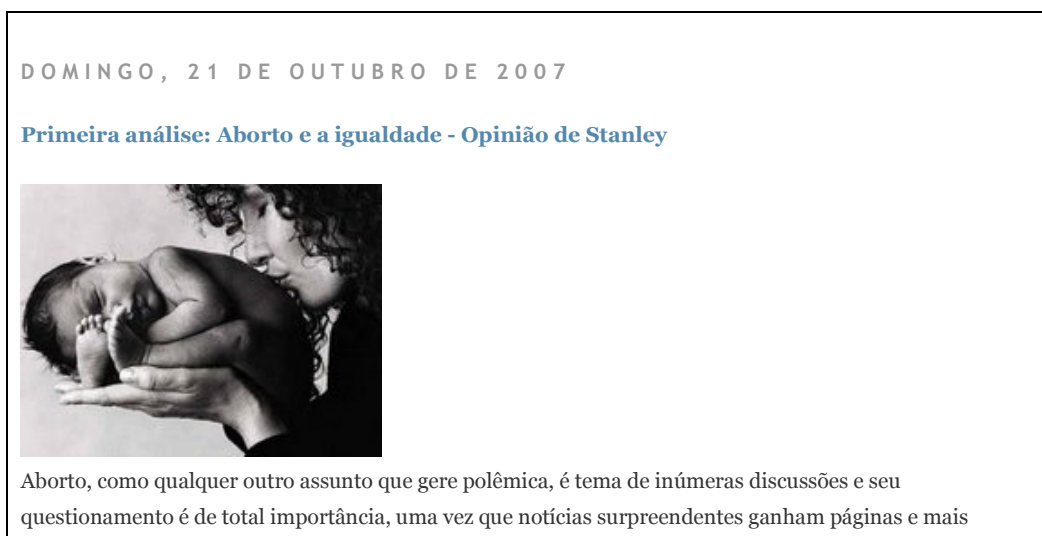


Figura 18 – Post 1- Simples e Objetivo.

Os próprios alunos passaram a interagir entre si através dos posts gerando assim um debate realizado através da escrita uma discussão. Os alunos se envolveram numa dinâmica que estendia o tema para vários pontos de vista. Um aluno publicou um texto cujo título “Aborto e a igualdade” apresentava uma série de questionamentos que envolviam o direito à vida, direitos da mãe, as causas e consequências do aborto, entre outras questões. Além disso, intertextualizava com a Revista Veja que na época também abordava o tema. O texto tinha como objetivo iniciar a discussão para chegar a um denominador comum sobre a legalização ou não do aborto, conforme recorte retirado da página do grupo:



páginas dos jornais, constantemente.

Atos, como os citados na coluna de André Petry publicado pela Veja na edição de 10 de outubro desse ano - disponível no post abaixo -, chamam a atenção e a conseqüente revolta da população brasileira. Como mães podem abandonar seus filhos como se fossem objetos descartáveis e sem uso? Perguntas como essa são feitas pela sociedade e é nítido que a resposta ainda não foi encontrada pela mesma. São essas atitudes que muitas vezes são as responsáveis pelo posicionamento da população em relação ao aborto. Algum ser humano teria o direito de tirar a vida de outro ser humano? Ou ainda, seria melhor que nascesse mais uma pessoa para sofrer, para aumentar os índices daqueles que estão à margem da sociedade?

Há ainda aqueles que defendam o aborto em certas circunstâncias, como o estupro. Entre o principal argumento: Como uma mãe poderia permitir que nasça uma criança fruto de uma ação criminosa e traumática? Obviamente inúmeras são as possibilidades para essa criança, mas provavelmente o aborto não estaria entre as melhores alternativas.

O aborto apesar de proibido é feito em todo país às escondidas e como tratado na coluna 'O aborto e a igualdade', a diferença está no lugar em que é feito. Enquanto aqueles que possuem condições financeiras para bancar o aborto correm menos riscos, os menos favorecidos correm ainda mais perigos. Caso não haja maior fiscalização, proibindo o ato, hoje considerado criminoso, deveria então colocar toda a sociedade em posição igual, como defende a própria Constituição, legalizando o aborto, mesmo que em alguns casos.



POSTADO POR STANLEY ÀS 23:22 

Figura 19 – Publicação do blog Simples e Objetivo.

Em seguida, um componente do grupo postou um comentário sobre o texto do colega emitindo seu posicionamento sobre a temática:

 Walter disse...

Há a necessidade de tentar esclarecer o público em relação ao debate sobre o aborto pois a falta de informação é um grande problema presente no Brasil. Um passo é apresentar uma análise crítica tanto dos argumentos prós e contra como o Stanley começou a fazer, discutir com cautela e apresentar todos os pontos estudados. Muitos não têm grande vontade de participar de debates nos meios de comunicação acerca de questões éticas, porque acham que esses debates são sempre a mesma coisa: um grupo de pessoas expressando os seus preconceitos. Para mudar isso, é preciso que as pessoas sintam que devem sim participar e comentar.

22 DE OUTUBRO DE 2007 00:34

Figura 20 – Post 2 - Simples e Objetivo.

Esse *post* chama a atenção do grupo para a polêmica da discussão bem como instiga os participantes a opinarem sobre os textos, o que retribui o aluno anterior:

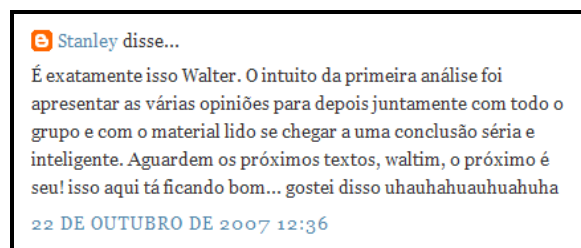


Figura 21 – Post 3 - Simples e Objetivo.

Assim o grupo passa a interagir na discussão do tema, o que é sinalizado nos posts que foram publicados em seguida:

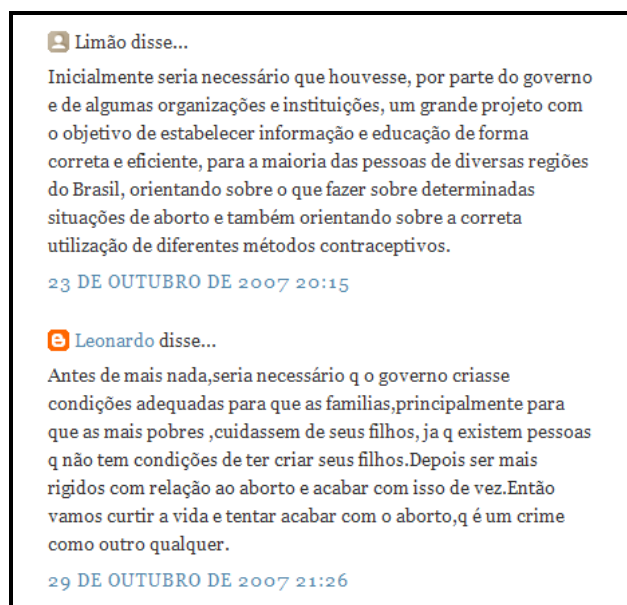


Figura 22 – Post 4 e 5 - Simples e Objetivo.

O que pode se perceber foi o alinhamento do grupo com a atividade proposta, o interesse em debater, emitir opinião, chamar a atenção dos colegas para uma situação, o que geralmente quase não é possível de se fazer numa aula tradicional de redação, da qual a fala fica centralizada na figura do professor ou há limites concretos para a participação em discursos coletivos. O debate escrito é uma oportunidade para a reflexão, leitura e construção de um posicionamento, mas nem sempre é possível fazer em sala de aula em decorrência do número de alunos, motivação, entre vários outros fatores. No blog, existe um acesso maior e mais fidedigno a exposição de posicionamentos. A experiência mostrou que alunos tímidos em sala de aula mostraram outro perfil na publicação de seus textos.

Além disso, a participação de um blog não é limitada em tempo, em sala de aula a discussão dura 50min, tempo de 1h/a que é disponibilizada para a disciplina Produção Textual. No *blog* a discussão, pode durar semanas, tempo que proporciona acesso a outros textos, vídeos, imagens, informações, opiniões, portanto é mais amplo e democrático que a sala de aula por razões práticas.

Conforme destacado no capítulo 2, o *blog* é uma ferramenta de gerenciamento simples e fácil e que pode ser utilizada para diversos fins. O uso educacional pode ser uma finalidade. Embora tenha tom informal em suas publicações, o *blog* pode aproximar professores e alunos, escola e comunidade, isso é comprovado na análise deste *blog*. Nas publicações do “Simples e Objetivo” há a participação de corpo docente, da comunidade e círculos de amigos. Ao comparar esta atividade com uma tradicional aula de produção de texto, verifica-se que os alunos leram mais, pesquisaram mais, produziram mais, o que faz do ensino um maior significado que o aluno leva para a vida.

Em decorrência dos *blogs* serem muito populares entre os jovens que fizeram deles diários pessoais (ver subcapítulo 2.1.4) acredito que não será difícil incorporá-los como ferramenta em sala de aula porque os *blogs* já fazem parte do universo do aluno. Com efeito, o resultado desta análise permitiu comprovar a naturalidade dos alunos em comentar os textos, escrever depoimentos, contra-argumentar com o colega agora no ambiente digital.

A experiência com este grupo comprovou o que defendi no capítulo 2 deste estudo: as novas mídias podem favorecer o desenvolvimento da pesquisa, do ensino escolar. O *blog* pode ser mais um recurso que venha a contribuir para ativar as intuições dos aprendizes. Associado as novas mídias, o ensino passará a ser uma imbricação entre conhecimento e realidade, podendo levar os alunos a uma síntese melhor entre razão, emoção e valores. Além disso, a linguagem digital rompe com a lógica de antecedente e conseqüente, o que habitualmente chamamos de linearidade. No ambiente digital em questão de segundos temos antecedente e conseqüente, conseqüente e antecedente, ou seja, imbricações de uma série de ramificações que abrangem arte, ciência, economia, filosofia, política, que poderiam estar disponíveis para que o aluno decida por qual caminho percorrer.

Em outras palavras a linguagem digital permite ir para vários acessos em decorrência da amplitude de ramificações que oferece pela não-linearidade do meio. Isso orientado e mediado pelo profissional docente tende a contribuir para o sucesso de suas aulas. Ensinar a história da língua portuguesa para uma turma de ensino médio seria mais interessante e produtiva quando o professor dota de recursos que o permite acessar museus, analisar imagens e obras de arte que possam trazer informações sobre uma dada época da língua, apresentar documentários, acessar textos verbais e não-verbais, contextualizar com a música, a arquitetura e história poderia haver maior riqueza de conteúdo do que apenas o livro didático, haveria uma possibilidade de integração de conhecimento, o que pode ser veiculado a um blog.

Essas são minhas considerações a respeito desse grupo. Segue a análise do *blog* “Palavra polêmica”, com o objetivo maior de verificar se as considerações feitas até aqui se confirmam, e verificar outras hipóteses que nos levam a analisar nossa experiência.

5.2.4.2 O Palavra Polêmica



Figura 23 – Página inicial do blog Palavra Polêmica..

O *blog* intitulado “Palavra Polêmica” utilizou, além do que já se faz em tradicionais aulas de produção de textos – ou seja, debates, interatividades de argumentações – recursos de hipermídia que fazem parte da linguagem no meio digital. Assim, a tarefa de construção do *blog*, além de fomentar a pesquisa, também prepara o aluno para a escrita na internet.

O tema do grupo foi “violência na juventude” e, assim como o grupo anterior, o *blog* construído apresenta publicações inéditas de textos produzidos por eles associados a trechos de textos já publicados pela mídia, chamando também a atenção para os autores dos textos selecionados por eles: psicoterapeutas, jornalistas, padres. Quando questionados sobre a influência dos autores na escolha do texto, o grupo respondeu que tinha como objetivo capturar a fala de vários profissionais sobre o tema para que pudessem tornar o contexto mais polêmico, trazendo diferentes vozes para incrementar a discussão.

Para comentar os textos publicados, os alunos tinham que ler os textos e produzir outro, reforçando nosso ponto de vista de que o *blog* não é apenas interativo, mas promove também a leitura e a escrita. O grupo postou o texto “Jovens violentos”, de Flávio Gikovate, médico psicoterapeuta, pioneiro em terapia sexual no Brasil; em seguida, membros do grupo produziam textos partindo do ponto de vista do autor. Destacamos um comentário:

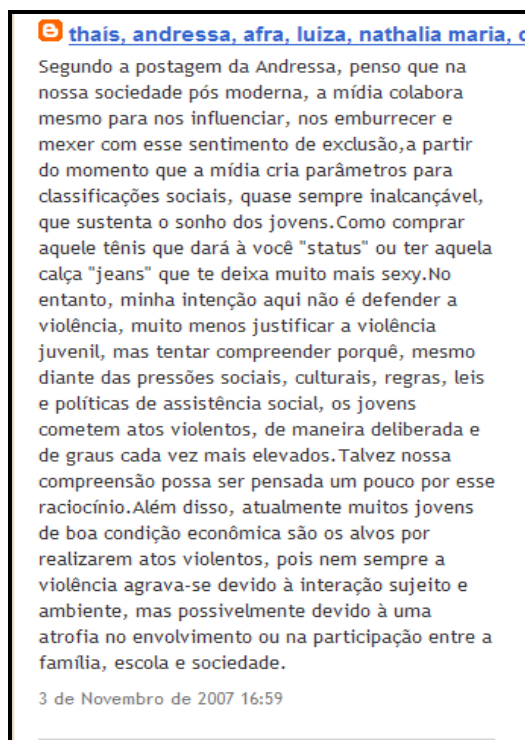


Figura 24 – Post 1 – Palavra Polêmica.

Na escola, uma grande dificuldade enfrentada pelos alunos com relação ao escrever refere-se à necessidade de deixar de lado a linguagem coloquial e passar à escrita, que exige uma linguagem mais formal e mais cuidadosa, uma vez que tem normas próprias (ortografia, acentuação, etc.). A fala é, com certeza, mais espontânea, e como a falta de um interlocutor face-a-face exige obediência às regras estabelecidas para a escrita, é comum os alunos evitarem as dificuldades dessa atividade alegando que “não estão inspirados” e não vão conseguir escrever naquele dia.

Na opinião de Garcia (2002:301), “*aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar idéias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não aprisionou*”. Ou seja, o autor considera ilusório supor que conhecer as regras gramaticais e suas exceções torna alguém apto a escrever. Evidentemente, é necessário um domínio mínimo da norma gramatical padrão (grafia, pontuação, um pouco de morfologia e sintaxe), para que os aprendizes adquiram hábitos de estruturação de frases

modestas, mas claras, coerentes e objetivas. Isso justifica a preocupação da produção escrita na escola de propiciar condições para o aluno exercitar-se na arte de pensar, captar e criar suas próprias idéias, através de atividades que exijam reflexão e produção de um novo texto. Espera-se com tais atividades despertar a criatividade do aluno explorando a linguagem como veículo de expressão do pensamento.

O estudo 2 indicou que tais habilidades podem também e talvez de forma mais produtiva ser gerada por atividades que envolvam *blogs*. Os alunos se sentem mais à vontade em produzir seus textos, sentem-se mais seguros. O fato de lerem e escreverem sobre os textos do colega é uma atividade não muito comum em sala de aula, tendo em vista o tempo e carga horária. O gênero blog passa a completar este espaço oferecendo ao ensino uma extensão atividades de sala de aulas. Em decorrência desta produção, a escrita torna-se mais espontânea e menos imposta pelo professor que deixa de ter controle sobre a linha de argumentação adotada.

Para melhor ilustrar a análise desta questão apresentada, seguem os *posts* dos alunos sobre o texto publicado no blog sobre o caso da agressão sofrida pela doméstica Sirlei Dias de Carvalho, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, por cinco jovens de classe média:


<p> thais, andressa, afra, luiza, nathalia maria, ca</p> <p>Os fatos recentes envolvendo jovens da classe média que se entregam à violência, por exemplo, o espancamento da empregada doméstica Sirlei, nos remete a questão da autoridade dos pais como princípio criador de limites. Assim, é papel dos pais orientar os filhos com diálogo, conselhos, exemplos e restrições. Restringir significa impor um limite a um comportamento inadequado à convivência em sociedade. Os pais precisam ter mais tempo para se dedicar à educação dos filhos, já que por falta de limites, responsabilidade e por uma distorção dos princípios éticos e morais, jovens estão se envolvendo em atitudes violentas. Como uma tentativa de suprir a ausência familiar ou por influências de más companhias, muitos jovens, às vezes sem que os pais percebam, se envolvem em crimes, violência e com drogas. Muitas vezes, os pais presenteiam os filhos para compensar a ausência e fogem da responsabilidade de educá-los. O fato de pais protegerem demasiadamente os filhos, a impunidade e a busca pela satisfação pessoal de maneira egoísta, também pode contribuir para atitudes violentas por parte dos jovens.</p>	<p>A inversão de valores, própria da sociedade capitalista, em que o importante é consumir e não internalizar princípios, faz com que muitos jovens se preocupem apenas em manter um status e ter produtos de marca, ou seja, em pertencerem a um padrão de consumidores para os quais o ter é mais importante que o ser.</p> <p>Para minimizar a violência que assola a sociedade, é necessário que os jovens aprendam a aceitar e a conviver com as diferenças, que eles sejam punidos pelos seus atos sem distinção de classe social e que os pais transmitam os valores fundamentais para a educação de jovens com princípios e respeito.</p> <p>11 de Novembro de 2007 15:24</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 25 – Post 2 – Palavra Polêmica.

O grupo também utilizou recursos de hipermídia para otimizar as discussões sobre o tema. Para tanto, associou texto e *link*, que levariam a um vídeo, o que proporcionou a diversidade de textos hipermídia como mostra o trecho que segue:

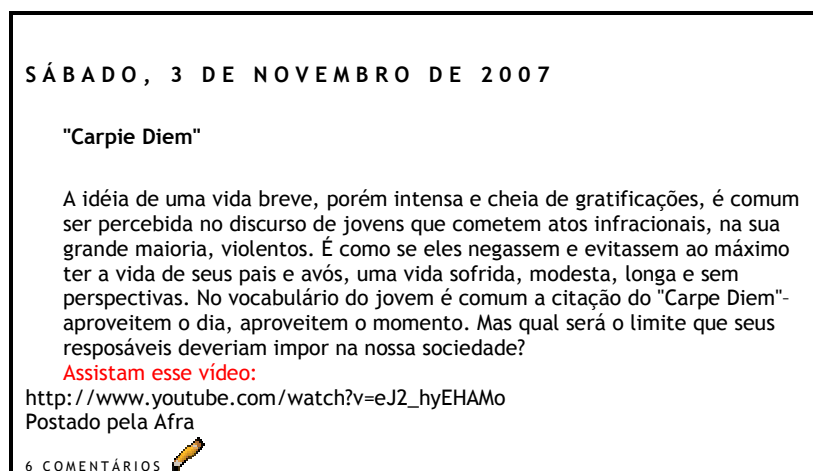


Figura 26 – Publicação do blog Palavra Polêmica.

Aqui o grupo publicou um texto que consistia em uma apresentação do tema “Jovens violentos”. No texto, caracterizam o termo literário “*carpe diem*” com a figura do jovem. Em outras palavras, apresentam a visão de mundo do jovem que tem como objetivo aproveitar a vida, curtir momentos, viver o atual, desprendido de planos para o futuro. Finalmente, questionam os limites que teriam em suas vidas. Paralelamente, está disponível em *link* a indicação de um vídeo⁴⁷ que ilustra bem essa questão. O vídeo apresenta cenas do cotidiano que relembram o “aproveitar a vida”, “mas nunca se esquecer do filtro solar”. O autor, que morreu de câncer de pele, é enfático ao apresentar o quanto a vida deve ser aproveitada nos mínimos detalhes. O vídeo lembra a juventude e os cuidados que precisamos ter para evitar certos riscos. Esse texto recebeu vários comentários, dos quais destacamos três:

⁴⁷ O vídeo é um clipe do poema “Everybody is free to wear sunscreen” do autor Tim Cox, narrado pelo jornalista e apresentador Pedro Bial.

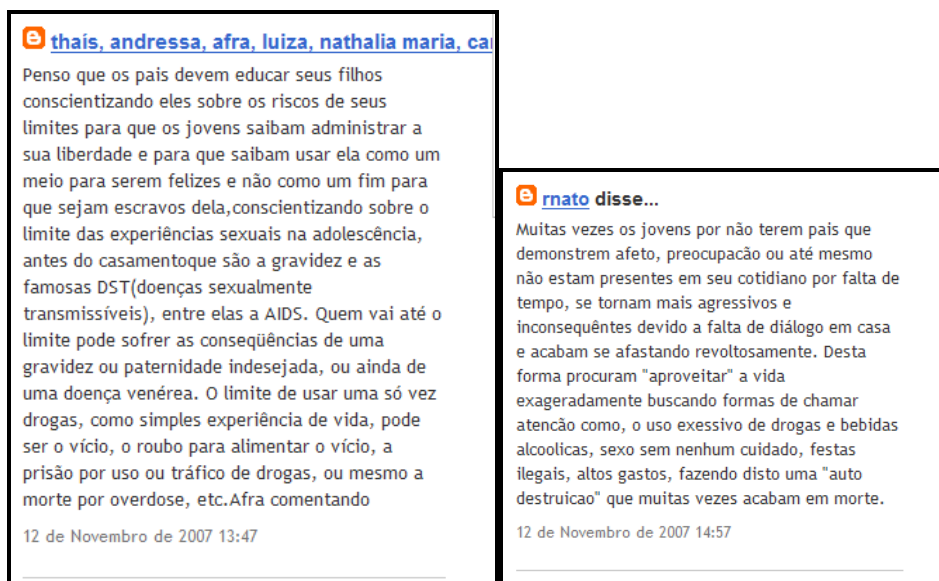


Figura 27 – Post 3 e 4 do blog Palavra Polêmica.



Figura 28 – Post 5 do blog Palavra Polêmica.

O *blog* explora uma condição revolucionária, inovadora da informática, que é a interatividade digital. Nesta dissertação, utilizamos o termo interatividade para a relação homem-máquina e interação para as relações humanas. O *blog* permite maior disposição ou predisposição para mais interação do que em tradicionais aulas de produção textual. Ele também oferece interatividade que instiga a leitura a outros textos (escritos ou não). No gênero digital, o internauta pode se predispor a uma relação hipertextual com outros indivíduos e fontes de informação diversas.

Comparada com o *blog*, em uma aula presencial tem uma estrutura de participação muito mais rígida. A página virtual de um *blog* define como uma emissão que

pede resposta, ela é ambiente de interpenetração, de atuação, de intervenção nos acontecimentos, fusão, conexionalismo hipertextual. Trata-se de um espaço tridimensional de atuação daquele que não pode mais ser visto apenas como receptor, mas agora também como emissor. Isso é muito bem ilustrado quando um aluno publica um comentário sobre o texto do colega.

Para nossa surpresa, percebemos também que outras turmas inseriam comentários nos textos publicados, o que indica uma interação ampliada que contempla o envolvimento da escola na atividade. Em 15 dias de trabalho com o *blog*, 241 pessoas tiveram acesso à página.

Essas foram algumas das principais considerações sobre o *blog* desse grupo. A seguir, analisaremos os *blogs* das turmas de 2º ano, a iniciar pelo *blog* intitulado “**Violência na juventude**” da turma do 2º Sigma, que trata do mesmo tema do *blog* “**Palavra polêmica**”.

5.2.4.3 Violência na juventude



Figura 29 – Página inicial do blog *Violência na Juventude*.

Nesse *blog* avaliamos com destaque um ponto já discutido na avaliação do “Palavra polêmica”: a produção escrita do aluno. Diferentemente de outros *blogs*, os comentários postados quase em sua maioria não foram do grupo e sim do restante da sala, de alunos de outras turmas e da família dos alunos. Esse é um fator interessante porque prova o envolvimento de outros grupos fora de sala de aula que, de certa forma, reconheceram o trabalho e, portanto, compartilharam também das leituras e escritas. Isso, por sua vez, acaba levando o próprio grupo a ser exposto a outros textos, a dialogar com outros pontos de vista.

Quanto à publicação de textos, os alunos publicaram textos inéditos, bem como também trouxeram trechos de textos publicados no portal G1⁴⁸. Todos os textos tiveram um número considerável de postagens, no entanto, selecionamos dois textos com suas devidas postagens para verificar a condução de como foi a produção escrita nessa página:

31/10/2007 - Jovens violentos e impunidade

Faz pouco tempo que o Brasil inteiro acompanhou casos de violência que tiveram jovens envolvidos. Exemplos são o que não faltam como o clássico assassinato de João Hélio e o espancamento da empregada doméstica Sirley Carvalho Pinto. Ambos envolveram jovens.

O primeiro aconteceu para sustentar o vício nas Drogas, pois inicialmente eles estavam com o intuito de roubar o carro, mas foram flagrados pelos transeuntes da rua roubando um carro e assim provocando a morte de uma criança. Um dos assaltantes era menor de idade, porém eram todos jovens.

O segundo foi por pura diversão de cinco jovens de classe média, que estavam embriagados.

Os assassinos de João Hélio foram devidamente punidos?? Será que 20 ou 30 anos na cadeia é o suficiente?

Talvez sim. Talvez não.

Sem contar que o menor só terá punição de três anos.

Isso está certo??

E os jovens que agrediram Sirley? Só porquê são da classe média não foram punidos adequadamente!

Quais seriam as causas da violência? Álcool? Drogas? Falta de limites dos pais? Grande exposição à violência? Desigualdade social? A Mídia influencia?

Comments (6) :: [Post A Comment!](#) :: [Permanent Link](#)

Figura 30 – Post 1 do blog *Violência na juventude*.

Esse texto publicado pelo grupo apresenta o envolvimento de jovens em crimes bárbaros como o caso de João Hélio, que após uma tentativa de roubo de carro ficou preso no cinto de segurança e foi arrastado por 7 km, levando-o à morte; o segundo caso, jovens de classe média alta espancaram uma empregada doméstica porque a confundiram com

⁴⁸ Home-page de notícias da emissora Rede Globo.

uma prostituta. Trata-se de um texto cheio de perguntas, mas... sem respostas. As respostas encontram-se nos comentários publicados pelos internautas:

3/11/2007 - Um dos fatores que pode levar a extrema violência dos jovens!

Posted by Isabel Macedo

É muito chocante a situação da violência da juventude no Brasil. Os que consideram os jovens responsáveis por mudar os problemas existentes no país, está acontecendo o contrário, pois estão é contribuindo para os problemas!

Acredito que a desigualdade social no Brasil, contribui para piorar os comportamentos dos jovens, já que não possuem acesso aos meios necessários a uma vida saudável, logo não possuindo uma formação educacional, acham na violência juntamente com roubos, para ganharem dinheiro, sem contar que uns agem com violência por apenas prazer de matar.

Portanto, o governos tem que tomar meios necessários para conter essa violência existente, começando por tomar medidas sociais para reduzir a falta de adolescentes nas escolas.

Gostei muito do trabalho, pois ajudam os alunos a terem mais consciência da violência brasileira e por meio deste blog manterem outros leitores em acesso.

[Permanent Link](#)

Figura 31 – Post 2 do blog Violência na juventude.

3/11/2007 - Com base nas informações...

Posted by Vinícius

Bom...eu acho que nada se resolve de uma maneira pacífica...ex:

Estava lendo uma reportagem esses dias e agora essas casas que abi]rigam menores infratores, não podem mais se denominar menores infratores em documentação, e painéis. Agora, essas casas tem que ser chamadas de: CASA DE DETENÇÃO PARA MENORES QUE ESTÃO EM PERIGO. Meu, Deus. O Brasil não tem jeito mesmo. Agente que corre perigo todos os dias na rua, temos que andar olhando para todos os lados com medo, de um delinquente querer te matar só porque gostou do seu relógio, do seu tênis. São esses os menores que o Brasil quer recuperar. Eu não acrediomuito na recuperação. Acredito em uma melhora, mas nunca voltará ao normal, uma pessoa que já roubou, matou. Porque aquilo fica no piscicológico pra sempre. Agora para acabar com a dignidade brasileira, ainda vem falar que eles que estão em perigo? Basta.

Agora vem a questão! Será que é a pobreza que faz isso com esses menores, que um dia não serão mais menores, ou será que é porue nasceram na favela? Ou porque não tem condições de sustentar sua família. Na minha opinião, nada justifica uma pessoa matar, roubar. A única coisa que justifica é de viver em um país que apoia a impunidade, nesse pensamento esses "jovens que estão em perigo" vão achar que com os seus direitos poderão fazer o que quiserem. O que há de errado? Esses políticos já brincam com a nossa cara, e ainda querem que aturamos pessoas que não trabalham porque não tem condições, e quer roubar as pessoas. Antes deles tratarem esses jovens que já estão no fundo do poço, eles tinham que trabalhar em cima das causas. E um dia quem sabe, não teremos crianças de 12 anos roubando e matando.

Mas, fazer o que, esses "menoes em perigo" são protegidos pelos seus pais, os governantes, os maiores bandidos de toda a história.

Figura 32 – Post 3 do blog Violência na juventude.

31/10/2007 - violencia na juventude

Posted by Isabella Franco Macedo

o blog fiko fantástico!! deu para refletir melhor sobre esse assunto q quase nunca é questionado!!

na minha opiniao os bandidos de joão hélío nao foram punidos adequadamente!!Pois só colocar o bandido na prisão 20 ou 30 anos que seja, nao vai parar com a violencia no mundo, igualmente o caso da Sirley, nao vai adiantar nada colocar eles na prisão!!! a maioria dos bandidos roubam e matam por que nao aprenderam quando puderam a trabalhar ou talvez nao tiveram oportunidade... Se em vez de coloca-los na prisão, trancados iguais animais em cativeiro, dessem a opurtunidade de aprender a trabalhar pelo menos por um tempo, com certeza a violência nesse mundo nao seria tão grande como é hoje.. e tambem as pessoas mais ricas nao tem esse direito e deveriam ser punidas igualmente SIM!!!!!! Nao é so porque a pessoa tem dinheiro, que nao deve ser punida, ora!!

Figura 33 – Post 4 do blog Violência na juventude.

Nesse *blog*, também, os textos publicados geraram uma considerável participação da escola nos comentários publicados, compartilhando opiniões, contribuindo ou até mesmo elogiando o trabalho dos alunos. Essa foi uma característica marcante no grupo. Na verdade, foi o que mais chamou a atenção e ilustra de forma bastante evidente como um *blog* pode instigar produções escrita e assim ser uma ferramenta útil para o ensino. O grupo, assim como os outros três selecionados, também utilizou dos *links* para otimizar o *blog*, propiciando ao leitor navegar por páginas, outros pontos de vista sobre o tema:

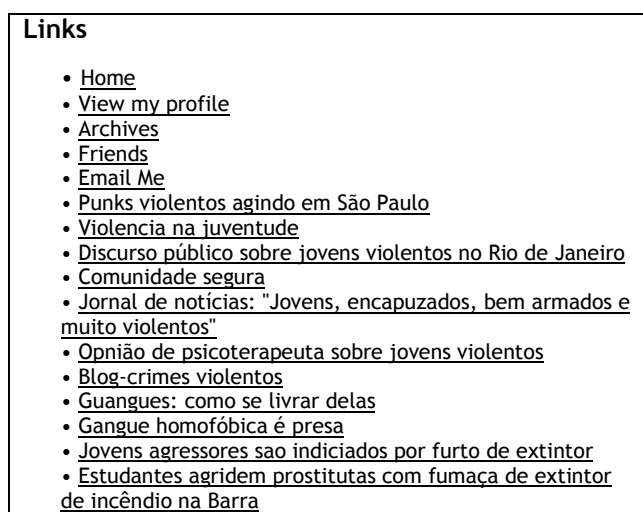


Figura 34 – Links do blog *Violência na juventude*.

Entendo por esse recurso um caso de intertextualidade, contraponto de leituras oferecidas ao aluno no ambiente digital. Em aulas tradicionais de produção textual isso ocorre, porém de forma muito restrita. O professor traz para sala de aula um ou dois textos sobre determinado assunto para polemizar a questão. Isso é válido, no entanto, é mais válido ainda quando o aluno tem uma oferta maior de gêneros textuais que visem contribuir para a formação de ponto de vista, e quando o aluno, de acordo com seus interesses e conhecimentos, opta pela escolha de certos textos em vez de se orientar pela escolha já feita pelo professor. Talvez suas escolhas não sejam muito bem avaliadas pelo professor, mas qual seria o interesse em pesquisa se o aluno não puder também caminhar, desenvolver-se sozinho, fazendo interpretações, deduções?

O aprimoramento do conhecimento do aluno no desempenho de tarefas como a de ler e pesquisar, saber qual a utilidade de uma pesquisa e como difundir as informações básicas para um novo conhecimento de forma sistematizada e que possibilite a rápida integração de outras informações, são fatores de garantia de que a aprendizagem está ocorrendo. É interessante ressaltar, também, que há preocupação desses alunos de oferecer aos leitores de seu blog também a possibilidade de escolhas de leituras.

Realizadas essas considerações, partimos para o último *blog* a ser analisado: “**Redação Naça**”, que aborda o tema “jovens liberais ou conservadores?”.

5.2.4.4 Redação Naça

O *blog* desse grupo tem como tema o conservadorismo e o liberalismo presente no perfil atual da juventude. No entanto, abrange também outras discussões relacionadas à juventude: sexo precoce, aborto. Em tese, defende a idéia de que os jovens iniciam sua vida sexual cada vez mais precocemente, o que leva ao aumento do número de jovens que têm filhos e praticam o aborto.



Figura 35A – Página inicial do Blog Redação Naça – Primeira tela.

No que diz respeito aos recursos de hipermídia, não encontramos um formato muito diferente dos demais *blogs*. O grupo também utilizou textos publicados pela mídia, extraídos de fontes diversas como: jornal Folha de São Paulo, revista Capricho e o site Terra. No entanto, o diferencial desse grupo foi a pesquisa para a discussão da temática: avaliar se o jovem é conservador ou liberal. Para a realização da pesquisa, o grupo entrevistou cem jovens entre 15 a 25 anos, que pertenciam ao grupo social dos próprios alunos. Os dados quantitativos sobre sexo e idade, bem como as respostas dos jovens, foram tabulados. A pesquisa consistia em perguntas que envolviam sexualidade e juventude.

Com o título “Ser ou não ser, eis a questão”, remetia a pergunta centralizadora do debate desse grupo que questionava o atual perfil da juventude: conservadora ou liberal, “eis a questão”. No texto desenvolvido por eles, apresentam primeiramente a tabulação do número de homens e mulheres e suas respectivas idades, tudo ilustrado por gráficos conforme primeira página a seguir descrita:

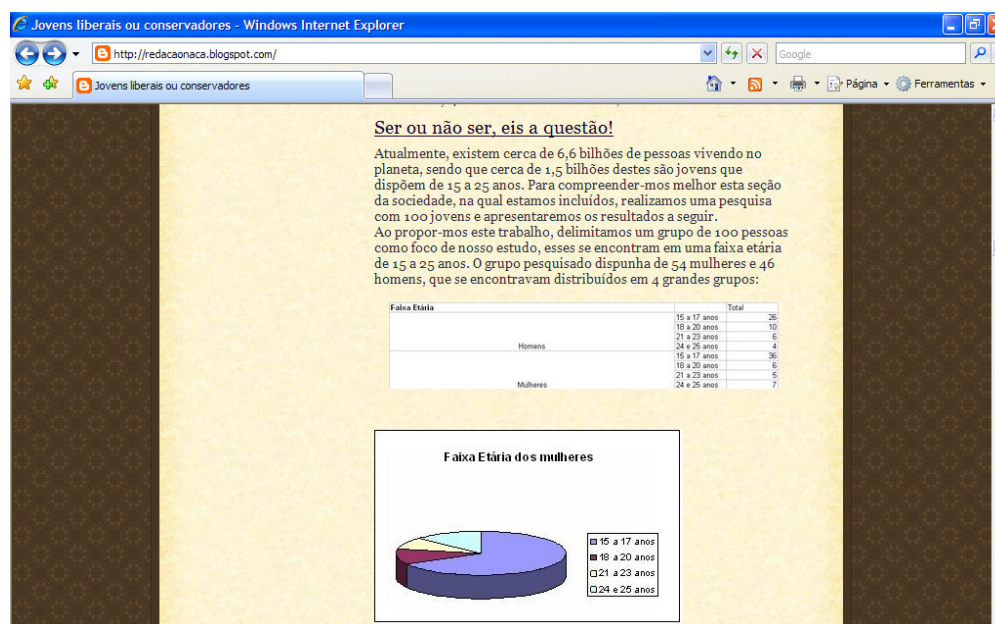


Figura 35B – Página inicial do Blog Redação Naça – Segunda tela.

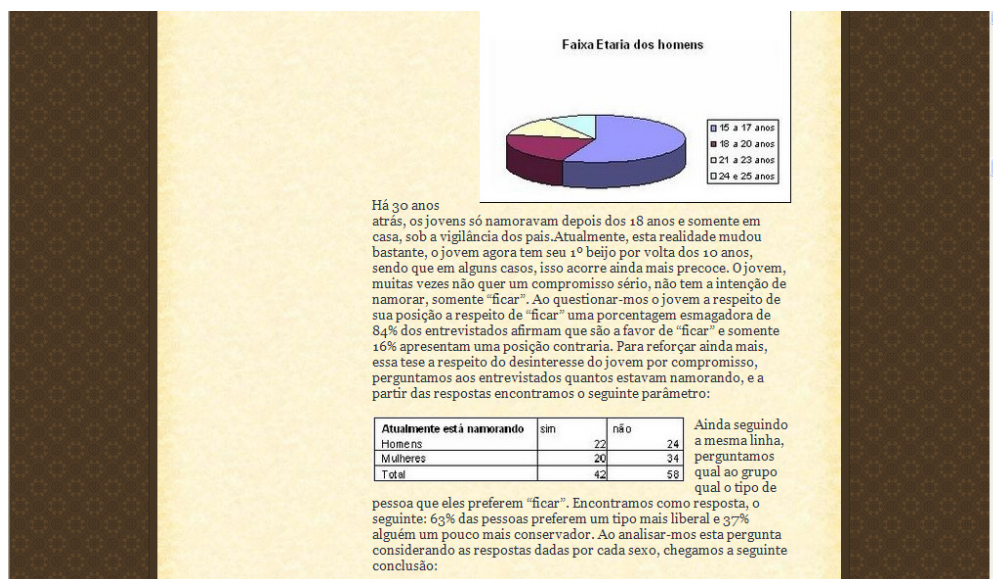


Figura 35C – Página inicial do Blog Redação Naça – Terceira tela.

Esse recurso aos gráficos exige que o aluno aprenda a trabalhar com dados quantitativos, definir modos de apresentação da síntese desses dados, buscar recursos da informática para formatá-los em imagens, utilizando atividades de cálculo e efeito visual, não muito comuns nas aulas de escrita.

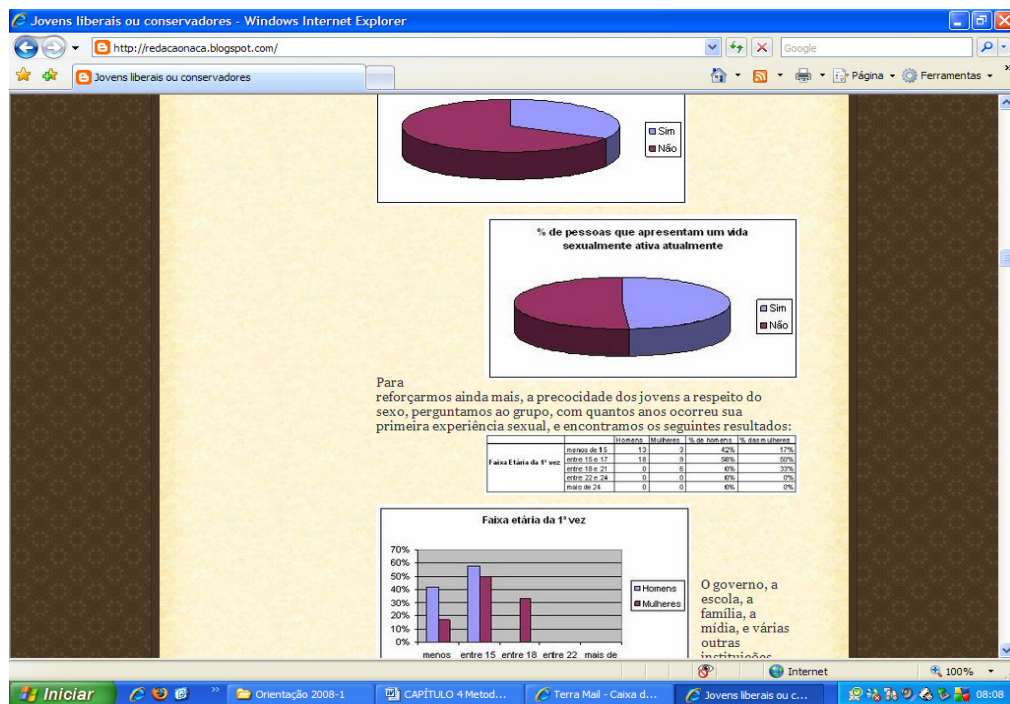


Figura 35D – Página inicial do Blog Redação Naça – Quarta tela.

A intenção de fazer a pesquisa e discutir esses dados partiu de uma iniciativa do grupo: escolher um ponto de partida que seria o ponto de vista do grupo, com base em dados selecionados em uma pesquisa de opinião elaborada por eles. À medida que formulavam as questões e coletavam os dados, produziam um texto e propunham a discussão. Essa estratégia mostrou a maturidade do grupo na formulação de conceitos e seu perfil como alunos pesquisadores. Tal perfil foi evidenciado a partir da descoberta de uma atividade que permitisse explorar esse potencial. É possível dizer, portanto, que o formato mais livre do blog favorece novos modos de praticar a escrita.

A pesquisa para responder à polêmica sobre a juventude quanto a seu liberalismo e conservadorismo chamou-nos a atenção justamente por ter sido proposta pelo grupo. A idéia de tabular os dados mostrou seu espírito crítico e a tentativa de apresentar um resultado fiel a uma pesquisa que poderia ter sido solicitada pelo professor, nesse caso, a única orientação que tiveram foi a de apresentar uma discussão sobre o tema em um *blog*. Por isso, avalio que o *blog* tenha oferecido a oportunidade de os alunos pesquisarem e de apresentarem o resultado de sua pesquisa, ampliando o alcance de leitores, uma vez que o

blog é público. Para o ensino de língua portuguesa, a iniciativa dos alunos promoveu a leitura e a escrita, tendo em vista que leram mais sobre o tema, pesquisaram sobre o assunto, formularam questionários e entrevistas, tabularam dados e apresentaram um texto dissertativo/descritivo sobre o resultado da pesquisa que elaboraram. Isso vai muito além de apenas escrever uma dissertação sobre determinado tema, com o objetivo de entregar para o professor e receber uma nota.

O grupo também apresentou textos já publicados em outros sites com o mesmo tema, o que levou o leitor a comparar os dados, ler outros textos, analisar outros pontos de vista além daqueles apresentados pelo próprio grupo. A página a seguir ilustra uma das discussões apresentadas:



Figura 35E – Página inicial do Blog Redação Naça – Quinta tela.

Para publicar um texto não escrito pelo grupo, foi preciso ler, verificar o encaixe ao tema proposto na discussão, selecionar aqueles que melhor se encaixariam no tema. Portanto, essa tarefa fez com que lessem mais, pesquisassem mais, discutissem mais,

preparando-se para a escrita. O grupo também utilizou *links* para remeter a outros textos do *blog* em formato de arquivo, o que permite ao leitor internauta acesso a textos antigos publicados na página:

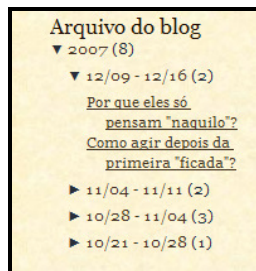


Figura 36 – Links - Arquivos blog Redação Naça..

Esse tipo de *link* é um recurso interessante que o próprio gerador oferece como opção ao blogueiro que intenciona organizar a página: classificar os textos publicados por data, conteúdo, assunto. No entanto, para nós, professores e pesquisadores da área da lingüística, o *link* chama mais atenção quando utilizado para acesso a outros textos, promovendo a intertextualidade e a análise da situação sob outros ângulos. O *link* permite a construção de uma estrutura hipertextual, remete a outros textos com opiniões, gêneros, fontes que tendem a qualificar a leitura em decorrência da diversidade de textos dispostos. Os *links* oferecidos por esse grupo foram incorporados a uma categoria que recebeu o sugestivo nome de “Saiba +”

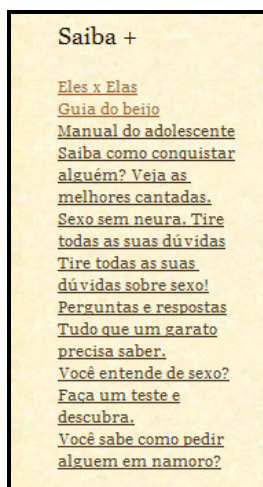


Figura 37 – Links – Sugestões de leitura blog Redação Naça.

As enquetes também estavam presentes nesse blog, e sua função principal, além de reconhecer a opinião do leitor internauta, era interagir com ele.

Teste seus conhecimentos

Você está preparado para namorar?

Você já teve sua primeira experiência sexual?

Sim

Não

Votos até o momento: 0
Enquete encerrada

Você considera o jovem liberal ou conservador?

liberal	6 (60%)
conservador	4 (40%)

Votos até o momento: 10
Enquete encerrada

Figura 38 – Enquete blog Redação Naça.

Verificamos neste segundo estudo que trabalhar com gêneros digitais no ensino médio pode oferecer aos alunos uma nova maneira de desenvolver a leitura e escrita, pois no ambiente digital o suporte permite que o aluno vá além do que o professor orienta em sala de aula. A partir das análises realizadas, defendo que as aulas se tornaram mais dinâmicas, interativas, participativas com a proposta de criação de um blog. O que contribuiu para o sucesso da atividade foi o acesso on-line a outros gêneros virtuais e fontes que são facilitadas por que auxiliam a extensão da pesquisa. Verificamos nesta análise que o trabalho com *blogs* no ensino médio desenvolve a participação coletiva, na qual leitores e autores intercambiam papéis. Isso ocorre porque o gênero e os recursos oferecidos pelo ambiente dão maior liberdade de expressão.

Estas são algumas das considerações avaliadas como positivas quanto à tarefa destinada a este grupo.

No próximo capítulo teço as considerações finais que avaliam o estudo e verificam as respostas que se destinam às perguntas de pesquisa.

CAPÍTULO 6 – Considerações finais

É um fato facilmente comprovável que as manifestações lingüísticas na rede mundial de computadores e número de adeptos de um gênero específico – o *blog* – vem crescendo. Como leitora, observava que os *blogs* despertavam o interesse pela escrita, desde um comentário que se poderia considerar “sem sentido”, até verdadeiros textos, organizados e fundamentados, demonstrando certo desejo de compartilhar pontos de vista com outros leitores, instigando-os a responder, promovendo, assim, uma discussão sobre o tema proposto pelo blogueiro.

Meu trabalho como professora – considerando as próprias características do contexto escolar - tem me mostrado que despertar o interesse pela escrita é uma tarefa árdua e, muitas vezes, infrutífera. Descobri que precisava rever a estruturação das aulas de leitura e produção escrita e pareceu-me, ao menos num primeiro momento, que o *blog* poderia contribuir para essa “reformatação”. O objetivo deste trabalho tornou-se, então, investigar o *blog* como possibilidade de promover um ensino que facilitasse o engajamento dos alunos com práticas de escrita.

Minhas iniciativas de inserir a tecnologia nas aulas de língua materna, mostram os desafios que teremos que enfrentar para mudar nossos modos de ensino mais tradicionais. Além de superar antigos problemas já debatidos na literatura sobre ensino de língua materna, centrado em material impresso, hoje temos que ter, também, a preocupação de favorecer o acesso a comunicação no meio digital.

Embora o objetivo inicial desta pesquisa era buscar conhecimento para entender melhor como utilizar-se do ambiente digital, o desenvolvimento das análises também me fez repensar em minha prática docente e rever os conceitos sobre letramento, e quanto as tarefas tradicionais de produção textual limitam as possibilidades expressivas e criativas dos alunos. Isso faz com que a escola e o professor “perca” seus alunos que preferem buscar conhecimento em ambientes interativos, separando, assim, o conhecimento escolar e o conhecimento de mundo. O uso de gêneros digitais, já dominados pelos alunos, talvez seja um caminho para favorecer a junção dos dois tipos de práticas letradas. Isso segue na direção de propostas educacionais que buscam aproximar a escola da vida dos alunos. No

entanto, essa direção de atuação gera a pergunta: como adequar novos gêneros digitais às tarefas escolares?

Minha pesquisa, principalmente o primeiro estudo, ilustra a dificuldade de explorar as novas teorias sobre gêneros digitais na prática concreta da sala de aula. Como pesquisadora, percebi a necessidade de integrar teoria e prática e de aprender com meus insucessos pedagógicos. Os resultados do segundo estudo apontam para direções mais promissoras.

Em relação à primeira pergunta de pesquisa - O uso do blog como tarefa de sala de aula favorece a prática de produção textual? – o resultado do segundo estudo oferece uma resposta afirmativa. Os quatro blogs produzidos pelos alunos indicam que a tarefa proposta promoveu maior engajamento dos alunos, propiciou a leitura de uma gama de gêneros disponibilizados na Internet, gerou debates e comentários mediados pela escrita. Os dados também indicam que a produção dos alunos foi bastante complexa e não se enquadra no “Internetês” tão criticado pela mídia.

Os blogs analisados mostram a familiaridade dos alunos com construções hipertextuais e com integração de linguagens. Os textos disponibilizados para os leitores virtuais incluíam links para outros textos, vídeos, e imagens compondo com o texto verbal escrito. Os blogs analisados confirmam as vantagens do uso desse gênero para ensino da produção escrita previsto no capítulo 3.

Como apontado na revisão teórica, o *blog* tem a vantagem de integrar, em um único meio, informações de diferentes tipos – visuais, audiovisuais, verbais – permite a exploração de *links* (o que explora a interatividade do meio digital) e também abre espaços para a inclusão de *posts* (favorecendo a interação entre leitores e autores). O estudo realizado ressalta a necessidade de encontrarmos caminhos para explorar o letramento digital em sala de aula. A escrita convencional não seria suficiente para a concretização da tarefa realizada pelos alunos.

Outro ponto a ser destacado é o papel do professor. No primeiro estudo, o modo como o professor idealizou a tarefa proposta foi um dos fatores que comprometeu o bom andamento do trabalho. Buscando facilitar, o professor esperava que os alunos participassem de um *blog* que já estava formatado. Nesse *blog*, o aluno deveria entrar e

escrever para o professor. Enfim, a única coisa que mudou de fato foi o suporte, porque as práticas escolares de produção eram ainda centralizadas na figura do professor.

Pode-se dizer assim que a grande mudança, em relação ao segundo estudo, foi ampliar o universo dos leitores para os blogs produzidos pelos alunos. A meta dos textos passou a ser a divulgação e defesa de pontos de vista e não apenas a nota do professor. A análise realizada indica que a produção de um *blog* é complexa e envolve interação entre leitores e autores, num embate em que ora se somam argumentos, ora se distanciam, contrapõem-se fatos, discutem-se posições, ou seja, muito além do que o aluno geralmente faz no processo de assistir a uma aula no ambiente escolar, escrever o texto, dar para o professor (único leitor) corrigir, receber de volta, guardar na gaveta. Para que isso ocorra é preciso oferecer ao aluno maior autonomia e responsabilidade.

Sintetizando os resultados dos dois estudos realizados, o primeiro ilustrou as dificuldades que encontramos ao tentar mudar a prática de sala de aula. Muitas vezes nossas crenças teóricas não se materializam nas atividades que propomos. O fracasso dessas iniciativas nos leva a buscar outras alternativas. Embora tenhamos analisado apenas quatro blogs no segundo estudo de um modo geral, avaliamos que as mudanças propostas – que previam avaliação do professor, mas davam mais autonomia aos alunos deram resultados positivos na prática. A análise dos quatro *blogs* selecionados indica, para professores de língua portuguesa, que vale a pena inovar em nossas práticas de ensino.

Foi constatado no presente estudo que o trabalho com *blog* em sala de aula oferece aos alunos uma nova maneira de produzir leitura e escrita, permitindo que ele vá além dos muros escolares. As práticas de escrita passam a ser mais dinâmicas, interativas, participativas. O acesso *on-line* a outros gêneros virtuais e fontes de informação instiga a extensão da pesquisa. O *blog* favorece a participação coletiva, formando autores, co-autores, leitores assíduos e alunos mais envolvidos com a leitura e a escrita. Para que isso ocorra, é necessário dar aos alunos maior liberdade de expressão. Essa prática pode levar ao desenvolvimento de habilidades como independência e autonomia e também favorecer o desenvolvimento da capacidade argumentativa, já que os autores do *blog* precisam envolver e convencer outras pessoas sobre seus pontos de vista. No entanto, o uso das páginas digitais, como o *blog*, demanda mudanças sensíveis no perfil do professor: ele deixa de ser

o fornecedor dos textos, aquele que controla o debate e avalia os textos produzidos. O professor passa a ser mais um orientador e, embora avalie e dê nota ao blog, na prática deixa de ser o leitor alvo dos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, J.C. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ªed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna. 2005.

ARAUJO, J.C. **Os chats: uma constelação de gêneros na internet**. Tese de Doutorado em Lingüística. Fortaleza: PPGL-UFC, 2006.

ARAUJO, J.C.(org.) Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual. In: CALVACANTE, M.M.; BRITO,M.A. & MIRANDA, T.P. (orgs) **Teses & Dissertações: Grupo Protexto**. Volume 1. Fortaleza: Protexto – UFC [2003] 2005ª [CD-ROM]. ISBN – 85-904864-2-7

ARAUJO, J.C.(org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007.

ARAUJO, J.C.(org.) Mecanismos hipertextuais do chat: marcas de um novo gênero. Trabalho apresentado na XIX Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste – **GELNE** (Fortaleza – CE) Mimeo. 2002.

BIASE-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informação em resumos de dissertações**. Tese de Doutorado em Lingüística. Florianópolis: UFSC, 1998.

BRAGA, D. B. & RICARTE, I. L. M. **Letramento e tecnologia**. Série Linguagem e letramento em foco. Ministério da Educação. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

BRAGA, D. B. **Hipertexto: questões de produção e de leitura**. Comunicação apresentada no 52º Seminário do GEL. Unicamp, 2004.

BRAGA, D. B. Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica. In: ARAUJO, J.C.(org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007. (p.244-265)

BRAGA, D.B. (2003) A natureza do hipertexto e suas implicações para a liberdade do leitor e o controle do autor nas interações em ambiente hipermídia. Número temático da revista da Anpoll **Revista da Anpoll**, nº 15, 65-86.

BRAGA, D.B. (2005) A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ªed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2005:144-162.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

CAIADO, R. V. R. A Ortografia no gênero Weblog: entre a escrita digital e a escrita escolar. In: ARAUJO, J.C.(org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007.

CAVALCANTI, M. C. Reflexões sobre a Prática como Fonte de Temas para Projetos de Pesquisa para a Formação de Professores de LE. In: ALMEIDA FILHO, J. C.P. (org.) **O Professor de Língua Estrangeira em Formação**. Campinas, Pontes. 1999.

CELANI, M.A.A. **A Formação Contínua do Professor: um Contexto para Reconstrução da Prática**. Projeto de Pesquisa em Andamento. PUC-SP. 1999.

COLLINS, H. & FERREIRA, A. (orgs.) **Relatos de experiência de ensino e aprendizagem de línguas na internet**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

CORREIA, J. Novas tecnologias da informação e da comunicação; novas estratégias de ensino / aprendizagem. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 144p.

COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO A. E. (org.). **Letramento Digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. Coleção Linguagem e Educação. 2005. 248p.

COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 144p.

CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DIONNE, H. A Pesquisa-Ação para o Desenvolvimento Local. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

HALLIDAY, M.A.K. Literacy and linguistics: a functional perspective. In: LUNSFORD, Andrea A.; MOGLEN, Helene & SLEVEN, James (eds). **The Right to Literacy**. Nova York: MLA, 1996. p. 289-306.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002. 168p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOMESU, F.C. (2004) Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ªed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2005.

KOMESU, F.C. (2005) **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet**. Dissertação de doutorado, IEL, UNICAMP.

KOMESU, F.C. (2007) **Internetês para interneteiros: (velhas) questões sobre a escrita**. In: XXXVI(3), setembro-dezembro, 2007:100-107.

KRESS, G. Gains and losses: New forms of textes, knowledge, and learning. In: **Computers and composition 22**. 2005

KRESS, Gunter (1999) “‘English’ at the Crossroads: Rethinking Curricula of Communication in the Context of the Turn to the Visual”. In: G. E. Hawisher & C. L. Selfe *Passions, Pedagogies and 21st Century Technologies* Longan, Utah: Utah State University Press.

LEVY, P. (1999) **Cibercultura** São Paulo: Editora 34.

MACHADO, Arlindo. O Sonho de Mallarmé. In: **Máquina e Imaginário: O desafio das poéticas digitais**. São Paulo: Edusp, 1996.

MARCUSCHI, Beth ; CAVALCANTE, Marianne . Atividades de escrita em livros didáticos de língua portuguesa: perspectivas convergentes e divergentes. In: Marcuschi, B & Costa Val, M.G.. (Org.). **Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania**. 1 ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2000, v. 1, p. 237-260.

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ªed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEREDO, José Carlos de. **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 87-111.

MATENCIO, M. de L. M. **Estudo da língua falada e aula de língua materna – uma abordagem processual da interação professor/alunos**. Campinas - SP: Mercado das Letras. 2001.

MOITA LOPES, L.P. **Oficina de Lingüística Aplicada**. Campinas, Mercado das Letras. 1996.

NELSON, T. H. **Opening Hypertext: A Memoir**. In *Literacy Online: The Promise (and Peril) of Reading and Writing with Computers*. Ed. Myron C. Tuman . Pittsburgh: U of Pittsburgh P, 1992: 43-57.

OLIVEIRA, R. M. C. **Diários públicos, mundos privados : diário íntimo como genero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. Bahia : /s.n./, 2002. Orientador : Prof. Dr. Marcos Silva Palácios.

OLIVEIRA, R.M.C. De onda em onda : a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em : 10/09/2007.

PEREIRA, V. O. **Bate-papo na Internet; algumas perspectivas educativas**. Dissertação (Mestrado em Educação) Fortaleza: Programa de pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC) 2004.

PRIMO, Alex ; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . Comunidades de blogs e espaços conversacionais.Prisma.com, v. 3, p. 1-15, 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/insanus.pdf>

RIBEIRO, A. E. Kd o Prof. ? Tb foi Navegar. In: ARAUJO, J.C.(org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007.

ROJO, R. H. R. . Os PCNs, as práticas de linguagem (dentro e fora da sala de aula) e a formação de professores (Apresentação). In: Roxane Helena Rodrigues Rojo. (Org.). **A Prática de Linguagem em Sala de Aula: Praticando os PCNs**. 1 ed. São Paulo/ Campinas: EDUC/ Mercado de Letras, 2001, v. único, p. 7-12.

ROJO, Roxane (ORG) **A prática de linguagem em sala de aula**. São Paulo: EDUC; Campinas. SP: Mercado de Letras, 2001.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In:MEURER, J.L. & BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Genêros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANCHES, G. Weblogs e educação: contribuição para a construção de uma teoria. 2005. Disponível em: http://www.cinted.ufrgs.br/renote/maio2005/artigos/a15_welogs.pdf

SCHITTINE, D. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHÖN, Donald (2000): **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre, Artes Médicas.

SILVA, Luiz Antônio da. Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, Dino. **Interação na fala e na escrita**. Projetos Paralelos – NURC/SP.2005.

SOUZA, S.C.T. de. **As formas de interação na Internet e suas implicações para o Ensino de Língua Materna**. In: ARAUJO, J.C.(org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007.

VIEIRA, I. L. Leitura na Internet: Mudanças no Perfil do Leitor e desafios escolares. In: ARAUJO, J.C.(org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007. (p.244-265)

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ªed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2005.

XAVIER, A.C. (2002) **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação**. Tese de doutorado. IEL, Unicamp.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AZEREDO, José Carlos de. (org.) **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.203-218.

BATISTA, A.A.G. **Aula de português – Discurso e Saberes Escolares**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BIKERTS, S. **Gutenberg elegies: the fate of reading in na eletronic age**. Boston: Faber and Faber, 1994.

BORDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 248p.

BRAGA, D. B. A Comunicação Interativa em Ambiente Hiperfídia: as vantagens dahipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: XAVIER, A.C.; MARCUSCHI, L.A. (Orgs) **Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro : Ed Lacerna, v. 1, 2004a, p. 144-162.

BRAGA, D. B. e RICARTE, I.L.M.. Letramento na era digital: construindo sentidos através da interação com hipertextos. In: **Revista da ANPOLL**, São Paulo: FFLCH, USP, v. 18, 2005a, p. 59-82.

BRAGA, D. B. Linguagem pedagógica e materiais para aprendizagem independente de leitura na Web. In: COLLINS, H. & FERREIRA, A. (orgs.) **Relatos de experiência de ensino e aprendizagem de línguas na internet**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

BRAGA, D. B.e BUSNARDO, J. Digital Literacy for Autonomous Learning: Designer problems and Learner Choices. In: SYNDER, Ilana; BEAVIS, Catherine. (Ed.) ***Doing Literacy Online: Teaching, Learning, and Playing in an Electronic World***. Jew Jersey: Hampton Press, Inc. 2004.

BRAGA, D.B. e COSTA, L.C. (2000). O ensino de leitura em língua estrangeira mediado por computador: algumas questões a serem consideradas no uso do computador como instrumento e meio para a interação pedagógica. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, v.36, p.30-40, 2000.

_____. A construção de sentidos em hipertextos: questões de autoria e leitura relevantes para a interação crítica com hipertextos. In: FREIRE, M.M. Freire; ABRAHÃO, M.H.V.; BARCELOS, A.M.F. (Orgs.). ***Lingüística Aplicada e Contemporaneidade***. São Paulo: Pontes, 2005, p. 247-268.

_____. A Natureza do Hipertexto e suas implicações para a Liberdade do Leitor e o Controle do Autor nas Interações em Ambiente de Hipermídia. ***Revista da ANPOLL***. nº. 15, jul./dez. 2003, p. 65-85.

BRAGA_____. Ensino de lingual via leitura: uma reflexão sobre a elaboração de material didático pra auto-instrução. ***Trabalhos de Lingüística Aplicada***, n.30. Campinas, 1997, p.5-16.

BRAGA_____. ***Hipertexto: questão de produção e leitura***. Comunicação apresentada no 52º Seminário GEL, Campinas: Unicamp, Julho, 2004b

BURATINI, D.Z. ***Os recursos visuais na compreensão em língua estrangeira***. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem; Universidade Estadual de Campinas, 2004, Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada.

BURBULES, N. C. & Callister, T. A. Jr. (2000) “Hypertext: Knowledge at the Crossroads”. In: ***Watch It: The Risks and Promises of Information Technologies for Education***. Oxford: Westview Press.

BUZATO, M. ***Entre a Fronteira e a Periferia: linguagem e letramento na “inclusão digital”***. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem; Universidade Estadual de Campinas, 2007. Tese de doutorado em Lingüística Aplicada.

BUZATO, M. ***O letramento Eletrônico e o Uso do Computador no Ensino de Língua Estrangeira: Contribuições para a Formação de Professores***. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem; Universidade Estadual de Campinas, 2001, Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada.

BUZATO, M.K. (2001) **O Letramento Eletrônico e o Uso do Computador no Ensino de Língua Estrangeira: contribuições para a Formação de Professores**. Unpublished Master's Dissertation, IEL, State university of Campinas, Brazil.

CAVALCANTE, M.C.B. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: Antonio Carlos Xavier; Luiz Antonio Marcuschi. (Org) **Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Ed Lacerna, 2004. v. 1, p. 163-169.

CHARTIER, R. (1997) **A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador**. São Paulo: Editora Unesp.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reinaldo Carmello Corrêa de Moras. São Paulo, Fundação Editora da Unesp, 1998.

COSTA VAL, Maria da Graça. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos de. **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 2ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.34-51.

DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma perspectiva francófona. In: ROYO, R. G. & CORDEIRO (org. / trad.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras. 2004.

GAZETA, S. M.M (2000) **A interação na Internet: A influência das novas tecnologias da comunicação na constituição de novos gêneros discursivos**. Dissertação de mestrado, IEL, UNICAMP /www.ead.unicamp.br/e-lang.

GOMES, L.F. **A interação na leitura de hipertextos educacionais: um estudo sobre as possibilidades didáticas**. Comunicação apresentada no I Encontro Nacional sobre Hipertexto: desafios lingüísticos, literários e pedagógicos. 2005 [acesso outubro 2006]. Disponível em: <http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc025.pdf>

GOMES, R. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: Maria Cecília de Souza Minayo (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

KLEIMAN, A. B. & CAVALCANTI, M. C. & BORTONI, S. M. **Considerações sobre o Ensino Crítico de Língua Materna**. Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL). IEL, Campinas. Pp 475-91. 1993.

KLEIMAN, Angela B. (org) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 6.ed.Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003. 294p.

KLEIMAN, Angela B. Concepções da escrita na escola e formação do professor. In: VALENTE, André. (org.) **Aulas de português: Perspectivas inovadoras**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.67-82.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

LANDOW, G. P. (1992) **Hypertext 2.0: The convergence of contemporary critical theory and technology**. Baltimore, London: University Press.

MANOVICH, L. (2001) **The Language of the New Media**. Cambridge, Mass. and London: The MIT Press.

MARCUSCHI, L. A. (2002) **Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital**. Conferência apresentada no L Encontro do GEL. USP, SP. 23 a 25 de maio de 2002.

MARCUSCHI, L. A. (2002) **Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital**. Conferência apresentada no L Encontro do GEL. USP, SP. 23 a 25 de maio de 2002.

MARCUSCHI, L.A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEREDO, José Carlos de. **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 2ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.87-111.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, Vol. 4, No. 1, 2001b, p.79-111.

Mayer, R. E (1997) **Multimedia Learning: Are we asking the right questions?** *Educational Psychologist*, Lawrence Erlbaum Associates, v. 32, n. 1, p. 1-19.

MEURER, J.L. & BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Genêros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

POSTMAN, N. **The end of education: redefining the value of school**. New York: Vintage Books, 1995.

SIMÕES, Darcília. A formação docente em letras à luz dos parâmetros curriculares nacionais: códigos e linguagens. In: AZEREDO, José Carlos de. **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 2ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.112-117.

SMITH, C. F. 1994. **Hypertextual Thinking**. In : C.L. SELF & S.HILLIGOSS (1994)

SNYDER, I. (1996) **Hypertext: The electronic labyrinth**. New York: University Press. *technologies for education*, Westview, 2000. *technology*. University Press, 1997

XAVIER. **O hipertexto na Sociedade da Informação: a constituição do modo de enunciação digital.** Campinas: Instituto de estudos da Linguagem, UNICAMP. Tese de Doutorado em Linguística, 2002.

PÁGINAS VIRTUAIS CONSULTADAS

175 mil novos blogs são criados por dia. Disponível em:

<http://clickblog.com.br/blog/2007/01/20/175-mil-novos-blogs-sao-criados-por-dia/>

Diários virtuais se popularizam na rede. Disponível em:

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp0503200398.htm>

Brasil é o 5º país mais blogueiro do mundo. Disponível em :

<http://www.mundotecno.info/noticias/brasil-e-o-5%C2%BA-pais-mais-blogueiro-do-mundo>

Orkut não entende seu sucesso no Brasil. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>

<http://pt.wikipedia.org>

<http://bligus.blig.ig.com.br/>

<http://ultimosegundo.com.br>

www.folhasp.com.br

<http://mundotecno.inf>

www.mundotecno.info/noticias/brasil

www.idgnow.uol.com.br

pt.wikipedia.org/wiki/Blog.

www.portaldigitro.com.br/pt/tecnologia_glossario-tecnologico.php

www.paraibaonline.com.br

<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/insanus.pdf>

<http://idelberavelar.com> Acesso em 15/03/2007.

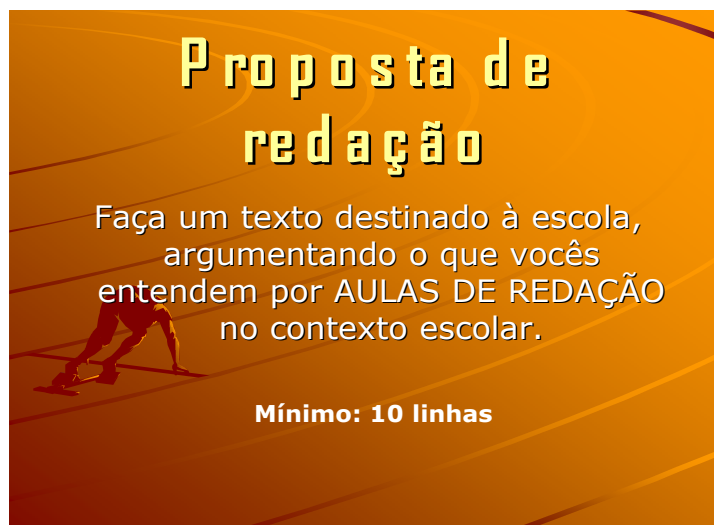
<http://emdoisneuronios.blogspot.com/> Acesso em 20/02/2008.

<http://technorati.com/weblog/blogsphere/>

ANEXOS

ANEXO 1

Proposta de redação – coleta de dados
Os alunos avaliam o ensino de escrita.



Ao elaborar seu texto, reflita sobre as seguintes questões:

1. O que é escrever hoje para você?
2. Qual é o espaço?
3. Preguiça é fato?
4. O que pode substituir o conhecimento da leitura e da escrita?
5. Quanto ao desenvolvimento da escrita, quais são os problemas da escola?
6. Sobre escrever, quais são os problemas dos alunos?
7. Quais são os problemas do ato de escrever?
8. Quais são as vantagens em escrever?
9. Que tipo de liberdade a escrita proporciona, ou se não, por que não proporciona liberdade?
10. Que tipo de ônus vocês têm de não saber escrever? Que custo isto gera?

ANEXO 2

ESTUDO 1

Proposta de redação – coleta de dados
Os alunos avaliam o blog da professora.

Caro(a) aluno(a),

Na tentativa de compreender o insucesso de nossa atividade em sala de aula com o blog, apresente a(s) razão(ões) que você julga pertinente apontar como as causas desse insucesso. Para você, porque não foi interessante trabalhar com o blog em nossa disciplina de Redação?

Suas observações apenas têm a contribuir para melhorarmos nosso trabalho em sala de aula. Desde já, agradeço sua colaboração e participação neste estudo.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

ANEXO 3

ESTUDO 2

Trabalho de Redação

Profª. Cláudia

1. Objetivo geral

Além de preparar os alunos para o vestibular, é pertinente a necessidade de preparar os alunos para a vida. Hoje a Internet é central para construção de conhecimento e trabalho coletivo, além do que a produção coletiva está cada vez mais exigida no mercado de trabalho.

2. Objetivos específicos

- Utilizar o gênero blog como instrumento pedagógico facilitador da promoção de debates e interatividade nas aulas de Redação.
- Trabalhar com temas que envolvam as discussões propostas pelos atuais vestibulares com o intuito de desenvolver a argumentação, desenvoltura para o debate e análise crítica.
- Propor desenvolver a análise crítica como um tipo de produção textual.

3. Tarefa

COLETIVIDADE - A turma será dividida em grupos de cinco pessoas de acordo com o tema escolhido por cada grupo.

GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
Direitos humanos	Jovens: liberais ou conservadores	Porque a juventude tornou-se tão violenta e ameaçadora?	Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Mães criminosas: o que está acontecendo?

Cada grupo irá construir um blog sobre o tema, utilizando de todos os recursos possíveis que forem interessantes para o trabalho.

3.4 Prazos

Estabelecimento dos grupos: 18 e 19/10/2007

Entrega do endereço do blog: 03/11/2007 (sábado) via correio eletrônico:

claudiardrgs@terra.com.br

3.5 Turmas envolvidas

2º e 3º ano do Ensino Médio

3.6 Avaliação

Avaliação formativa 6,0 pts

"A maior conquista da humanidade não é a revolução da tecnologia, é a evolução da criatividade."
Cláudia

ANEXO 4

ESTUDO 2

CRONOGRAMA - DISCUSSÕES DOS TEMAS 2ºCOLEGIAL

GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
08/11	15/11	22/11	29/11	07/12
Direitos humanos	Jovens: liberais ou conservadores	Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Mães criminosas: o que está acontecendo?

CRONOGRAMA - DISCUSSÕES DOS TEMAS 3ºCOLEGIAL

GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
09/11	16/11	23/11	30/11	08/12
Direitos humanos	Jovens: liberais ou conservadores	Porque a juventude tornou tão violenta e ameaçadora?	Caos aéreo no Brasil: de quem é a culpa?	Mães criminosas: o que está acontecendo?

ANEXO 5

ESTUDO 2 QUESTIONÁRIO – COLETA DE DADOS

Caro aluno,

Para iniciarmos nosso trabalho com blog, responda, por favor, a seguinte pergunta:

1. Você tem blog?

() sim () não

Se não, porquê?

Se sim, qual o endereço?
